



**Universidade de  
Aveiro  
2017**

Departamento de Comunicação e Arte

**ANA TERESA CRUTO  
DIAS PEREIRA**

**AS TECNOLOGIAS E MEDIA DIGITAIS NO SUPORTE  
ÀS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS ENTRE AVÓS  
E NETOS**



**Universidade de  
Aveiro**  
2017

Departamento de Comunicação e Arte

**ANA TERESA CRUTO  
DIAS PEREIRA**

**AS TECNOLOGIAS E MEDIA DIGITAIS NO SUPORTE  
ÀS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS ENTRE AVÓS E  
NETOS**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Comunicação Multimédia, realizada sob a orientação científica da Doutora Ana Carla Miguéis Amaro, Professora Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

## **o júri**

presidente

**Professor Doutor Óscar Emanuel Chaves Mealha**

Professor Associado com Agregação da Universidade de Aveiro

vogal  
arguente principal

**Professora Doutora Maria Cristina Mendes da Ponte**

Professora Associada com Agregação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

vogal  
orientador

**Professora Doutora Ana Carla Miguéis Amaro**

Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

## **agradecimentos**

Há muitas pessoas a quem devo agradecer por todo o acompanhamento durante a realização desta dissertação.

Quero começar por agradecer à minha família, pois eles são a minha maior força, o meu maior apoio e estão sempre presentes nos vários percursos da minha vida.

Quero também agradecer à minha orientadora, a Doutora Ana Carla Miguéis Amaro, por me guiar durante todo este processo e me auxiliar em todos os momentos necessários.

Um agradecimento especial aos meus melhores amigos, Marcelo Santos, Marco Neves, Miguel Carvalho, Nuno Carvalho e Tita Silva, por percorrerem todo este caminho universitário comigo e por estarem presentes, não só nos bons momentos, como também nos momentos mais stressantes.

Também um agradecimento indispensável a todos as pessoas que gentilmente doaram o seu tempo, para participar na minha investigação, quer nas sessões de Focus Groups, quer nas respostas aos Questionários e por sua vez, ao Sr. Veiga que disponibilizou grande parte do material técnico necessário para a realização desta investigação.

Um muito obrigada a todos!

## **palavras-chave**

Relações intergeracionais, Comunicação, Tecnologias/media digitais, Avós, Netos.

## **resumo**

Hoje em dia, as tecnologias e os media digitais estão cada vez mais presentes nas vidas das pessoas, como suporte à comunicação e às relações.

Numa sociedade em que cada vez mais se observa uma maior esperança de vida, é natural que aumente quer o número de relações intergeracionais, quer as suas durações.

Partindo da delimitação teórica do conceito de relação intergeracional e da forma como, nesse contexto, se dá a comunicação e a interação, este estudo teve por objetivo compreender como as tecnologias e media digitais suportam e influenciam esses processos de comunicação e interação intergeracionais, particularmente entre avós e netos.

A investigação teve como objetivo último a conceptualização de uma narrativa audiovisual, que partiu dos resultados dos estudos empíricos para documentar, ficcionadamente, situações que pretendem sensibilizar a sociedade relativamente ao uso das tecnologias nas relações entre avós e netos.

No sentido da persecução dos objetivos delineados e resposta à questão de investigação, para além de uma revisão da literatura que permitiu fornecer ao estudo um enquadramento concetual e teórico, foram realizadas três sessões de Focus Groups (uma com avós, outra com netos e uma última, com especialistas na área) e Inquéritos por Questionário (a seniores e a crianças/jovens).

Os dados recolhidos nestas sessões permitiram não só uma melhor compreensão da temática, como também permitiram delinear, com maior clareza, os objetivos específicos na conceptualização do artefacto audiovisual, suportar o desenvolvimento da narrativa, bem como caracterizar as personagens e os demais elementos da ação.

**keywords**

Intergenerational relationship, Communication, Technology/Digital media, Grandparents, Grandchildren.

**abstract**

Nowadays, digital technologies and media are increasingly present in people's lives, as support for communication and relationships.

In a society where more and more life expectancy is observed, it is only natural the increase in both the number of intergenerational relations and their durations.

Starting from the theoretical delimitation of the concept of intergenerational relationship and the way in which communication and interaction take place in this context, this study aimed to understand how digital media and technologies support and influence these communication and intergenerational interaction processes, particularly between grandparents and grandchildren.

The main objective of the research was the conceptualisation of an audiovisual narrative, derived from the results of the empirical studies, to document, fictionally, situations that intend to sensitise the society regarding the use of technologies in the relations between grandparents and grandchildren.

In the sense of pursuing the objectives outlined and responding to the research question, in addition to a literature review that allowed the study to be given a conceptual and theoretical framework, three Focus Groups sessions were held (one with grandparents, one with grandchildren and one last with specialists in the field) and Questionnaire Surveys were answered by seniors and children / youth.

The data gathered in these sessions allowed not only a better understanding of the subject, but also allowed to delineate more clearly the specific objectives in the conceptualisation of the audiovisual artefact, to support the development of the narrative and to characterise all elements of the action.



# Índice

<b>Capítulo 1. Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo 2. Enquadramento Teórico .....</b>	<b>7</b>
2.1 Relações Intergeracionais .....	7
2.1.1 Relação Avós-Netos: Comunicação e Interação.....	9
2.1.2 Efeitos das Relações Intergeracionais, com Foco nas Relações Avó-Neto .....	14
2.1.3 O Papel Familiar .....	18
2.2 As Tecnologias e os Media digitais como Suporte à Comunicação e às Relações Intergeracionais, entre Avós e Netos.....	21
2.2.1 As Tecnologias e Media Digitais como base para a Comunicação nas Sociedade Atuais.....	21
2.2.2 As Gerações e o Uso das Tecnologias e Media Digitais.....	24
2.2.2.1 Crianças/Jovens .....	25
2.2.2.2 Sêniore.....	28
2.2.3 A Interação Digital e Intergeracional, entre Avós e Netos.....	30
2.3 Docuficção.....	34
2.3.1 Documentário Digital .....	34
2.3.2 A ficção .....	36
2.3.3 A fusão do documentário e da ficção: Docuficção .....	38
<b>Capítulo 3. Metodologia .....</b>	<b>41</b>
3.1 Caraterização metodológica da investigação .....	41
3.2 Desenho do estudo: fases de desenvolvimento da investigação .....	44
3.3 Seleção dos participantes.....	45
3.4 Método de Recolha e Tratamento de Dados .....	48
3.4.1 Recolha de Dados.....	48
3.4.2 Tratamento de Dados .....	55



<b>Capítulo 4. Apresentação e Discussão dos Resultados .....</b>	<b>57</b>
4.1 Resultados dos Inquéritos por questionário .....	58
4.1.1 Seniores/Avós .....	58
4.1.2 Crianças/Jovens (Netos).....	70
4.2 Focus Groups .....	84
4.2.1 Sessão de Focus Group com os Seniores (Avós) .....	84
4.2.2 Sessões de Focus Group com Crianças/Jovens (Netos) .....	93
4.2.3 Sessões de Focus Group com Especialistas na Área .....	97
4.3 Considerações finais acerca dos resultados obtidos na investigação .....	107
<b>Capítulo 5. Conceptualização de uma narrativa audiovisual - “HELLO, AVÓS!” .....</b>	<b>113</b>
5.1 Ideia, story-line e sinopse.....	114
5.2 Estrutura e Guião .....	116
<b>Capítulo 6. Conclusões.....</b>	<b>123</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>127</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>135</b>
Anexo I – Questionário: Avós/Netos.....	135
Anexo II – Transcrição do Focus Group dos Avós.....	135
Anexo III – Transcrição do Focus Group dos Netos.....	135
Anexo IV – Transcrição do Focus Group dos Especialistas na Área.....	135
Anexo V – Respostas dos Questionários .....	135
Anexo VI - Guião da Narrativa "HELLO, AVÓS!" .....	135

## Índice de Figuras

<b>Figura 1</b> - Diagrama do Processo de Comunicação .....	8
<b>Figura 2</b> – Diagrama da população mundial por nível de fertilidade ao longo do tempo..	10
<b>Figura 3</b> – Diagrama sobre a expectativa de vida no mundo.....	10
<b>Figura 4</b> - Fases de desenvolvimento .....	44
<b>Figura 5</b> – Guião – Parte 1 .....	117
<b>Figura 6</b> – Guião – Parte 2 .....	118
<b>Figura 7</b> – Guião – Parte 3 .....	119
<b>Figura 8</b> – Guião – Parte 4 .....	120
<b>Figura 9</b> – Guião – Parte 5 .....	121
<b>Figura 10</b> – Guião – Parte 6 .....	122

## Índice de Gráficos

<b>Gráfico 1</b> - Género (Seniores).....	58
<b>Gráfico 2</b> - Habilitações Literárias (Seniores) .....	58
<b>Gráfico 3</b> – Dispositivos Tecnológicos Utilizados (Seniores) .....	59
<b>Gráfico 4</b> – Horas p/dia de Utilização dos Dispositivos Tecnológicos (Seniores) .....	60
<b>Gráfico 5</b> – Acesso à Internet (Seniores) .....	61
<b>Gráfico 6</b> – Frequência de Uso da Internet (Seniores) .....	62
<b>Gráfico 7</b> – Sítios onde é Despendido o Tempo na Internet (Seniores) .....	63
<b>Gráfico 8</b> – Conta em Rede Social (Seniores) .....	64
<b>Gráfico 9</b> – Redes Sociais Utilizadas (Seniores) .....	65
<b>Gráfico 10</b> – Tipo de Relação com os Netos (Seniores).....	66
<b>Gráfico 11</b> – Frequência de Contacto com os Netos (Seniores).....	68
<b>Gráfico 12</b> – Forma de Contacto com os Netos (Seniores) .....	69
<b>Gráfico 13</b> – Género (Jovens) .....	70
<b>Gráfico 14</b> – Dispositivos Tecnológicos Utilizados (Jovens) .....	71

<b>Gráfico 15</b> – Horas por dia de Utilização dos Dispositivos Tecnológicos (Jovens) .....	72
<b>Gráfico 16</b> – Acesso à Internet (Jovens) .....	73
<b>Gráfico 17</b> – Frequência de Uso da Internet (Jovens) .....	74
<b>Gráfico 18</b> – Sítios onde é Despendido o Tempo na Internet (Jovens) .....	75
<b>Gráfico 19</b> – Conta em Rede Social (Jovens) .....	76
<b>Gráfico 20</b> – Redes Sociais Utilizadas (Jovens) .....	77
<b>Gráfico 21</b> – Tipo de Relação com os Avós (Jovens) .....	79
<b>Gráfico 22</b> – Frequência de Contacto com os Avós (Jovens).....	81
<b>Gráfico 23</b> – Forma de Contacto com os Avós (Jovens) .....	82

## Índice de Tabelas

<b>Tabela 1</b> – Participantes da Sessão com os Sêniors .....	46
<b>Tabela 2</b> – Participantes da Sessão com as Crianças e Jovens .....	47
<b>Tabela 3</b> – Participantes da Sessão com os Especialistas da Área .....	48
<b>Tabela 4</b> - Questões: Focus Group - Avós/Netos .....	51
<b>Tabela 5</b> - Questões: Focus Group - Especialistas na área .....	52
<b>Tabela 6</b> - Questões e Escolhas: Questionário - Avós/Netos .....	54

# Capítulo 1. Introdução

Hoje em dia vivemos em sociedades que, por um lado, são cada vez mais envelhecidas e, por outro lado, cada vez mais tecnológicas e digitais. Desta maneira, é natural que as relações humanas assumam cada vez mais uma dimensão intergeracional, nomeadamente entre as camadas/faixas etárias mais velhas e mais novas, que têm agora oportunidade de coexistir e conviver. Será igualmente natural que as tecnologias e os media digitais sejam utilizadas para o suporte à comunicação e relações intergeracionais.

Através de uma revisão da literatura, compreende-se o papel importante que as tecnologias e media digitais podem, efetivamente, ter nas relações intergeracionais, particularmente nas relações entre as gerações de interesse a este estudo: avós e netos. Como afirma Novak (2012), as tecnologias estão cada vez mais presentes como suporte à comunicação e às relações intergeracionais.

O levantamento bibliográfico permitiu verificar que existe um número generoso de recursos bibliográficos que abordam o tema da comunicação entre diferentes gerações, nomeadamente entre avós/seniores e netos/crianças ou jovens (ver, por exemplo, Anderson, Harwood, Lin, & Soliz, 2005); Amaro, A., Veloso, A., & Oliveira, L., 2016).

Os resultados destes estudos são consensuais, indicando que os efeitos da comunicação e interação entre estas gerações são benéficos para ambas, assumindo-me mesmo como fundamentais, nomeadamente para contrariar a perpetuação de preconceitos e estereótipos relativamente aos cidadãos mais velhos, evitando-se assim o seu isolamento social e a perda do seu conhecimento e experiência que, no contexto dessas relações, pode ser transmitido às gerações mais jovens.

Como afirmam Strom & Strom (2015) e Amaro et al. (2016), o tempo que avós e netos passam juntos, a aprendizagem recíproca, bem como a partilha de sentimentos, pensamentos e emoções são aspetos determinantes para o sucesso das relações intergeracionais. Compreende-se assim que, para uma relação intergeracional, entre avós e netos, funcionar, ambas as gerações têm que se esforçar e trabalhar nessa direção. A comunicação e interação têm que ser recíproca e não ser esquecida.

No entanto, e nas sociedades atuais, a tecnologia e os media digitais assumem uma importância fundamental, nomeadamente no suporte aos processos de comunicação e interação entre os indivíduos. Desta maneira, é natural supor que estas poderão ter uma função importante nas relações intergeracionais, como ferramentas de comunicação e de ligação. Neste domínio, o levantamento bibliográfico procurou documentos que abordassem investigação sobre a maneira como cada geração utiliza as tecnologias; os efeitos resultantes da comunicação e relação intergeracional, que acontece utilizando tecnologias; a maneira como a comunicação é realizada; as limitações (pessoais e técnicas) de cada geração; a maneira como estas duas gerações aprendem uma com a outra e trocam experiências; entre outros.

Também são muitos os estudos que tratam esta área das relações entre avós e netos, que usam as tecnologias e media digitais como suporte à comunicação e interação entre eles. Estes mostram que as tecnologias e media digitais trazem benefícios inegáveis. As tecnologias funcionam como uma ponte, abrem caminhos para diminuir a distância, caso avô e neto estejam longe um do outro; permitem relações intergeracionais sem intrusão; facilitam a construção de legado; facilitam a transmissão cultural; permitem que o neto partilhe e ensine os seus conhecimentos ao avô e que o avô aprenda algo novo e observa a perícia do seu neto (Hunt, 2012).

Outra realidade observada é a de que muitos avós e netos não residem juntos e as suas relações têm que ser vividas à distância. Muitas vezes, as tecnologias e media digitais são a única solução para contornar esta distância comunicacional.

Embora sejam uma solução rápida e eficiente, estas podem trazer desafios comunicacionais e técnicos para os avós e com o tempo os laços entre estas duas gerações acabam por mudar. (Bangerter & Waldron, 2014)

Como Patrício e Gonçalves (2010) abordam, algo que se deve ter em conta será o facto dos seniores terem alguns problemas técnicos aquando a utilização de tecnologias e media digitais,

contudo não têm medo destes, estão dispostos a usá-los e por vezes até o fazem com bastante eficiência.

O último ponto a ter em consideração tem a haver o facto deste projeto de investigação envolver a conceptualização de um artefacto audiovisual, um documentário de ficção (docuficção). Esta será uma forma de demonstrar e documentar a utilização das tecnologias e media digitais e o seu efeito nas relações intergeracionais, entre avós e netos, a um público.

Foi vantajoso pesquisar o que já foi feito de relevante em termos de artigos e manuais que abordem o conceito de documentário digital e documentário de ficção.

## **Finalidades e Objetivos**

É facto que o aumento da expectativa de vida de adultos mais velhos/seniores, faz com que as relações intergeracionais, nomeadamente entre avós e netos, durem mais tempo (Novak, 2012).

Assim, as relações intergeracionais entre avós e netos e o papel que as tecnologias e media digitais desempenham (ou podem desempenhar) nessas relações, deveria ser uma das temáticas a ter mais em atenção, pois para além de todos os efeitos positivos que estas relações têm em ambas as gerações, as crianças, normalmente, criam a sua primeira relação e interação com seniores, com os seus avós: *“For most children, grandparents are the first older adults they know and with whom they experience the majority of communication with older people.”* (Amaro, Veloso, & Oliveira, 2016, p.620).

Partindo daqui e centrando-nos nos estudos sobre a temática referente à interação de pessoas, através do uso de tecnologias, alguns autores afirmam que as relações entre avós e netos são pouco estudadas, estando o foco mais direccionado para relações entre adultos/pais e crianças/filhos (Amaro et al., 2016).

Também para Tompkins (2017), a criação de programas intergeracionais, que promovam uma sociedade internacional intergeracional positiva, são imperativos.

Neste sentido, esta investigação tem como objetivo principal contribuir para este domínio de estudo, procurando compreender a maneira como as tecnologias e media digitais influenciam a comunicação e as relações intergeracionais, com um especial foco nas relações entre avós e netos.

Para além disso, a investigação teve como objetivo último partir dos resultados dos estudos empíricos com avós, netos e investigadores especialistas na área, para a conceptualização de uma

narrativa audiovisual de docuficção, que pudesse retratar, informar e sensibilizar um público relativamente ao domínio da investigação.

Assim, identificam-se como objetivos específicos desta investigação os seguintes:

- Compreender o estado atual do conhecimento no domínio em que se insere a investigação;
- Perceber no que se baseiam as relações intergeracionais;
- Compreender de que modo as gerações de interesse ao estudo (avós/seniores, com idades compreendidas entre os sessenta e os noventa anos e netos/crianças ou jovens, com idades compreendidas entre os sete e os quinze anos) comunicam entre si e como as suas relações são influenciadas pelas tecnologias e pelos media digitais;
- Identificar quais as principais tecnologias e media digitais utilizados para suportar os processos de interação e comunicação intergeracionais;
- Conceptualizar uma narrativa audiovisual (documentário de ficção) que demonstre e retrate os resultados obtidos.

## **Questão de Investigação**

Tendo em conta os objetivos estabelecidos, foi criada uma questão de investigação de cariz exploratório, cuja resposta se procurou através de uma revisão da literatura e do estudo empírico levado a cabo. A questão de investigação foi desenvolvida segundo os critérios de clareza, exequibilidade e pertinência apresentados por Quivy e Campenhoudt (1998) e é a seguinte:

**“Qual o papel das tecnologias e dos media digitais no suporte à comunicação e relações intergeracionais, nomeadamente entre avós e netos?”**

## **Metodologia e Desenho da investigação**

De modo a obter as informações necessárias para a compreensão da problemática, resposta à questão de investigação formulada e persecução dos objetivos delineados, adotou-se uma metodologia de investigação de natureza descritiva, com uma abordagem qualitativa.

O desenho da investigação passou pela estruturação do estudo em quatro fases fundamentais:

1. Revisão da literatura e levantamento do estado da arte;
2. Seleção dos métodos e técnicas de recolha de dados, criação dos instrumentos de investigação e seleção de participantes;

3. Estudos empíricos: realização de questionários a avós e netos e realização de três sessões de Focus Groups (FG), com avós, netos e especialistas na área;
4. Análise de dados e reflexão;
5. Conceptualização da narrativa audiovisual.

Assim, de modo a obter os dados necessários e de modo a responder à pergunta de investigação, foi feita uma revisão da literatura e levantamento do estado de arte, seguidamente foram escolhidos os métodos e técnicas de recolha de dados, como também a criação dos instrumentos de investigação e foram selecionados os possíveis participantes para as sessões de Focus Groups e para as respostas aos Questionários.

Desta forma foram realizadas 3 sessões de Focus Groups, uma com avós, uma com netos e outra com especialistas na área e para um complemento de informações, foram ainda realizados Questionários (cf. **Anexo I**), a avós e netos. Posteriormente fez-se a análise e tratamento, de carácter qualitativo, dos dados obtidos.

Por último, com os resultados alcançados durante a investigação, prosseguiu-se para a conceptualização de um documentário de ficção (docuficção) que retrata a visão atingida pela a investigadora, relativamente à temática.

Toda a questão da metodologia e desenho de investigação é melhor abordada no **Capítulo 3**.

## **Estrutura da dissertação**

Este documento divide-se em seis capítulos. Este primeiro, introduz a investigação, fazendo uma breve abordagem à problemática do estudo, às finalidades e objetivos da investigação, à questão de investigação, à metodologia adotada desenho do estudo e, por último, apresentando a estrutura do documento.

No **Capítulo 2**, é possível encontrar o enquadramento teórico, onde é apresentada a base teórica da investigação e que se divide em três secções, nomeadamente: a secção “Relações Intergeracionais” sistematiza os conceitos e teorias existentes em relação a este tema, focando-se nas relações entre avós e netos, como é feita a sua comunicação e interação, quais são os efeitos que essas relações provocam e qual será o papel da família no desenvolvimento destas relações; a secção “As Tecnologias e os Media Digitais como Suporte à Comunicação e às Relações Intergeracionais, entre Avós e Netos”, faz conexão entre as relações intergeracionais (entre avós e netos) e as tecnologias e media digitais, analisando as várias questões que envolvem a literacia digital e o uso das tecnologias por parte, quer dos avós quer dos netos, bem como o seu uso no



contexto das suas interações e comunicações; a terceira e última secção, “Documentário Digital”, está ligada a uma parte mais prática desta investigação, que envolveu a conceptualização de uma narrativa audiovisual do tipo docuficção, que retrate a realidade observada durante toda a investigação.

O **Capítulo 3** deste documento, refere-se ao estudo empírico da investigação. Esta secção tem como base a apresentação e justificação da metodologia adotada, assim como do desenho de investigação. Juntamente é também apresentada uma exploração das fases de desenvolvimento da investigação, é apresentado o método de seleção dos participantes e as suas caraterizações e, por ultimo, é feita uma abordagem do método de recolha e tratamento de dados.

Seguidamente, no **Capítulo 4**, são apresentados e discutidos os resultados obtidos através do estudo empírico desta investigação, nomeadamente através dos questionários e dos Focus Groups com avós, netos e investigadores especialistas na área. Neste capítulo é feita, primeiramente, uma abordagem às respostas dos questionários dos seniores (avós) e depois às respostas das crianças/jovens (netos), em seguida são analisados e discutidos os resultados alcançados com os Focus Groups, começando pelos seniores, seguindo para as crianças/jovens e terminando com os especialistas na área e, por fim, são apresentadas algumas considerações finais relativas aos resultados obtidos.

No **Capítulo 5** encontra-se a conceptualização da narrativa audiovisual “HELLO, AVÓS!”, um documentário de ficção (docuficção), passando pelas várias fases do seu planeamento. Neste ponto é apresentada a ideia, story-line, sinopse, estrutura e guião da narrativa.

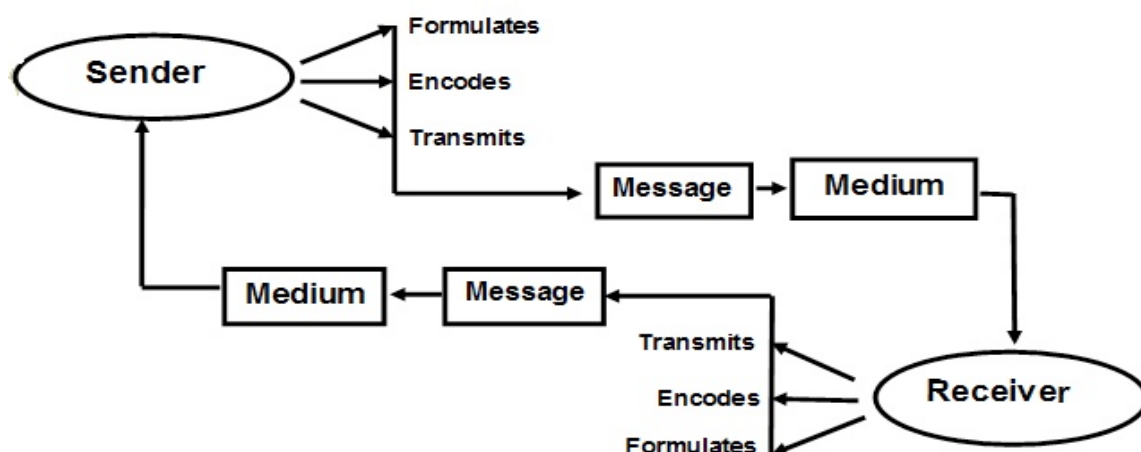
Por último, **Capítulo 6** são apresentadas as conclusões da investigação, as limitações do estudo, o contributo científico e as perspectivas futuras desta investigação.

# Capítulo 2. Enquadramento Teórico

## 2.1 Relações Intergeracionais

As sociedades assentam na criação e manutenção de relações interpessoais. Como afirma Pereira (2011), as sociedades têm sido “marcadas pelos fortes laços relacionais que vão sendo desenvolvidos e criados pelas pessoas nas suas convivências” (p. 7).

As relações interpessoais, ou relações entre duas ou mais pessoas, são definidas por um conjunto de normas comportamentais e por diferentes tipos de sentimentos, acontecendo pela importância e pelos benefícios que o contacto pessoal pode trazer às suas vidas: “Contacts constitute a medium that enables communication and social interaction. Social interaction again may lead to the transfer of knowledge and skills, and it gives a basis for experiencing emotions in the relation.” (Hurme, Quadrello, & Westerback, 2010, p. 265).



**Figura 1 - Diagrama do Processo de Comunicação (Laing, 2016)**

A partir da Figura 1 é possível compreender, resumidamente, o processo comunicacional entre dois participantes. Neste esquema observa-se o caminho de uma mensagem entre um remetente e um recipiente. Percebe-se que uma mensagem, até chegar ao seu destinatário, é formulada, é codificada e é transmitida, através de um meio, como por exemplo, uma mensagem numa rede social.

A comunicação e interação social é algo que acontece naturalmente nas sociedades. O contacto (cara-a-cara ou através das tecnologias e media digitais) é assim um tipo de *medium*, que permite às pessoas saciar a sua necessidade de interagir socialmente.

As relações normalmente observadas são entre pessoas da mesma geração, devido às semelhanças nas idades e experiências de vida, mas são muitas as relações contruídas entre gerações dispares, designadas por relações intergeracionais. Aqui têm-se como exemplo as relações, evidentes, entre filhos e pais e netos e avós.

*“Society as a whole is made up of individuals of different ages with different life experiences and approach to life. Such groups of contemporaries are known as generation and they are linked not only to belonging to a certain age group, but also with some cultural background and historical events that framed their lives. Within the family cycle, those who are together in some stage of family life are defined as generations. We talk about a generation of children, parents’ generation and generation of grandparents. With a membership to the generations, there are also connected certain social roles and social status, which are subjected to the changing society and culture.”* (Krisikova & Stasova,

2014, p. 1).

A partir desta definição de geração, compreende-se que as gerações não são só definidas pela idade, pela sua data de nascimento, mas também pelas suas experiências de vida, pela sua história, cultura e valores. Krisikova & Stasova (2014) afirmam que, ao pertencer-se a uma geração, é normal que se criem papéis e status sociais que estão constantemente sujeitos a mudar, devido à sociedade e à cultura onde se inserem. Também é possível perceber que a relação entre gerações pode levar à mudança, ou seja, um indivíduo de uma geração que mantenha contacto com um outro indivíduo, de uma geração diferente, pode mudar a sua maneira de ser/pensar, quase que inconscientemente (Krisikova & Stasova, 2014).

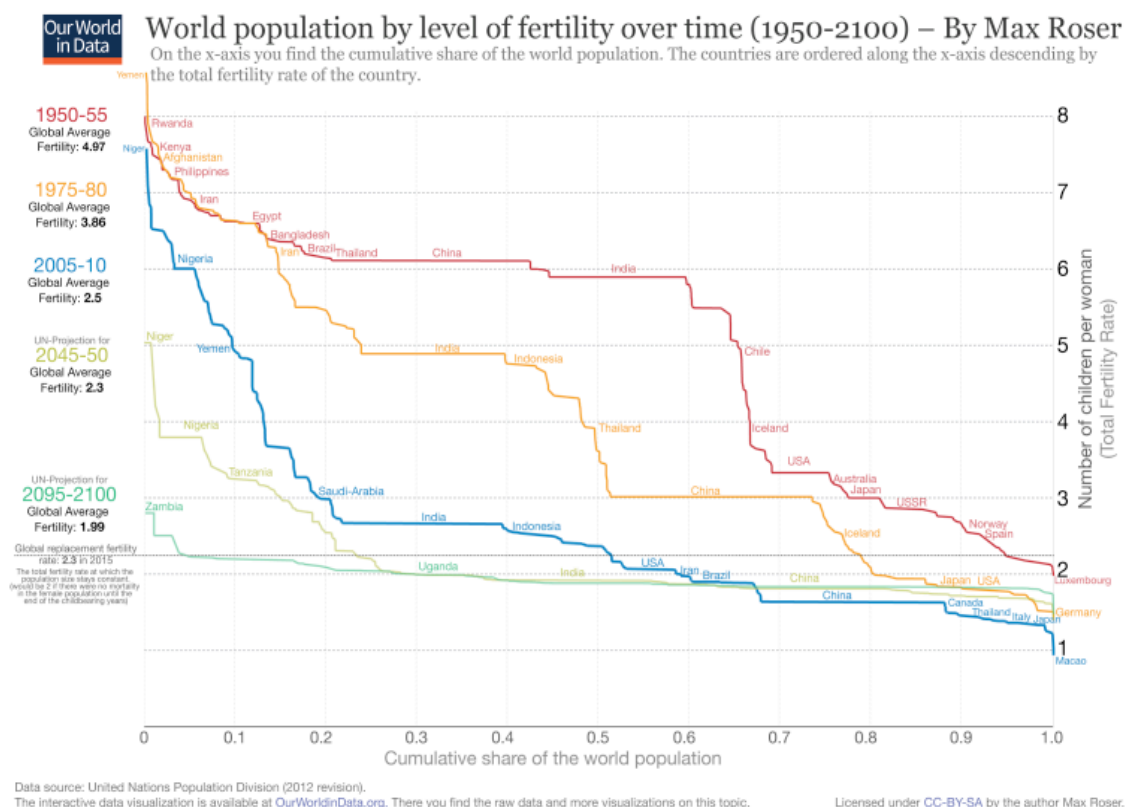
Dentro de uma família, e como afirmado anteriormente, são então três as gerações normalmente existentes: crianças/jovens, pais e avós.

Esta investigação trata as relações intergeracionais entre avós e netos e, por conseguinte, este enquadramento teórico estará centrado na relação entre estas duas gerações.

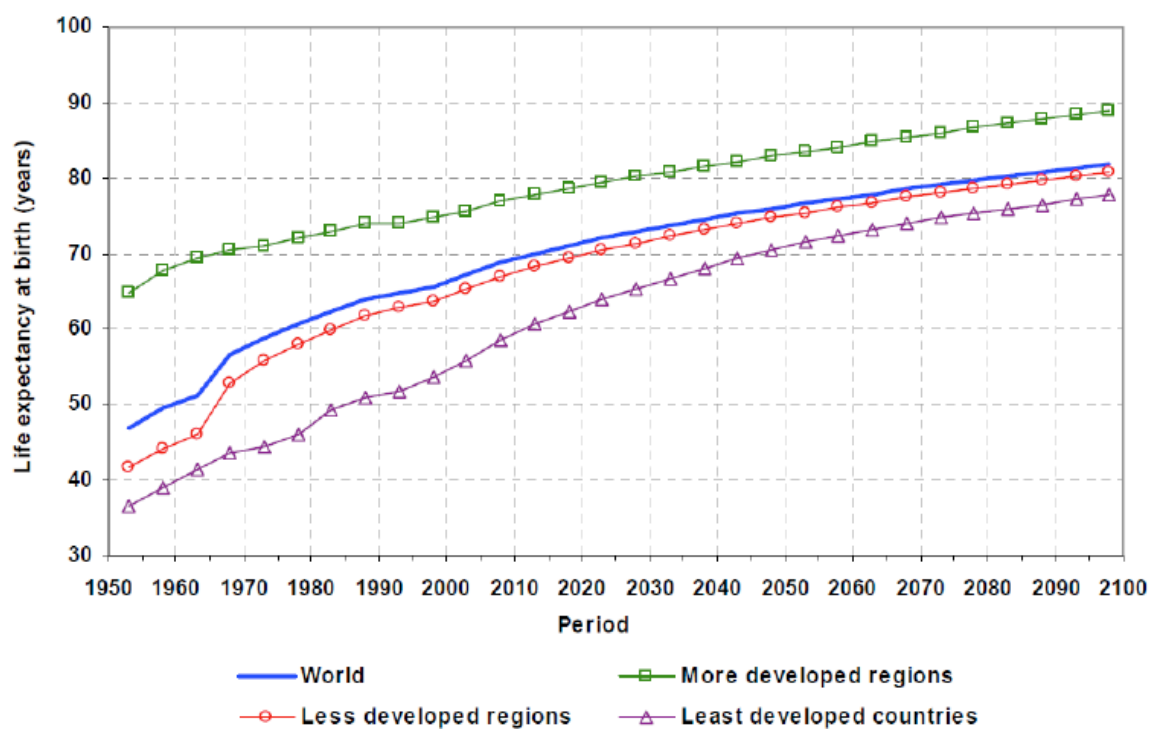
### **2.1.1 Relação Avós-Netos: Comunicação e Interação**

A população mundial está a ficar gradualmente mais envelhecida, dado o aumento da esperança média de vida e a diminuição das taxas de natalidade (Amaro, Oliveira, & Veloso, 2016).

Na Figura 2 é possível analisar as projeções para a natalidade da população mundial, no século XXI. A ONU estima que a fertilidade global continue a cair, de modo que a taxa estará abaixo de duas crianças por mulher, até o final do século.



**Figura 2 – Diagrama da população mundial por nível de fertilidade ao longo do tempo, 1950-2050 (Roser, 2017)**



**Figura 3 – Diagrama sobre a expectativa de vida no mundo (Ayuso, Bravo, & Holzmann, 2015)**

A partir da Figura 3 é possível analisar a esperança de vida, à nascença, para o mundo e países em desenvolvimento, entre 1950 e 2100. Como é observado, no mundo, tanto nos países menos desenvolvidos, quer nos países mais desenvolvidos, a esperança de vida tem vindo a aumentar ao longo dos anos.

Para Anderson et al. (2005), a esperança de vida continuará a crescer nas próximas décadas e um dos resultados observados, relativamente a esta mudança e crescimento, foi o aumento das relações intergeracionais, dentro de uma família, sendo a mais comum a relação entre avô/ó e neto/a.

Com uma população cada vez mais envelhecida, as relações humanas ganham, progressivamente, uma dimensão mais intergeracional. Dentro da temática das famílias, as relações entre avó e neto são aquelas que são cada vez mais observadas, são o tipo de relação intergeracional mais comum e são também relações que estão a durar muito mais tempo, em comparação com o que se via no passado (Novak, 2012).

Esta mudança também levou a uma extensão das famílias, em torno de um eixo vertical, ou seja, dentro de uma família, existem mais tipos de gerações vivas. Segundo Vicente (2010), já há algum tempo que se tem observado um maior número de sistemas familiares, com três ou quatro gerações.

Com a dificuldade financeira que se observa hoje em dia, muitas vezes os pais das crianças/jovens têm empregos que lhes ocupam a maioria do seu tempo ou empregos que os levam para longe dos seus filhos, neste caso é habitual que os avós tenham que alterar o seu papel e ser mais que avós. Também eventos trágicos, como a morte, podem alterar o ciclo de uma família e obrigar os avós a ser como pais adotivos e educadores primários na vida dos seus netos. (Krisikova & Stasova, 2014)

Focando-nos nos netos e avós, compreende-se rapidamente que existe algum distanciamento e algumas diferenças entre as duas gerações, quer nas suas idades, quer nos seus comportamentos e maneiras de comunicar e interagir. Contudo, como será analisado à frente, a sua relação é vista como essencial e importante para ambas as gerações.

Numa situação normal, avós e netos mantêm contacto entre eles através de várias formas. Os estudos afirmam que os netos desejam ver e interagir mais vezes com os seus avós, quer vivam na mesma casa ou não (Novak, 2012). A mesma situação observa-se ao contrário, também os avós têm o desejo de ver mais os seus netos.

Aqui é importante enfatizar que, como referem Anderson et al. (2005) e Amaro et al. (2016), os primeiros seniores com quem as crianças, normalmente, criam a sua primeira relação e interação, são os seus avós. Assim, é natural que haja uma ligação especial entre eles e é igualmente natural supor que é essencial existir uma boa relação entre estas duas gerações.

Para Novak (2012), a relação entre avós e netos tem um papel importante para ambas as gerações, tendo como exemplo a mudança de percepção acerca dos idosos e do processo de envelhecimento.

A principal razão para o contacto diário entre avós e netos, continua a ser a vivência na mesma casa, o que leva à convivência e à participação conjunta em atividades, como por exemplo, os netos ajudarem os avós em tarefas da casa e os avós ajudarem os netos nos trabalhos de casa. (Krisikova & Stasova, 2014)

Mas são muito os avós e netos que vivem geograficamente afastados, o contacto diário pode não ser tão frequente. É aqui que as tecnologias podem ajudar e ser a solução para contornar a distância comunicacional: *“Technology such as the phone or video chat can help mitigate issues of distance-separation”* (Forghani & Neustaedter, 2014, p. 4177).

Dentro desta temática, das relações à distância, alguns investigadores, como Harwood and Lin (2000), confirmam que avós e netos que vivem geograficamente perto e que têm visitas frequentes são mais chegados. Outras investigações indicam que os netos sentem mais satisfação se a relação com os seus avós for à distância, mas que os avós preferem ter os seus netos por perto (Anderson et al., 2005).

Contudo, segundo Mansson (2016), os avós querem acompanhar o crescimento dos seus netos e o seu amadurecimento e apreciam as experiências conjuntas de ensino e aprendizagem.

Quanto à frequência e formas de contacto, entre avós e netos, Hurme et al. (2010), expõem que existem várias variáveis que podem afetar estas duas dimensões, tais como a idade, o sexo, a proximidade e até o meio (rural ou urbano) em que as gerações habitam.

Começando pela idade, esta é um fator óbvio, uma vez que faz parte da própria natureza intergeracional da relação, mas também é um fator chave, pois há mudanças que ocorrem conforme a idade de cada uma das gerações em estudo.

Netos mais novos, crianças, parecem ter uma melhor relação, uma relação mais próxima e uma interação mais frequente com os seus avós, em comparação a netos com uma idade superior. Com o aumento da idade dos netos, existe um declínio no que toca ao contacto com os avós

(Hurme et al., 2010).

Contudo, netos mais velhos podem ter uma comunicação mais íntima e substancial com os seus avós. Esta situação acontece devido aos netos, que antes eram crianças, crescerem e procurarem outro tipo de interação com as pessoas. Consequentemente, muitas das vezes são eles que procuram, sem obrigações familiares, a companhia dos seus avós (Anderson et al., 2005).

A idade dos avós também é um fator a ter em consideração. Avós muito novos, podem ainda trabalhar a tempo inteiro, o que implica a limitação de contacto com os seus netos. Por outro lado, avós muito velhos, podem estar limitados na sua interação com os seus netos, devido a doenças ou a problemas de mobilidade (Anderson et al., 2005).

Assim, avós que têm uma idade normal, típica de se ser avô/avó, avós reformados (a partir, mais ou menos, dos sessenta e seis anos), são os que se sentem mais realizados com o seu papel e os que conseguem desempenhar melhor as suas funções (Anderson et al., 2005). Compreende-se assim que a idade é um fator que influencia em muito o funcionamento de uma relação e as ações que cada geração toma.

Outra variável que influencia a frequência e formas de contacto, entre as duas gerações em estudo, é o sexo. A variável diz mais respeito aos avós, uma vez que, por exemplo, as mulheres tendem a centrar-se nos papéis mais emocionais e os homens nos papéis mais instrumentais: *“Women appear to focus more on the emotional components of the grandparent role, whereas grandfathers often appear more focused on instrumental features (e.g., advising about finances or careers: Downs, 1989)”* (Anderson et al., 2005, p. 71).

Também é afirmado por Roberto & Stroes (1992) e referido por Hurme et al. (2010), que as avós tendem a ser as mais participativas em atividades com os seus netos, em comparação com os avôs.

Quanto às crianças, parece não existir diferença de raparigas para rapazes (Hurme et al., 2010). Ambos comunicam e interagem com os seus avós com, mais ou menos, os mesmos propósitos, as mesmas razões e de formas similares.

Por último, alguns autores dizem que o facto de os avós viverem num meio rural ou urbano pode também afetar o contacto com os seus netos, sendo o meio rural o melhor e o ideal para fortalecer estas ligações, entre avós e netos (Hurme et al., 2010).

Tendo sido explorada a relação entre avós e netos e as questões envolvidas com o seu funcionamento, é também fundamental analisar quais os efeitos que dessa relação surgem.



### 2.1.2 Efeitos das Relações Intergeracionais, com Foco nas Relações Avó-Neto

Como em todas as relações nas sociedades atuais, as relações entre avós e netos trazem efeitos.

É importante começar por mencionar, que os os efeitos produzidos nestas relações, são mútuos para ambas as gerações. A relação intergeracional, entre avós e netos, não traz só benefícios para os avós, ou só para os netos, as duas gerações são afetadas (Anderson et al., 2005).

Estes efeitos passam por benefícios para os avós, como uma maior satisfação e interação na área social. Já a aprendizagem de valores cruciais e uma melhor passagem para a vida adulta, são alguns dos benefícios que as crianças podem ter nesta associação familiar.

É afirmado por Strom & Strom (2015) e referido por Amaro et al. (2016) que o sucesso das relações intergeracionais entre avós e netos, depende no tempo que passam juntos, na partilha de sentimentos, pensamentos, emoções e aprendizagem recíproca.

Compreende-se assim que, para uma relação intergeracional, entre avós e netos, funcionar, ambas as gerações têm que se esforçar e trabalhar nessa direção. A comunicação e interação devem assim ser recíprocas e não esquecidas.

Tal como foi referido anteriormente, a relação entre estas duas gerações é muito poderosa, uma vez que, para a criança, esta é a primeira relação intergeracional com um senior.

São vários os autores que declaram a importância que os avós têm, ao proporcionarem companhia aos seus netos e ao criarem um relacionamento emocional com eles (Breheny, Spilsbury, & Stephens, 2013), logo é natural que os efeitos gerados sejam, na maioria, positivos.

As crianças, com o tempo que passam com os seus avós, com a sua interação, ganham e aprendem valores que, em princípio, serão significativos nas suas vidas, como também na dos seus avós. Para os netos os efeitos perdurarão e serão observados tanto enquanto crianças, como também quando crescerem, enquanto jovens ou adultos.

O efeito principal e mais discutido pelos vários estudos realizados na área, aborda como estas relações intergeracionais têm vindo a tornar-se fundamentais, nomeadamente para contrariar a perpetuação de preconceitos e estereótipos relativamente aos mais velhos: *“Relations and solidarity is an effective way of countering negative beliefs about older adults, preventing the waste of their experience and knowledge, while avoiding forms of isolation”* (Amaro et al., 2016, p. 620).

Observa-se a criação de formas de combater crenças negativas sobre adultos mais

velhos/seniores, ou seja, formas de combater o *ageism*, que é definido como sendo o preconceito associado à idade (Nelson, 2011). Estes preconceitos muitas vezes aparecem durante a vida de uma criança ou jovem e refletem-se depois, quando estes já são adultos, nas atitudes e comportamentos face aos cidadãos seniores.

*“Thus, in an intergenerational interaction with high intergroup salience, such as a difference in age, the younger person in the interaction can make generalizations about the older adult social group based on that interaction”* (Williams & Harwood, 2004 citados por Novak, 2012, p. 3).

Para Floyd, Mansson & Soliz (2017), uma boa interação, entre avós e netos, é essencial para manter relacionamentos emocionalmente próximos, satisfatórios e duradouros. Dizem também que o vínculo emocional, criado entre avós e netos, é de extrema importância para o desenvolvimento dos netos, pois os avós podem influenciar algumas das atitudes dos seus netos, como por exemplo, em relação ao tema do envelhecimento ou podem mesmo influenciar a ligação dos netos com outros membros da família.

Estas formas de ver os avós de uma maneira positiva, transformam-se nas formas de ver os outros seniores e os netos acabam por ganhar também um pensamento positivo em relação ao seu próprio envelhecimento (Anderson et al., 2005).

Porém, segundo Biggs, Dow, Joosten & Kimberley (2016), com a análise concebida através dos resultados da sua investigação, compreenderam que a maioria dos participantes não pensa frequentemente na sua idade, tanto gerações mais novas, como mais velhas, mas quando o fazem, dizem estar felizes. Embora estivessem cientes das perceções negativas relativas a eles próprios e às relativas à outra geração, consideravam que essas perceções tinham pouca influência nas suas experiências de vida.

Mesmo assim, através desta ligação, como os seus netos, os avós têm uma maneira de combater o seu isolamento social, pois deixam de se sentir tão sozinhos. Esta situação observa-se mais em situações em que os avós não vivem na mesma habitação que os seus filhos e netos. Ao viverem sozinhos e afastados dos seus, podem sentir-se extremamente isolados ou até mesmo abandonados.

O ser avô pode ajudar o sénior, na participação de uma vida mais social, no amadurecimento dos seus laços familiares e na construção de uma posição onde este se torna um membro produtivo, quer da família, como da sociedade (Breheny et al., 2013).

Outro efeito pertinente é o evitar da perda de conhecimento e experiência. Os netos têm uma oportunidade de aprender com as histórias, com as lições de vida dos seus avós e os avós, em

contacto com os seus netos e numa era digital e tecnológica, têm uma oportunidade de conhecer este novo mundo e aprender como funcionar e interagir com ele (Hunt, 2012). Mais à frente neste documento (cf. 2.2), faz-se uma abordagem mais extensiva relativa à presença das tecnologias e media digitais nas relações entre avós e netos.

Quanto aos netos, outros dos efeitos produzidos na relação e interação com os seus avós passam por novos ensinamentos, como por exemplo, nas interações sociais, nas perceções sociais, em como lidar com os outros, em como ter empatia pelos outros e no fortalecimento de técnicas de comunicação (Krisikova & Stasova, 2014). *“Life seen from their perspective can be a mirror for many everyday situations of younger generations”* (Krisikova & Stasova, 2014, p. 2)

Os avós têm um papel no desenvolvimento dos seus netos, como por exemplo, nas suas atitudes, comportamentos, valores, identidade étnica e sucesso educacional. Os avós podem contribuir positivamente para o bem-estar emocional, psicológico, fisiológico, social e espiritual dos seus netos (Mansson, 2016).

Os avós podem também ser vistos como modelos de autoridade e até como grandes fontes de inspiração, principalmente na área dos relacionamentos. Elementos como a estabilização das relações, harmonia e suporte emocional são observadas nas suas relações, quer com os seus netos, quer com os seus filhos.

As crianças acabam por adotar rituais, valores e tradições passadas pelos seus avós. (Krisikova & Stasova, 2014). Estes não só aprendem os hábitos e tradições da sua família, como muitas vezes passam eles a ser os cuidadores primários dos seus avós (Anderson et al., 2005).

Os avós fornecem recursos importantes para a vida dos seus netos, como apoio material, suporte social e apoio emocional (Floyd et al., 2017). Também para Floyd et al. (2017), uma relação de amor, estima, cuidado, memórias e afeição, entre avós e netos, está fortemente associada à proximidade emocional, à partilha da identidade familiar e ao apoio social.

Desta forma, os efeitos das relações entre avós e netos são maioritariamente positivos, trazendo benefícios para ambas as gerações. Contudo, e embora seja comum pensar-se que estas relações, entre avós e netos, nunca divergem, são sempre positivas e que os conflitos são inexistentes, nem sempre é este o caso, já que também existem alguns constrangimentos neste tipo de relacionamento: *“Such conceptions are both overly positive and overly homogeneous, suggesting a relationship involving no conflict, little intensity, only tangential involvement, and virtually no diversity”* (Anderson et al., 2005, p. 67).

Efetivamente, os estudos confirmam que existem muitos tipos de relação e que elas divergem de caso para caso. Existem casos em que as duas gerações são muito próximas uma da outra, em termos de ligação emocional e outros em que esta ligação é, uma ligação muito distante. Também existem casos onde os avós são uma grande fonte de inspiração e em que o contacto com os seus netos é constante, enquanto há outros onde a existência de adversidades é algo comum, adversidades estas que impedem a proximidade entre os dois indivíduos (Rofail & Sims, 2014).

Uma destas adversidades aborda a negativa interferência que os avós podem ter, na vida dos pais das crianças e das próprias crianças. Esta interferência pode passar por conselhos não solicitados, ultrapassagem da autoridade dos pais e opiniões sobre os comportamentos parentais. Breheny et al. (2013) afirmam que, com este pensamento, os avós acabam por se sentir restringidos e acabam por ganhar conotações negativas em relação à sua identidade.

No entanto, e como o autor também argumenta, há avós que não conseguem construir as relações com os seus netos sem estas supostas interferências. Acontece principalmente quando estes têm um papel fundamental e estão presentes constantemente na vida e no cuidado dos seus netos.

Por exemplo, os avós apresentam-se muitas vezes como fontes de suporte emocional e até financeiro, quando a família passa por momentos mais difíceis, como a separação dos pais da criança/jovem ou devido algum tipo de incapacidade física ou deficiência das crianças/jovens (Anderson et al., 2005). Nestes momentos, alguns autores indicam que o apoio extensivo que os avós dão à família, tanto financeiro como emocional, pode resultar em consequências negativas, na sua saúde e no detrimento do seu bem-estar social, financeiro ou psicológico (Petrie, 2006; Breheny et al., 2013).

Assim, concluindo, o relacionamento entre avós e netos, de modo a que seja um relacionamento positivo e duradouro, deve ser caracterizado como “being there”/“Estar lá”.

*“‘Being there’ was described as providing practical or emotional support to grandchildren and adult children through providing transport, money, and, most frequently, childcare. The boundaries of ‘being there’ were managed in terms of needing to avoid being positioned as ‘interfering’ in the lives of their children and grandchildren. ‘Interfering’ practices included overstepping the parents’ authority, offering unsolicited advice, and criticising, or proffering opinions on parenting behaviours” (Breheny et al., 2013, p. 176).*

Desta maneira, avós e netos conseguem manter um relacionamento emocional próximo, mesmo que seja afetado por elementos de mudança, como a diminuição de contacto à medida que os netos crescem ou a rutura familiar, como o divórcio dos pais (Breheny et al., 2013).

Em seguida serão abordadas questões, relativas ao funcionamento das duas gerações, num contexto familiar.

### **2.1.3 O Papel Familiar**

Nos dias de hoje e do que já se tem observado ao longo do tempo, devido ao aumento da longevidade e do nascimento de menos filhos, a constituição das famílias tem vindo a mudar, passando de grupos com um número relativamente pequeno de gerações diferentes com muitas pessoas em cada uma, para grupos com um maior número de gerações com menos pessoas em cada uma. É assim que o contexto familiar se torna, cada vez mais, intergeracional (Vicente, 2010).

Vários são os efeitos positivos, provenientes dos laços familiares. Por exemplo, as interações familiares podem influenciar a forma como as pessoas comunicam e vêem outras pessoas fora do seio familiar (Novak, 2012). Por outro lado, *“An individual’s positioning within a family has a strong influence on identity, and ‘family’ discourses value family solidarity and connectedness across generations”* (Breheny et al., 2013, p. 175).

Quanto aos avós, estes têm um papel fundamental nas suas famílias, uma vez que são considerados grandes fontes de apoio. São vários os autores que sugerem que os avós, muitas vezes, preenchem o lugar dos pais, tornando-se os principais responsáveis pelos seus netos. *“Grandparents are increasingly filling the ‘parenting’ gap, created by social and demographic changes”* (Breheny et al., 2013, p. 182).

Algumas das principais perceções acerca do papel dos avós passam pela importância destes na transmissão e ensinamento da história familiar e no reforço da identidade familiar (Peixoto, 2015).

Mas vários são os fatores positivos para uma família, que advém da relação avô-neto, como por exemplo, o reaproximar dos avós aos seus filhos (aos pais das crianças/netos). Muitos avós usam a interação com os seus netos como uma maneira de voltarem a conectar-se com os seus filhos. (Breheny et al., 2013).

Contudo, dentro de um seio familiar, a relação entre avós e netos nem sempre é positiva e pode indicar alguns constrangimentos. Esta relação torna-se cada vez mais complexa, muito devido ao facto de as estruturas familiares mudarem constantemente.

Quando várias gerações vivem juntas, é natural que existam conflitos. Estes conflitos intergeracionais não só são representados pelos traços da personalidade de cada um, como também pelos fatores sociais e culturais, a partir dos quais os membros da família e cada geração é afetada. As relações familiares, entre avós, pais e filhos constituem uma rede muito complexa, que deve ser desenvolvida e trabalhada (Krisikova & Stasova, 2014).

*“Coexistence of grandparents, parents and children involves tolerance, the skill to listen to each other, to accept rules and the household of individual members, not to interfere with operation and rules of young families (children) and to tolerate their education”.* (Krisikova & Stasova, 2014, p. 2)

Breheny et al. (2013) abordam outro problema, dizendo que muitos avós, hoje em dia, são quase como que obrigados a tomarem conta dos seus netos, tanto regularmente, como esporadicamente, muitas vezes por causa do emprego dos seus filhos/dos pais das crianças. Ainda assim, os avós têm dificuldade em negar pedidos para tomar conta dos seus netos, pois é visto como uma obrigação socialmente prescrita, do papel dos avós contemporâneos.

Os direitos e responsabilidades dos avós não estão completamente definidos, há certas expetativas a que esta geração responde, não só responde às expetativas individuais, como também às que são socialmente determinadas por outros (Breheny et al., 2013) e isso pode acabar por afetar o seio familiar e a própria identidade do avô/avó: *“Changes in family structures are governed by powerful social and cultural expectations that influence how rights, responsibilities and emotions are played out in family life”* (Breheny et al., 2013, p. 174). Assim, e embora as relações familiares sejam relações bastante pessoais, não deixam de ser influenciadas pela cultura ao seu redor e pelas expetativas da sociedade.

Similarmente, Bates & Taylor (2016) declaram que a relação entre avós netos é muitas vezes afetada quando os pais se divorciam. Os divórcios, os desentendimentos familiares e a distância geográfica podem levar a uma perda de contacto entre avós e netos e a possíveis depressões para os avós.

Como referem Hurme et al. (2010): *“The results show that depressive symptoms increase in a steeper fashion for those grandparents who have lost contact with their grandchildren because of a separation, divorce, or other sudden event in the family than for other grandparents”* (p. 265).

Bates & Taylor (2016) analisaram também que com a perda de contacto com os netos, os avós podem desenvolver sintomas depressivos a uma velocidade mais rápida que as avós.

Desta forma é nas situações de afastamento geográfico, por exemplo, causadas pelos divórcios, que as tecnologias podem ter um papel determinante no assegurar da manutenção das relações intergeracionais entre avós e netos. O papel das tecnologias nestas relações é explorado na secção seguinte.

## **2.2 As Tecnologias e os Media digitais como Suporte à Comunicação e às Relações Intergeracionais, entre Avós e Netos**

As sociedades atuais são, como se demonstrou anteriormente, cada vez mais envelhecidas e as relações humanas assumem, cada vez mais, uma dimensão intergeracional, nomeadamente entre as camadas/faixas etárias mais velhas e mais novas. Por outro lado, estas sociedades são também cada vez mais tecnológicas e digitais. E, como afirma Novak (2012), as tecnologias estão cada vez mais presentes como suporte à comunicação e às relações intergeracionais, nomeadamente entre avós/seniores e netos/crianças ou jovens.

Nesta secção será analisado, em primeiro lugar, o papel que as tecnologias e os media digitais assumem nas sociedades atuais e a predominância e intuitos da sua utilização pelas diferentes gerações. Aborda-se igualmente a conexão entre as tecnologias e os media digitais e as relações intergeracionais, entre avós/seniores e netos/crianças ou jovens e os efeitos que daqui surgem.

### **2.2.1 As Tecnologias e Media Digitais como base para a Comunicação nas Sociedade Atuais**

Como visto anteriormente, a comunicação é um processo essencial na vida das sociedades, pelo qual é possível trocar informações ou expressar pensamentos e sentimentos. A comunicação pode ser interpessoal, organizacional, intercultural, intergeracional, ou até mesmo caracterizar-se por ser mediada por computador.

A Web 2.0 é caracterizada sobretudo por uma maior interatividade e colaboração por parte do utilizador, uma conectividade de rede mais abrangente e canais de comunicação mais aprimorados (Rouse, 2015).

Assim, atualmente, com a Web 2.0, que é o estado atual da tecnologia on-line, a comunicação mediada por meios digitais tem vindo a tornar-se bastante popular.

As novas tecnologias revolucionaram a forma como é realizada a comunicação e a troca de informação. O contacto entre pessoas acontece de forma mais rápida, mais fácil e mais acessível. Também a popularização da internet veio possibilitar o acesso mais facilitado a conteúdos, dos mais variados temas e permite uma maior independência na procura de informações (Inovaparc, 2016). Também como afirma Domingo (2014), as tecnologias trouxeram vários progressos e auxiliam, todos os dias, as áreas de conhecimento, educação, globalização de informações e



comunicação. “ICTs<sup>1</sup> are vectors of economic and social transformation. By improving access to services, enhancing connectivity, creating business and employment opportunities, and changing the ways people communicate, interact (...) (Dutta, Geiger & Lanvin, 2015, p. XV).

Na sociedade atual, a comunicação, mediada por meios tecnológicos tornou-se bastante popular, devido ao surgimento dos media sociais. Os media sociais são plataformas que combinam a tecnologia, as telecomunicações e a interação social, permitindo comunicar através de palavras, imagens, filmes e música. Mas sobretudo, a maioria dos media sociais permite que, numa relação, as pessoas ficam sempre conectadas, mesmo quando estão mais distantes.

Os media sociais mais populares hoje em dia são: o Instagram, Twitter, Facebook (com o Messenger), Skype, YouTube e similares (Thakur, 2017).

Younes & Zoubi (2015) afirmam mesmo que as pessoas têm vindo preferir utilizar estes meios sociais, como o Facebook, para comunicar, do que ter que interagir com as pessoas cara-a-cara. Quanto aos dispositivos tecnológicos, segundo dados da Google de 2016, o computador, o telemóvel (smartphone) e o tablet são dos mais conhecidos e utilizados em todo o mundo, sendo o telemóvel (smartphone) o mais utilizado dos três. Também destes dados foi possível concluir que a sociedade passa, aproximadamente, três horas por dia no telemóvel (smartphone) e que, ao longo do dia, uma pessoa consegue usar os três dispositivos tecnológicos, mencionados acima, às vezes dois deles ao mesmo tempo (Google, 2016).

Todavia, deve-se também ter em consideração que as tecnologias estão em constante mudança. *“O mundo está mudando cada vez mais rápido como consequência de um desenvolvimento tecnológico acelerado”* (Inovaparq, 2016).

Por exemplo, o email já foi a forma mais utilizada para enviar mensagens rapidamente e partilhar arquivos de qualquer parte do mundo, contudo, ao longo dos anos têm se observado a uma proliferação de aplicações de mensagens instantâneas e mensagens sociais, o que levou a um maior desuso do email (Beaver, 2017).

Como Edwards (2015) recorda, antes das redes sociais, os meios para interagir com outros indivíduos eram muito mais limitados e como as gerações de hoje em dia não já não necessitam de esperar uma semana para poderem verem as fotos que tiraram, pois tinham que ser reveladas ou esperar por uma carta. As tecnologias mudaram completamente a forma como as pessoas de todo o mundo comunicam e interagem.

Essas mudanças surgiram, principalmente, devido às redes/media sociais, pois com elas existe a

---

<sup>1</sup> *Information and Communication Technologies*

possibilidade de aceder a um grande número de pessoas com quem interagir, é permitido falar da maneira que se pretende, sem filtros e, por último, os media sociais mudaram a forma como as pessoas interagem, o que leva, em certos casos, a uma perda de habilidades sociais, tornando algumas pessoas completamente incapazes de realizar uma conversa normal ou interagir com pessoas presencialmente, devido à sua dependência aos meios sociais (Edwards, 2015).

McKenna and Bargh (2000) referidos por Guadagno & Okdie (2008), sugeriram quatro domínios em que a interação social via meios tecnológicos, difere de outros meios de interação mais convencionais, sendo elas o anonimato, o controlo sobre o tempo e sobre o ritmo das interações e por fim, as questões do aspeto físico e da distância física. Estes domínios são observados ainda nos dias de hoje e ajudam a perceber o porquê, das sociedades terem vindo a preferir os meios de comunicação tecnológicos e digitais, em vez da tradicional interação pessoal.

Começando pelo primeiro domínio, o anonimato, este talvez seja um dos fatores mais atraentes e únicos que a Internet tem para oferecer aos seus utilizadores. Se assim for o desejo, a comunicação mediada por meios digitais permite ao utilizador conversar e criar as suas interações sociais de forma anónima. Esta possibilidade de se ser anónimo reduz vários tipos de responsabilidade e leva à despersonalização e à desindividualização do utilizador. Uma das consequências mais observadas, está nas formas de interagir e participar, por exemplo num grupo interpessoal. Estas formas de um individuo comunicar, poderão ser diferentes devido ao meio de comunicação que está a utilizar, que permite esta vertente de anonimato.

O segundo domínio, o controlo sobre o tempo e sobre o ritmo das interações, refere-se ao controlo que os utilizadores têm na duração das suas interações, assim como à liberdade de interagirem, por exemplo, no responder de uma mensagem, à velocidade que lhes convém.

Sem incluir as videochamadas, a maioria das formas de comunicação digital permitem que os utilizadores tenham um maior período de tempo para pensar, formular e reformular as suas respostas durante a interação.

O terceiro domínio aborda as questões do aspeto físico. Este domínio indica que em muitos destes meios sociais, a aparência física não é relevante, como por exemplo, no email e mensagens instantâneas. Aqui e ao contrário da interação cara-a-cara, o utilizador não necessita de se preocupar com o seu aspeto físico, raça, etnia ou sexo, apenas tem que comunicar.

O último domínio aborda a proximidade física. Através das tecnologias e media digitais, o utilizador não necessita de estar fisicamente perto de outro para poder interagir.

O email, as mensagens instantâneas e as salas de chat, permitem virtualmente que o utilizador

esteja perto de vários outros utilizadores, que estejam, por exemplo, a vários quilómetros de distância (Guadagno & Okdie, 2008).

Não obstante, a comunicação mediada por computador ou telemóvel é, muitas vezes, considerada um método limitado, devido à falta de pistas não verbais, como o olhar das pessoas ou os gestos que fazem quando comunicam, assim as videochamadas estão a ser progressivamente cada vez mais utilizada (Luís, 2016).

A comunicação mediada por vídeo pode ter efeitos diferentes, pois neste tipo de comunicação, ambos os utilizadores têm o poder de ver e ouvir o seu parceiro na interação. Com a web 2.0, o Skype tornou-se um dos programas de computador (que permite aos utilizadores fazerem videochamadas e mandarem mensagens instantâneas) mais popular (Luís, 2016).

Concluindo, as tecnologias e media digitais auxiliam a comunicação e interações sociais de várias formas. A comunicação mediada por computador, telemóvel ou tablet, de uma maneira geral, é uma forma de comunicação mais simples, rápida e não implica tantos constrangimentos pessoais. Um meio de comunicação deve reduzir a ambiguidade e deve ser considerado um meio de comunicação mais forte, na medida em que tem mais sistemas de sinalização dentro dele (Guadagno & Okdie, 2008).

Por exemplo e dentro da temática, nas relações entre avós e netos, em que estes se encontram distantes um do outro, a comunicação mediada por computador/telemóvel pode ser uma solução. Esta questão e outras do mesmo âmbito serão tratadas nos pontos seguintes.

## **2.2.2 As Gerações e o Uso das Tecnologias e Media Digitais**

De forma a compreender como é feita interação e comunicação entre avós e netos, através das tecnologias e media digitais e quais os seus efeitos, é importante perceber como cada geração em estudo utiliza estes meios digitais.

Como vai ser possível perceber, existe uma separação entre as gerações, de acordo com a sua utilização das tecnologias e media digitais. Esta separação é caracterizada pelos estudos como “Digital Divide” ou, em português, “Divisão Digital”.

De acordo com Jung and Loges (2001), a divisão digital não tinha nada haver com as escolhas individuais de cada um de utilizar as tecnologias ou não, nem com acessibilidade económica.

Para os autores era uma questão sobre quão centrais e importantes eram as tecnologias, no

auxílio à realização dos objetivos do dia-a-dia de um indivíduo e também uma questão de como a internet está inserida na infraestrutura de comunicação existente entre pessoas mais velhas e mais jovens.

Já para Nycyk & Redsell (2011), a divisão digital está relacionada com os diferentes níveis socioeconômicos que cada indivíduo tem, com as oportunidades de acesso às tecnologias da informação e comunicação e como é que estas ajudam ou não nas atividades na vida quotidiana. E afirmam ainda que a divisão digital afeta mais os adultos mais velhos, os seniores.

Hoje em dia, embora a taxa de adoção de tecnologia nas vidas dos seniores seja mais baixa, do que a do resto das gerações, esta faixa etária está cada vez mais presente digitalmente. Segundo Anderson (2017), existem muitos idosos, como aqueles que são mais jovens, mais afluentes e mais educados, que relatam possuir e usar vários tipos de tecnologia.

Contudo ainda é observada a divisão digital entre faixas etárias mais jovens e mais velhas. Muitos dos idosos mais velhos, que têm, por exemplo, menores níveis de escolaridade, continuam a ter um relacionamento distante com as tecnologias.

Seguidamente serão exploradas como cada geração, crianças/jovens e seniores, utilizam as tecnologias e media digitais.

#### **2.2.2.1 Crianças/Jovens**

Existem várias diferenças entre a literacia digital de uma criança ou jovem e de um sénior. De modo a contextualizar, estas gerações, normalmente, são designadas por Millennials, geração Y e NetGen (junção das palavras “internet” e “geração”).

As crianças e os jovens, em muito que se assemelham, principalmente se tiverem idades inferiores a vinte e três anos, pois são as primeiras gerações que ou nascem já com a existência de computadores e internet na sua vida ou estas tecnologias apareceram pouco tempo depois do seu nascimento. Como refere Ponte, Simões, Batista, Jorge & Castro (2017), “Desde que nascem, as crianças convivem com dispositivos digitais e veem os pais a utilizá-los diariamente” (p.124).

É possível afirmar que, sem contar com os jovens mais velhos, dificilmente, estas gerações se lembram do tempo em que estas tecnologias não existiam (Costa & Paiva, 2015).

“Having grown up with widespread access to technology, the Net Gen is able to intuitively use a variety of IT devices and navigate the Internet” (Oblinger & Oblinger, 2012, p. 4).

Para Ponte et al. (2017), em casa, as crianças têm acesso a vários dispositivos tecnológicos, sendo os mais populares a televisão e o telemóvel/smartphone e seguidamente o tablet e o portátil. O tablet é visto, pelos pais, como um dispositivo apropriado para as crianças e é, por esse motivo, um dos dispositivos mais utilizado por estas. Quanto à internet, para o seu acesso são utilizados maioritariamente os dispositivos móveis.

Segundo Oblinger and Oblinger (2012), crianças de seis anos ou menos passam uma média de duas horas por dia a usar algum tipo de media, quer seja a ver televisão, no computador ou a jogar jogos, o que quase iguala a quantidade de tempo que passam no exterior.

O que se observa também nestas gerações é que elas mostram conseguir fazer várias tarefas ao mesmo tempo e muitas destas crianças/jovens conseguem usar os vários meios tecnológicos que possuem ao mesmo tempo. Cada vez é mais normal encontrar crianças/jovens que ao mesmo tempo estão a ver televisão, estão a falar ao telemóvel ou estão no computador (Oblinger & Oblinger, 2012).

*“They are more likely than the general population to be online, check email, use multiple email addresses, browse for fun, download music files, and use instant messaging. They also reported that the internet has enhanced their education”* (McMillan & Morrison, 2010, p. 75)

Depois, para estas gerações, a utilização do computador, das mensagens instantâneas, das redes sociais, do telemóvel e da internet tornou-se tão comum, que estes funcionam como mecanismos de comunicação e socialização. Estes formas de comunicação não apenas são acessíveis e de fácil utilização, como permitem a criação de várias conversas em simultâneo (Oblinger & Oblinger, 2012).

Segundo Costa & Paiva (2015):

*“A diversão e o cumprimento das atividades escolares da criança do mundo contemporâneo encontra-se basicamente dentro de casa, no computador ou tablet, nas redes sociais virtuais, onde as mesmas constituem amizades e realizam as atividades escolares por meio desses dispositivos eletrônicos sem haver a necessidade de estabelecer contato físico com a outra pessoa”* (p.4).

Como Jones (2002) indica e McMillan, & Morrison (2010) referem, estas gerações utilizam a internet para comunicar com os seus amigos e com os seus familiares, mas não só, também a utilizam para se entreterem. As crianças usam a internet com um sentido mais lúdico, para *“ver desenhos animados e filmes, jogar jogos, ouvir músicas”* (Ponte et al., 2017, p. 5)

Não obstante, nem todas as crianças têm acesso à internet, nem a utilizam da mesma forma. Por exemplo, para Ponte et al. (2017), crianças dos seis aos oito anos utilizam mais a internet do que crianças dos três aos cinco anos. Os autores afirmam também que a escolaridade dos pais influencia o uso da internet, por parte dos seus filhos, assim como o estatuto socioeconómico. *“São as famílias de condição escolar mais baixa que reportam maior uso dos aparelhos digitais que existem em casa por parte das crianças”, “Crianças de famílias com estatuto socioeconómico alto são as que mais acedem e mais usam a internet”* (p.5).

Dentro de um seio familiar, é de notar como vários estudos mostram que as crianças podem estar a desenvolver uma literacia digital maior do que os irmãos, que podem ser apenas alguns anos mais velhos. Muitos são os irmãos mais velhos que afirmam que os seus irmãos mais novos são mais desenvolvidos, em termos de técnicas e habilidades que envolvem as tecnologias. Esta diferença observa-se devido a esta geração nascer num mundo digital, ao contrário dos irmãos (McMillan & Morrison, 2010).

*“Participants described older siblings as less adept at using interactive technologies, while younger siblings were often described as far ahead of participants in their use of the technologies. This finding suggests that while the young participants in this study grew up with the internet, within their age cohort vast differences and skill levels are evident”* (McMillan & Morrison, 2010, p. 89).

Nada obstante, também são vários os casos em que são os irmãos mais velhos ou os pais que introduzem a geração mais nova ao mundo digital.

*“The family plays a key role in their introduction to interactive technologies with parents and siblings being especially important”* (McMillan & Morrison, 2010, p. 88).

Contudo, para Ponte et al. (2017), os irmãos não influenciam no utilizar ou não das tecnologias.

Complementando, estas duas gerações mostram a maior literacia digital, quando comparadas com gerações mais velhas, por terem sido habituadas desde cedo a interagir com as tecnologias. Oblinger and Oblinger (2012) afirmam como estas gerações mostram também ter uma maior literacia visual. *“The Net Gen are more visually literate than previous generations; many express themselves using images. They are able to weave together images, text, and sound in a natural way. Their ability to move between the real and the virtual is instantaneous, expanding their literacy well beyond text”* (p. 4).

Terminando este ponto, observa-se que as crianças, cada vez em idades mais jovens, têm acesso à internet e por consequente, têm acesso a algum tipo de tecnologia ou media digital. Cada vez

mais cedo mostram também os seus elevados conhecimentos e habilidades tecnológicas (Hunt, 2012).

Compreende-se também que a partir destas tecnologias as crianças e os jovens não só criam e mantêm comunicações online com os seus amigos e familiares, como também usam e interagem nas redes sociais, assistem a vídeos, jogam online, entre outros. As tecnologias e media digitais permitem-lhes realizar atividades sociais e de entretenimento de uma só vez, por apenas um meio, o que acaba por agradar bastante a estas gerações mais jovens.

De modo a abordar as duas gerações em estudo nesta investigação, o seguinte ponto explorará a geração mais velha na sociedade atual, os seniores.

#### **2.2.2.2 Seniores**

Quanto a esta faixa etária, os estudos indicam que uma parte da população usa as tecnologias e media digitais normalmente, enquanto outra parte, a maior, ainda é relutante quanto ao seu uso e prefere manter-se de fora do estilo de vida tecnológico. No entanto, os estudos também indicam que os seniores, mais do que é esperado, estão a usar cada vez mais as tecnologias (Downey, McGaughey, McMurtrey, & Zeltmann, 2011).

Os seniores, habitualmente, são vistos como elementos essenciais numa sociedade e como grandes possuidores de conhecimento, sabedoria, experiência e valores que transmitem às gerações mais jovens, contudo mostram ter várias dificuldades na adaptação às tecnologias (Sílvia, 2001 referido por Martins & Santos, 2001).

Mas como Patrício & Gonçalves (2010) indicam, apesar dos problemas técnicos aquando a utilização de tecnologias e media digitais, os seniores mostram não ter medo destes, mostram-se dispostos a utilizá-los e por vezes até o fazem com bastante eficiência.

Contudo, é preciso ter em conta que segundo Cotta (2015), as tecnologias fazem bem não só às relações familiares, como à saúde. O uso da tecnologia permite que os seniores melhorem as suas habilidades motoras e cognitivas.

Como será abordado no ponto seguinte “A Interação Digital e Intergeracional, entre Avós e Netos”, os netos podem partilhar as suas capacidades e conhecimentos tecnológicos com os seus avós, ensinando-lhes uma nova forma de comunicação, que os mantém socialmente ativos e em contacto com a sua família (Hunt, 2012).

As habilidades informáticas e o acesso às tecnologias permitem aos seniores o acesso a informações de saúde, que aprendam novas coisas e sobretudo permitem que estes consigam manter o contacto com os outros (Nycyk & Redsell, 2011).

Como Aroldi, Carlo, & Colombo (2014) indicam, os idosos com mais conhecimentos tecnológicos, que utilizam as tecnologias e media digitais no seu dia-a-dia, utilizam-nas de uma forma “madura”, incorporando-as às suas necessidades e estilos de vida.

Algumas das motivações dos seniores para utilizar as tecnologias advém dos momentos em que estes veem os seus netos ou pessoas mais jovens a utilizar as tecnologias, mas, acima de tudo, esta geração utiliza as tecnologias e a internet, para manter o contacto com a sua família, quando esta está mais distante (Nycyk & Redsell, 2011).

Para Cotta (2015), uma das razões, para a adesão dos idosos aos meios digitais, passa por este ser um meio mais barato e direto para comunicar com os familiares e amigos que estão mais distantes, o que leva a que os seniores não se sintam tão sozinhos e que possam acompanhar e fazer parte da vida deles.

Contudo, os resultados dos vários estudos sugerem que uma parte dos idosos está a desfrutar dos benefícios da tecnologia, mas não a está a usar em tudo, nem como as gerações mais jovens usam. Habitualmente, os seniores que usam os meios digitais parecem estar satisfeitos com as funcionalidades e com o modo como as utilizam (Downey et al., 2011).

Amaro et al. (2016) também indicam que os seniores acabam por se mostrar mais céticos, sobre os benefícios da tecnologia e media digitais, à medida que a idade aumenta, os níveis de escolaridade aumentam e a o salário diminui. Também os obstáculos físicos podem fazer com que um sénior não consiga utilizar os meios tecnológicos da melhor maneira.

Não obstante, e embora o uso das tecnologias e media digitais não mostre ser tão comum nas faixas etárias mais velhas, vai-se, cada vez mais, observando uma mudança desta ideia. As pessoas nas faixas etárias mais velhas, mas com menor idade, e as pessoas nas faixas etárias mais novas, que caminham para as mais velhas, vão acabar por mudar as características da geração e torná-la mais digital, assim como Downey et al. (2011) afirmam “this trend makes sense to us considering that, over time, more and more elderly will have had experience with technology in their younger days” (p. 27).



### 2.2.3 A Interação Digital e Intergeracional, entre Avós e Netos

Com a elevada envolvimento das tecnologias e media digitais no quotidiano das pessoas, é natural que estas tenham um papel influenciador nas relações sociais, neste caso nas relações intergeracionais entre avós e netos.

A partir das tecnologias e media digitais, avós e netos têm a oportunidade de comunicar e interagir a partir de um médium diferente. Ao realizar uma revisão da literatura, percebe-se que desta nova forma de interação tanto traz efeitos negativos, como traz efeitos positivos, sendo estes os mais visíveis.

Contudo, de uma forma geral, deve-se ter em mente que os efeitos, provenientes da comunicação mediada por computador ou telemóvel, são diferentes para cada tipo de tecnologia.

Por exemplo, quanto às videochamadas ou mensagens de áudio, são vários os autores que indicam que estes funcionam melhor que as mensagens de texto, porque estes assemelham-se muito à comunicação cara-a-cara (Luís, 2016).

Como visto anteriormente, o ser avô é importante para a população sénior e as relações entre avós e netos são normalmente vistas como positivas para ambas as gerações. Mas como Hunt (2012) e Bradley, Kaplan, & Sánchez (2015) afirmam, as tecnologias e media digitais também podem ser usadas para ajudar e melhorar estas relações. As tecnologias têm um papel importante na comunicação, no entretenimento e na aprendizagem, quer seja em relações distantes ou presentes (Amaro et al., 2016).

A prática do uso da internet, por parte dos seniores, tem vindo a ser essencial, não só pelo rápido aumento da população mais velha, mas também pelos benefícios na comunicação intergeracional (Hunt, 2012). E como Amaro et al. (2016) indicam, *“Social and family communication and interaction, namely with grandchildren, are amongst the main reasons and motivations for the use of ICT<sup>2</sup> by older adults”* (p. 620).

Um dos efeitos provenientes das relações entre avós e netos ou crianças e idosos envolve a aquisição de competências básicas nos ICT, que é feita por parte das gerações (Patrício & Gonçalves, 2010).

---

<sup>2</sup> *Information and Communication Technologies*

*“These grandparents nonetheless exhibited a sense of amazement at their grandchildren’s seemingly innate technological knowledge, ability and agility”* (Hunt, 2012, p. 4).

Um aspeto positivo provém do orgulho que os avós sentem ao verem as habilidades que os seus netos têm neste novo mundo tecnológico e é desta maneira que os avós tendem a encorajar os seus netos a partilhar os seus conhecimentos tecnológicos com eles e ambos acabam por vivenciar uma experiência positiva em conjunto (Hunt, 2012).

A tecnologia permite a troca de informações, pensamentos e ideias entre o seio familiar. Normalmente são observadas relações de reciprocidade, os netos, crianças ou jovens, que são mais avançados nos conhecimentos tecnológicos, são como que professores para os seus avós e estes, de forma a retribuir tendem a contribuir com outro tipo de habilidades, conhecimentos ou qualidades. A aprendizagem cultural e a construção de legado são importantes para ambas as gerações (Hunt, 2012).

Para Boström & Schmidt-Hertha (2017), a aprendizagem intergeracional permite uma transmissão de competências, conhecimentos, habilidades, atitudes e hábitos para ambas as gerações, tanto as gerações mais novas como as mais velhas. Não só, a aprendizagem intergeracional cria também a oportunidade de duas gerações aprenderem mais uma com a outra, analisando as suas perspectivas e opiniões, sem ter que as adotar.

Dados da pesquisa de Hunt (2012) mostram que os avós conseguem aprender uma boa quantidade de informação acerca das tecnologias e media digitais, tanto informações que querem saber, como as que os seus netos lhes tentam ensinar. Os avós querem, principalmente, perceber o funcionamento das tecnologias que lhes permitem manter o contacto com os seus, assim como estar a par das suas atividades diárias.

São muitos os avós e netos que mantêm a sua comunicação e interação através das tecnologias e media digitais, nomeadamente os que vivem relações à distância: *“Other forms of communication overcome distance, which is an important aspect of new communication technology, which has almost made the concept of distance obsolete”* (Hurme et al., 2010, p. 275).

Embora exista uma grande distância geográfica entre avós e netos, e as visitas não sejam tão regulares, estes têm uma elevada quantidade de tecnologia que lhes permite continuar a comunicar e a interagir (Hunt, 2012)

Contudo, estas relações já não estão só restritas ao telefone, agora são vários os meios que possibilitam esta interação.

As mensagens de texto e o Facebook mostram ser dois dos meios mais usados no suplemento à comunicação entre estas duas gerações. Estas tecnologias ajudam os avós a manter uma comunicação mais frequente com os seus netos e a estar mais perto deles, mesmo que estejam longe geograficamente. As mensagens de texto podem não ser o meio de comunicação preferido dos avós, porém utilizam-no, pois, é o meio pelo qual conseguem manter maior contacto com os seus netos. Já a utilização do Facebook aparece como uma ajuda a "preencher as lacunas" do conhecimento sobre a vida dos seus netos, principalmente quando a comunicação por outros meios não é tão frequente (Novak, 2012).

As videochamadas, via Skype, também são muito comuns nestas relações, pois como visto anteriormente, estas assemelham-se muito à interação cara-a-cara, os dois sujeitos, na interação podem falar e ver-se em tempo real.

Hunt (2012) explica como estas duas gerações têm muito em comum, nomeadamente no tempo livre, no orçamento disponível para adquirir aparelhos tecnológicos e também no interesse em permanecer em contacto com as pessoas.

Quanto aos aparelhos tecnológicos, pesquisas indicam que o telemóvel e o *tablet* são dos meios mais apropriados para a interação entre avós e netos. Estes equipamentos tecnológicos mostram-se mais intuitivos e simples de manusear e permitem a ultrapassagem de barreiras de interação que existem muitas vezes devido aos teclados e ratos de computador (Amaro et al., 2016).

Embora sejam muitos os aspetos positivos, observados na relação entre avós e netos, em alguns casos, onde esta relação não é tão rica e forte, são observados aspetos negativos. Nestas situações, os avós queixam-se que raramente conseguem ver os seus netos e quando conseguem, estes estão ligados a algum tipo de aparelho tecnológico e deles não desviam a sua atenção. Também nestes casos, os avós acabam por não ter ninguém que lhes ensine a mexer nos aparelhos tecnológicos, acham a linguagem dos manuais de instruções difícil de entender e assim o interesse e a vontade de aprender também acaba por não ser muita (Hunt, 2012).

Noutros casos, há avós que se preocupam quando os seus netos mostram estar “viciados” nas tecnologias e começam a falhar, por exemplo, atividades familiares. “Household activities have become much more individualized and this has meant that individuals are spending less time engaging with one another” (McGrath, 2012, p. 37).

Nesta relação, os avós pensam e preocupam-se nos efeitos a longo prazo e como este isolamento pode afetar os modos como os seus netos interagem no mundo real, com os seus amigos e colegas. Mas não só, os efeitos na saúde também são preocupantes, uma vez que estes jovens, ao

estarem com a sua atenção completamente virada para os dispositivos tecnológicos, acabam por permanecer sedentários durante horas (Hunt, 2012).

Contudo, quanto à introdução das tecnologias e media digitais em casas de família, Pereira (2011) afirma que:

*“(...) não se pode afirmar que essa envolvimento não introduz novas dinâmicas nas famílias, pois a sua permanente utilização já é uma nova forma de comunicação entre os membros da família, mas pelo menos é, por agora, possível apurar que apesar dos diferentes níveis socioeconómicos das famílias, todas reconhecem a importância destas ferramentas para o futuro dos filhos e apoiam essa entrega aos novos media” (p. 136).*

Encerrando e resumindo este capítulo, compreende-se que, das várias pesquisas feitas, a maioria indica que os dispositivos móveis e redes sociais são importantes na promoção e manutenção das relações intergeracionais, entre avós e netos, e que daí resultam vários aspetos positivos.

Para os avós, estes passam pelas experiências positivas que podem ter com os seus netos, como por exemplo, na aprendizagem das novas tecnologias e também no contacto mais frequente, mesmo que a relação tenha que ser, por vezes, vivida à distância. Estes aspetos levam a um melhor envelhecimento e à oportunidade de se continuar ativo socialmente.

Para os netos, estes têm uma oportunidade de, através de um meio a que estão habituados, manter o contacto com os seus avós, poder ensinar-lhes os seus conhecimentos tecnológicos e em troca acabam por aprender outro tipo de habilidades, conhecimentos ou qualidades que os seus avós tenham para partilhar (Hunt, 2012).

## 2.3 Docuficção

Neste projeto, para além de se procurar compreender qual o papel das tecnologias e media digitais na comunicação e nas relações intergeracionais, entre avós e netos, foi conceptualizada uma narrativa audiovisual que, por recurso a elementos da ficção, documentasse a realidade e os resultados obtidos durante a investigação.

Depois de alguma pesquisa, o tipo de audiovisual escolhido foi o documentário de ficção (Docuficção). A definição de “Docuficção”, razões da sua escolha, assim como breves definições dos dois géneros (documentário e ficção), são apresentadas nos subpontos seguintes.

### 2.3.1 Documentário Digital

A tecnologia, fazendo parte do quotidiano da sociedade e evoluindo todos os dias, leva a que as várias formas de media se propaguem e comecem a ganhar uma maior força. A junção dos audiovisuais com a internet é um dos exemplos destas novas formas de propagação e comunicação.

Como afirma Costa (2012, p. 1),

*“Postar, fazer, imitar ou criar um vídeo se tornou uma das principais maneiras de se comunicar. O vídeo diverte, entretém, emociona, ensina e principalmente: divulga. A vantagem desse meio é que ele é de fácil compartilhamento, fácil de ser incorporado por e-mail, em sites e hospedados em blogs. Com a internet foi possível melhorar as formas de comunicação e caracterizar o que chamamos hoje de globalização. A rede vem evoluindo cada vez mais e a cada dia aumenta os números de páginas e usuários nela existente. Com os vídeos não foi diferente. Milhares e milhares de vídeos são postados diariamente em diversas plataformas”.*

Assim, a difusão progressiva de tecnologias acessíveis, a frustração com os media tradicionais (como a televisão) e a pressão do público impaciente por informações e discussões políticas, levaram a novas formas criativas, como o documentário digital (Hoenisch & Sapino, 2011).

Karlow (2011) explica que os documentários digitais surgem de um processo de décadas de simplificação de filmagem e edição e que estes acabaram por se tornar muito mais acessíveis e pessoais, como resultado da popularidade das câmaras de vídeo.

Contudo, os estudos indicam que é quase impossível caracterizar, com uma definição precisa e concreta, o documentário digital. Este é visto como um camaleão em constante mudança. *"Documentary has always been, a practice without boundaries, a fuzzy concept"* (Hoenisch & Sapino, 2011, p. 3).

Foi em 1930 que uma nova prática cinematográfica, sem fronteiras, a que foi atribuído o termo "documentário", surgiu pela primeira vez, com os irmãos Lumière, através das suas gravações do quotidiano. Desde então, como afirma Nichols (2001), de acordo com cineastas e instituições, a noção de documentário muda constantemente, conforme o tempo e o espaço.

A maior parte do poder do documentário advém da sua dupla personalidade, tanto é uma fonte de prazer, como de informação. O prazer não deriva apenas devido das características visuais e artísticas, mas também da sua vertente educativa: o documentário é cativante pela competência de produzir *"epistephilia"*, o prazer do conhecimento (Nichols, 2001).

As raízes do documentário estão no que pode ser chamado de representação da "realidade". Contudo, a realidade pode ser influenciada pela criatividade do cineasta ou por orientações culturais e políticas (Hoenisch & Sapino, 2011). O documentário pode ser visto como forma de comunicação social e política, orientada para a promoção da educação e de mecanismos de reforma social. O filme documental pode impor-se através de uma voz autoritária e ao mesmo tempo dar a ilusão que é uma janela para o mundo real, que está a transmitir a realidade (Hoenisch & Sapino, 2011).

Compreende-se assim que o documentário tenha sido identificado como uma das formas mais apropriadas para difundir ideias e ideologias, seja a favor ou contra a posição dominante. Por ser usado como um instrumento de propaganda, de alguma forma, explícito, o documentário audiovisual desempenha, em grande escala, a função subversiva de manter viva a discussão política e social.

Como explicam Hoenisch and Sapino (2011) referindo Kahana (2008), o documentário não se limita apenas à criação de consenso, mas também pode levar a movimentos de crítica e mudança. Neste sentido, o documentário pode ser visto como uma forma da cultura "democrática", pois representa pessoas "reais" (muitas vezes pertencentes a uma classe inferior da sociedade) e suscita discussão social e em massa.

De acordo com Barnouw (1974) e referido por Hoenisch and Sapino (2011), esta forma audiovisual tem o papel de divulgar conhecimentos, acontecimentos históricos ou outros campos, ou até funcionar em modo de “advogado”, cujo o propósito é o de captar a atenção do público para aspetos reais, que podem ser negligenciados pelos meios de comunicação mais predominantes e assim incentivar o envolvimento social.

Ao visualizar um documentário, o público envolve-se como membro de um coletivo e acaba, muitas vezes, por se sentir responsável ou envolvido com os indivíduos ou com a história que é contada (Hoenisch & Sapino, 2011).

É esta relevância que o público dá ao que está a ser retratado num documentário e a capacidade de criar limites intelectuais e emocionais, que torna este tipo de vídeo tão distintivo.

Também o perfil imperativo e oficial de um documentário permite ao seu realizador representar o que descobre e acredita e fazer com que o público descubra e acredite como resultado das duas próprias representações (Hoenisch & Sapino, 2011).

Têm-se vindo a compreender que num documentário, não é possível transmitir uma verdade absoluta, nem é possível representar uma realidade, sem algum tipo de influência.

*“Reality does not seem to exist outside the perspective of the filmmaker and images can be manipulated”* (Jong, 1996, p. 19).

Desta forma, como Jong (1996) refere o documentário é visto como uma "contingência de verdades". O fardo de transmitir a verdade e representar uma realidade fica nas mãos do cineasta/realizador, que deve honrar a posição privilegiada que o documentário tem, no domínio público.

### **2.3.2 A ficção**

O estilo de ficção, para Hallet (s.d.), é definido como uma recriação imaginativa da vida, de algo. O autor afirma que a ficção é como uma mentira, pois envolve eventos que nunca aconteceram, com pessoas que nunca existiram, pelo menos da exata maneira como a história é retratada. Contudo, também afirma que este estilo é *““untrue” in the absolute sense, but true in the universal sense*” (Hallet, s.d., p.1), ou seja, o estilo não representa uma verdade absoluta, mas são criadas “mentiras legítimas” que representam particularidades sobre a condição humana.

Este estilo audiovisual permite que seja representada uma história que pode não transmitir os factos exatamente como eles são, mas sim representá-los de uma forma mais trabalhada, de uma

visão própria do realizador. A ficção apresenta assim uma verdade, que vai para além de uma mera apresentação de factos.

Segundo Lawson (2009), *"Objective facts are important if the issue is whether someone is guilty of a crime and should be punished. But when we discuss literature facts are irrelevant because literature is a way of seeing. Think of it as a window a writer creates through which to render something more precisely, to frame it. In that kind of writing, a writer's subjective experience becomes all important"* (p.1).

*"Fiction is about possible selves in possible worlds"* (Oatley referido por Lawson, 2009). Através de uma narrativa de ficção, a audiência tem o poder de se imaginar no papel da pessoa representada e sentir o que ela sente. *"When we observe how scenarios work out for characters, we learn how we may or may not want to react if something similar happens to us"* (Lawson, 2009). As histórias de ficção estão, segundo a autora, associadas a uma maior capacidade de empatia, por parte dos espectadores.

Quanto à construção de uma história de ficção, Hynes (2014), apresenta a famosa técnica dos cinco W's, "who", "what", "where", "when" e "why, neste caso, em português, "quem", "o quê", "onde", "quando" e "porquê".

- O "quem" é caracterizado pelas personagens da narrativa e como elas estão relacionadas umas com as outras;
- O "o quê" é definido por o que acontece na história ou sobre o que trata a história;
- O "onde" é demarcado pelo o local onde acontece a ação;
- O "quando" é apresentado como o tempo em que acontece a ação, se a história está a ser contada no presente ou se representa algo passado;
- Por último, o "porquê" é determinado pelo entendimento do porquê de as personagens fazerem o que fazem, o que elas querem e porque estão na situação apresentada;

Concluindo, *"ficção é o termo usado para designar uma narrativa imaginária, irreal, ou se referir a obras (de arte) criadas a partir da imaginação"* (Cameracotidiana, 2012, p.57).

As obras de arte de ficção podem ser baseadas em fatos reais, que aconteceram na vida real, mas depois contém sempre algum tipo de conteúdo irreal e imaginário (Cameracotidiana, 2012).



### 2.3.3 A fusão do documentário e da ficção: Docuficção

Docuficção é o termo que caracteriza a combinação do estilo documental com a ficção e é também designado como uma obra cinematográfica híbrida. Segundo Cameracotidiana (2012), a narrativa resultante desta fusão é um documentário contaminado por elementos ficcionais.

Recuando na história, os estudos indicam que o filme de ficção começou com o documentário, com os filmes de não ficção (Huizhen, 2012).

Nos primeiros dias do cinema os filmes de não ficção eram mais comuns do que os filmes de ficção. Contudo, o sucesso subsequente do cinema narrativo produziu a dicotomia ficção/não ficção (Brown, 2010).

A distinção, entre o filme narrativo de ficção e o documentário, foi mantida durante a maior parte do século XX por cineastas, críticos e espectadores. Esta distinção aconteceu sobretudo pela rápida comercialização do filme, como entretenimento de massa (Brown, 2010).

Não obstante, o filme de ficção e de não ficção sempre compartilharam uma ligação, e eles voltaram a convergir na era digital. A principal razão para esta convergência está ligada a todo o vocabulário cinematográfico possível com esta fusão. Através de um documentário de ficção é possível representar uma realidade, de uma forma ficcionada (Huizhen, 2012).

Há também ainda autores, como Lipkin, Paget & Roscoe (referidos por Brown, 2010), que apresentam quatro categorias para tentar caracterizar os novos híbridos de documentário, *“the drama-documentary (a.k.a. “dramadoc” or “docudrama”), the documentary drama, the faction, and the mock-documentary”* (p.15). Complementando, os autores afirmam que a maior parte dos híbridos de ficção documental, costumam recontar eventos da história ou retratar questões de interesse, de forma a provocar discussões sobre eles.

Analisando o que já foi abordado, pode-se afirmar que este novo estilo audiovisual permite representar uma realidade, ou seja, factos verídicos, através de uma outra visão (do realizador). De forma a representar um grupo de pessoas, um local, pode-se não utilizar as pessoas reais, nem o local real, mas não obstante, quanto mais fiel for a imagem transmitida ao público, melhor será transmitida a mensagem que se visa a transmitir.

Assim, de acordo com a ideia de audiovisual que se pretende conceptualizar nesta investigação, estas são as razões da escolha ter recaído neste estilo cinematográfico.

A ideia passa por representar os resultados obtidos com a investigação, os factos observados em torno do estudo (parte documental/não ficção), a partir de uma imagem reformulada, com uma narrativa melhor trabalhada na pré-produção e produção, atores que representam as pessoas

reais e locais diferentes que representam os locais reais (parte ficcionada). Mas embora representada de uma forma ficcionada, a problemática continua a ser real.

O objetivo principal é o de conseguir que o público se envolva com a história, a imagem que lhe está a ser apresentada, como se fosse algo real, porque na verdade está a ser representada uma realidade. A tarefa passa por conseguir combinar os dois géneros, a ficção e a não ficção (documentário) de uma maneira que obriga os espectadores a contemplar e a refletir sobre as representações da questão real que lhes está a ser apresentada (Brown, 2010).

A conceptualização do documentário de ficção, criado em torno desta investigação, “HELLO, AVÓS!”, encontra-se descrita no **Capítulo 5**.



# Capítulo 3. Metodologia

## 3.1 Caracterização metodológica da investigação

A metodologia escolhida para este estudo considerou que a investigação trata relações sociais e experiências pessoais, mais concretamente entre avós/seniores e netos/crianças ou jovens, e teve em conta o tipo de informação que se pretendia recolher.

Sendo a pergunta de investigação “Qual o papel das tecnologias e dos media digitais no suporte à comunicação e relações intergeracionais, nomeadamente entre avós/seniores e netos/crianças ou jovens?”, entendeu-se necessária a escolha de um método, que permitisse a procura de respostas a questões relativas a cada uma destas gerações e ao uso que estas fazem das tecnologias e media digitais no contexto das suas relações. Os resultados obtidos foram utilizados, não só para um melhor entendimento da temática, mas também para a conceptualização de uma narrativa audiovisual que retrata a realidade observada.

Do ponto de vista metodológico, a investigação tem uma natureza descritiva. O propósito deste estudo é o de compreender as relações entre sujeitos, centrando-se no contexto em que o sujeito executa um papel e em que situação. A abordagem descritiva trata dessas mesmas questões, pois

envolve a compreensão de um tema/de um fenómeno e quais os contextos ou circunstâncias em que decorre.

Neste sentido, a abordagem metodológica é qualitativa, pois o principal objetivo passou por adquirir dados num contexto específico e real, abordando as várias variantes existentes, do ponto de vista dos participantes/do objeto de estudo.

Assim, para a obtenção de dados e informações, e para além de uma revisão da literatura, que se encontra retratada no **Capítulo 2**, foram realizados Inquéritos por questionário e três sessões de Focus Groups, com avós, netos e investigadores especialistas na área. Estes métodos e técnicas de recolha de dados foram selecionados porque, para além de apresentarem custos baixos e organização rápida, tinham maior potencial para resultar em informações mais relevantes para o estudo.

A realização de apenas questionários também poderia ser uma ideia a seguir, mas esse era um método que se tornaria rapidamente impessoal, com respostas restritas e não era essa a intenção deste estudo. Procuravam-se informações relevantes e conteúdo com mais profundidade, que só com contacto pessoal poderiam surgir.

Como referem Eliot & Associates (2005), *“Surveys are good for collecting information about people’s attributes and attitudes but if you need to understand things at a deeper level then use a focus group”* (p.1). Assim, os resultados obtidos com os questionários, realizados durante esta investigação, tiveram uma natureza, sobretudo, adicional, e não fundamental.

A investigação procurava não apenas respostas de “sim” ou “não”; logo os *Focus Groups* revelavam-se uma metodologia adequada. A partir dos *Focus Groups*, os participantes são encorajados a sentirem-se à vontade para discutir e comentar as suas experiências, com o seu próprio vocabulário e da forma que lhes convém (Kitzinger, 1995). Visto que as sessões de *Focus Groups* se podem assemelhar a conversas informais, os participantes conseguirão, em princípio, sentir-se mais relaxados e descontraídos, o que fará com que sejam mais espontâneos nas suas respostas e se sintam mais à vontade para falarem o quanto quiserem, sobre o que quiserem (dentro do tema questionado).

Habitualmente, as sessões de *Focus Groups* devem demorar entre quarenta e cinco a noventa minutos, devem ser compostas por um moderador, um grupo de seis a dez participantes e as perguntas devem ser abertas (pensadas antecipadamente e preferencialmente menos de dez) (Eliot & Associates, 2005).

Os grupos analisados nas sessões de *Focus Groups* foram avós, netos e especialistas na área. Uma

das vantagens dos *Focus Groups* é o de permitirem que várias tipologias de pessoas possam participar nas sessões. Não é necessário saber ler ou escrever, nem é necessária a literacia digital, que seria de alguma maneira fundamental, por exemplo, num questionário online.

Outra vantagem desta metodologia é a de possibilitar a obtenção de dados, de uma forma mais rápida, quando comparada com, por exemplo, entrevistas individuais. Os focus groups permitem a recolha da mais variada informação, de várias pessoas, ao mesmo tempo. E, como foi referido anteriormente, por estas sessões de grupo se assemelharem a uma conversa, os participantes poderão conseguir sentir-se mais motivados para falar e participar, do que numa entrevista individual (Kitzinger, 1995).

Para além dos *Focus Groups*, e de modo complementar, foram realizados, às duas gerações estudadas, Inquéritos por questionário, catorze a seniores (avós) e quarenta e cinco a crianças/jovens (netos), que integraram questões de natureza tecnológica e familiar.

As caraterizações das sessões de *Focus Group* e dos questionários, poderão ser encontradas mais à frente neste capítulo e no capítulo seguinte.

### 3.2 Desenho do estudo: fases de desenvolvimento da investigação

Na Figura 4 estão representadas, de forma resumida, as fases de investigação percorridas.

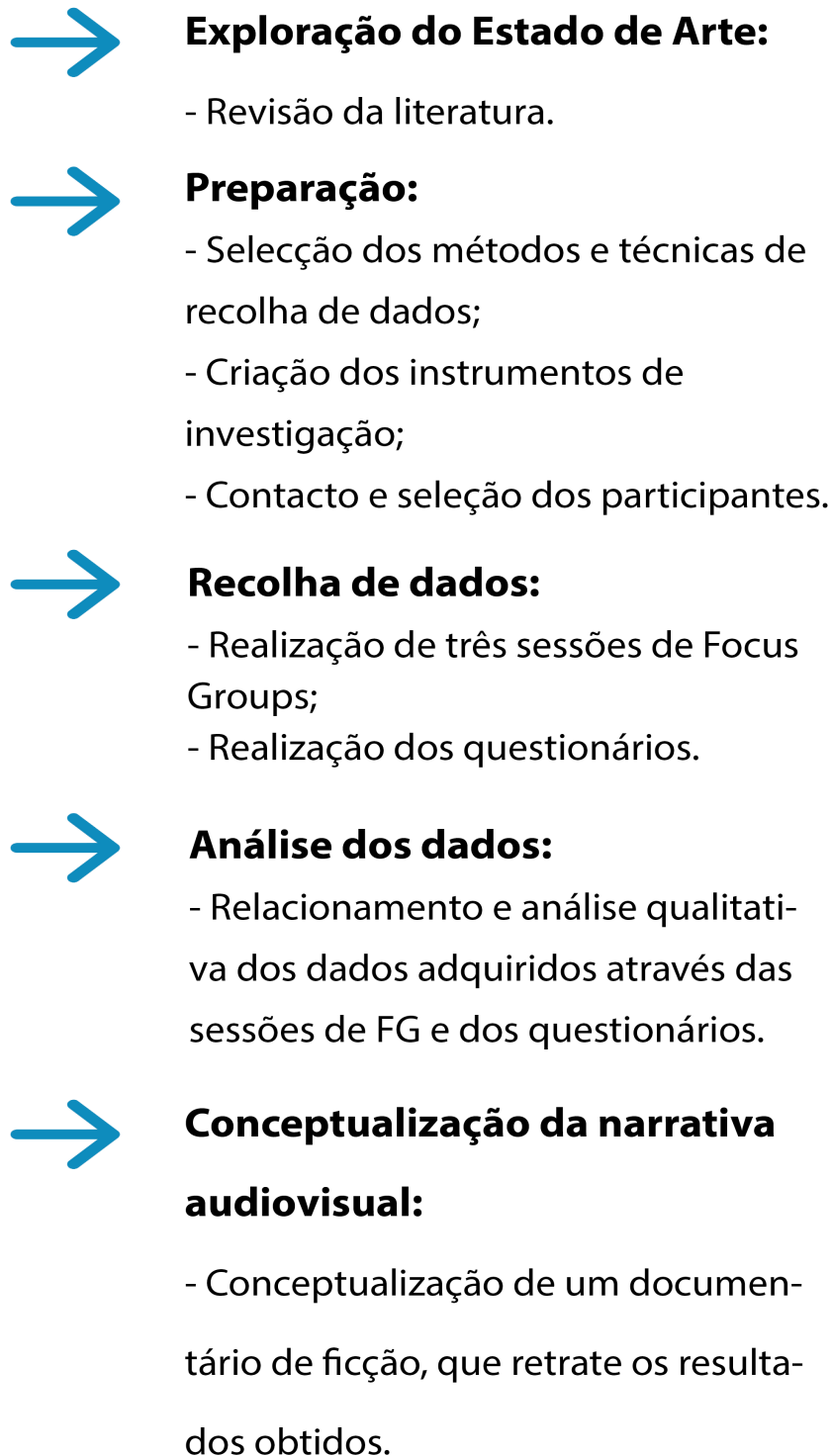


Figura 4 - Fases de desenvolvimento

Numa primeira etapa e relativamente à área científica em estudo, foi feita uma exploração do estado de arte e uma revisão da literatura. Esta revisão pode ser encontrada no **Capítulo 2**.

Seguidamente, foi essencial compreender que dados eram necessários para a investigação e assim criar uma estratégia para a sua obtenção.

Depois da criação das questões a serem abordadas nos *Focus Groups*, da preparação para as sessões e da criação dos questionários, foi fundamental contactar e seleccionar pessoas/participantes, que cumprissem um conjunto de requisitos pré-estabelecidos e que tivessem vontade e disponibilidade para participar nas sessões de *Focus Groups* e também de responder aos Questionários. Esta fase é explorada no ponto **3.3**.

Seguiu-se para a fase de recolha de dados, em que se realizaram as três sessões de *Focus Groups*, com avós, netos e especialistas na área e onde se obteve também as respostas aos Questionários. Esta fase é explorada no ponto **3.4.1**.

Na fase de análise e tratamento de dados, fez-se uma análise de carácter qualitativo aos dados e informações obtidas durante as sessões de *Focus Groups* e através dos Questionários. Esta fase é explorada no ponto **3.4.2**.

Por último, tendo todas as informações necessárias, passou-se à fase de conceptualização da narrativa audiovisual, que tem o propósito de retratar o tema estudado e investigado. Esta fase encontra-se melhor descrita no **Capítulo 5**.

### **3.3 Seleção dos participantes**

Para as sessões de *Focus Groups* e para responder aos Questionários, foi necessário seleccionar avós, netos e investigadores especialistas na área. Esta seleção foi feita por conveniência, tendo os participantes sido contactados por meio de amigos e “amigos de amigos”, através das redes sociais, email, contacto telefónico e presencialmente.

Aquando a angariação de participantes e podendo surgir dificuldades, colocou-se o objetivo de conseguir, se possível, até seis pessoas de cada tipo (seis avós, seis netos e seis especialistas na área).

Os avós e netos foram escolhidos de acordo com alguns critérios, sendo o primeiro e o principal, os avós terem pelo menos um neto e os netos terem ainda pelo menos um avô ou avó vivo/a. Os outros critérios de seleção passaram pela proximidade geográfica ou a possibilidade de transporte



até ao local onde as sessões de *Focus Groups* iriam decorrer.

Assim, para o grupo dos avós, realizou-se um primeiro contacto com a Junta de Freguesia de São Bernardo em Aveiro, que sugeriu o contacto com um grupo de seniores, entre os sessenta e os oitenta e seis anos, utentes do Centro de Animação Cultural de São Bernardo, que se junta todas as semanas para cantar e dançar e que está sempre disposto a participar em novas atividades.

Houve um primeiro contacto com a representante do grupo, Lúcia Felício e depois ocorreu um primeiro encontro com os seniores, de forma a explicar-lhes a essência da investigação e como se configuraria a sua participação. Mediante os critérios estabelecidos, foram selecionados, deste grupo, sete participantes para a sessão de *Focus Groups*.

Na Tabela 1, a seguir representada, estão caracterizados os participantes da sessão dos seniores (avós). O grupo é caracterizado por sete seniores, três homens e quatro mulheres, com idades compreendidas entre os sessenta e quatro e os oitenta e seis anos, que têm pelo menos um neto. Por motivos de privacidade não serão revelados os nomes dos participantes

PARTICIPANTE	GÉNERO	IDADE
P1	Feminino	64 anos
P2	Feminino	73 anos
P3	Feminino	74 anos
P4	Masculino	75 anos
P5	Masculino	76 anos
P6	Masculino	76 anos
P7	Feminino	86 anos

**Tabela 1 – Participantes da Sessão com os Seniores**

Do grupo de seniores do centro de Animação Cultural de São Bernardo, houve ainda mais catorze participantes, para além dos sete que participaram na sessão, que responderam ao Questionário.

Relativamente ao grupo dos netos, a Junta de Freguesia de São Bernardo em Aveiro voltou a auxiliar a investigação e sugeriu que se falasse com a Dra. Elisabete Fartura, Subdiretora da secção

infantil do Centro Paroquial de São Bernardo. Neste Centro existe uma secção infantil, onde são prestados serviços nas áreas de apoio social e educativo, ou seja, lá trabalham com grupos de crianças, dos seis aos doze anos. Assim, depois de falar com a Dra. Elisabete, selecionaram-se, de acordo com os critérios estabelecidos, seis crianças/jovens e surgiu ainda a possibilidade de obter mais catorze participantes para responder ao Questionário, para além dos seis do *Focus Group*.

Na Tabela 2, abaixo representada, são caracterizados mais uma vez os participantes da sessão de *Focus Group*, neste caso, os netos. O grupo é caracterizado por seis crianças/jovens, quatro meninos e duas meninas, com idades compreendidas entre os sete e os onze anos, que têm pelo menos uma avó ou avô vivo. Por motivos de privacidade não serão revelados os nomes dos participantes.

PARTICIPANTE	GÉNERO	IDADE
P1	Feminino	7 anos
P2	Feminino	7 anos
P3	Masculino	8 anos
P4	Masculino	9 anos
P5	Masculino	10 anos
P6	Masculino	11 anos

**Tabela 2 – Participantes da Sessão com as Crianças e Jovens**

Para os Questionários houve ainda mais trinta e uma respostas, por parte de alunos do ensino básico, dos treze aos quinze anos. A possibilidade de obter a participação destes trinta e um jovens, surgiu de um contacto com uma Professora da Escola Secundária José Estêvão em Aveiro. Destes participantes não houve a confirmação inicial, como houve com os outros participantes, se tinham ou não uma avó ou avô vivo.

Quanto à sessão dos especialistas da área, a orientadora desta investigação, a Professora Dra. Ana Carla Amaro, sugeriu alguns nomes de possíveis participantes. Este grupo de participantes era

composto por professores e investigadores da área em estudo, da Universidade de Aveiro. Depois de serem contactados, apenas quatro dos seis especialistas convidados mostraram disponibilidade de horário, tendo o *Focus Group* sido realizado com o Doutor Telmo Silva, Doutora Lúdia Oliveira, Doutora Liliana Sousa e Mestre Hilma Caravau.

Na Tabela 3, são apresentados os participantes para a sessão dos especialistas na área.

PARTICIPANTE	GÉNERO	NOME
P1	Masculino	Telmo Silva
P2	Feminino	Lúdia Oliveira
P3	Feminino	Hilma Caravau
P4	Feminino	Liliana Sousa

**Tabela 3 – Participantes da Sessão com os Especialistas da Área**

### **3.4 Método de Recolha e Tratamento de Dados**

Neste ponto são expostos, de forma aprofundada, os métodos e técnicas de recolha e tratamento de dados.

#### **3.4.1 Recolha de Dados**

Para a recolha de dados e como já foi mencionado anteriormente, foram realizadas três sessões de *Focus Groups*, com avós, netos e investigadores especialistas na área.

As sessões com os avós e netos foram separadas, pois este estudo procura informações de cada uma das gerações isoladamente. Pretendia-se entender como cada uma destas gerações vê as tecnologias e média digitais nas suas relações (ou com os seus netos, ou com os seus avós).

A primeira sessão de *Focus Group* foi realizada no dia 18 de maio de 2017, numa sala de reuniões da Junta de Freguesia de São Bernardo, em Aveiro, que amavelmente a disponibilizou para auxiliar este encontro. Teve como participantes um grupo de seniores, todos avós, com idades

compreendidas entre os sessenta e quatro e os oitenta e seis anos, quatro mulheres e três homens. Durou cerca de trinta minutos e foi composta por oito perguntas abertas, que podem ser encontradas na Tabela 4.

A segunda sessão de *Focus Group*, realizou-se no dia 25 de maio de 2017, com o grupo de crianças e jovens selecionados, todos netos, com idades compreendidas entre os sete e os doze anos, duas meninas e quatro meninos. Esta sessão teve uma duração de cerca de quinze minutos e foi também composta pelas mesmas oito perguntas abertas dos avós e podem também ser encontradas na Tabela 4. Esta sessão teve que decorrer de forma mais sucinta e rápida, pois como as crianças tinham outras atividades que requeriam a sua participação, houve um pedido de brevidade deste encontro, por parte dos educadores de infância.

O local escolhido para a sessão foi uma sala no Centro Paroquial de São Bernardo, uma vez que as crianças e jovens pertenciam a este centro e houve, desde o início, uma sala disponível para este encontro.

A terceira e última sessão de *Focus Group*, com investigadores especialistas na área, permitiu uma melhor compreensão acerca da temática estudada e resultou num complemento de informações relevantes. Esta sessão realizou-se no dia 7 de junho de 2017, teve lugar numa sala de aula do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, teve uma duração de cerca de cinquenta minutos, foi composta por oito perguntas, descritas na Tabela 5 e teve como participantes os doutores Telmo Silva, Lúcia Oliveira, Liliana Oliveira, e a Mestre Hilma Caravau.

Os dados dos *Focus Groups* foram recolhidos através de registos de observação, feitos pela Investigadora, dos comportamentos dos participantes, de gravação de vídeo e de gravação de áudio. Por motivos de privacidade, a identidade dos participantes será mantida confidencial. Foram assim recolhidos registos de observação, respostas dadas durante os *Focus Groups* e respostas dadas nos questionários.

Como também foi mencionado anteriormente, realizou-se ainda um Inquérito por Questionário (cf. **Anexo I** – Questionário: Avós/Netos), de forma a adquirir um complemento de dados de forma rápida. Para além das perguntas relativas à “Idade”, “Género” e “Localidade”, o Questionário foi composto por doze perguntas de escolha múltipla e duas de resposta escrita (curtas) (cf. Tabela 6). Este questionário foi respondido, de forma anónima, por seniores (avós) e crianças e jovens (netos). Os seniores, responderam ao questionário, apenas por escrito, em papel e as crianças/jovens dos sete aos doze anos responderam em papel e dos treze aos quinze anos responderam em formato digital.

Para as crianças e jovens foi possível apresentar-lhes o questionário, não só presencialmente, onde foi respondido em papel, como também foram realizados questionários respondidos de forma online, de onde surgiram várias respostas. Para os seniores, só houve forma e oportunidade de realizar os questionários de forma presencial, por escrito, pois não houve respostas via questionário online.

Assim, foi fundamental adaptar/criar três instrumentos, apresentados seguidamente: dois guiões de perguntas para os *Focus Groups* – um para as sessões dos avós e netos (cf. Tabela 4) e outro para a sessão dos especialistas da área (cf. Tabela 5) – e um questionário, para avós e netos (cf. Tabela 6).

<b>Focus Group – Avós/Netos</b>	
<b>1.</b>	A relação que têm com os vossos avós/netos é importante para vocês? Quer presentemente, quer com uma visão no futuro?
<b>2.</b>	Como seria se não houvesse os seus netos/avós?
<b>3.</b>	Quando estão juntos, desenvolvem atividades que incluam a tecnologia ou os meios digitais? Jogam jogos de consola, utilizam o computador, tablet....? Pesquisam na web?
<b>4.</b>	Quando não podem estar com os netos/avós presencialmente, usam a tecnologia e os dispositivos e meios digitais? Quais? Para quê? Se não, porquê?
<b>5.</b>	Facebook? Outras redes sociais?
<b>6.</b>	Consideram os dispositivos tecnológicos e redes sociais importantes na relação? De que maneira?
<b>7.</b>	Pensam que existe uma discrepância nos conhecimentos, formas e frequências de utilização das tecnologias e meios digitais nas gerações mais velhas/mais novas? Como comutar essa diferença?
<b>8.</b>	As gerações devem aprender umas com as outras? Numa sociedade isso é importante? Como? Porquê?

**Tabela 4 - Questões: Focus Group - Avós/Netos**

<b>Focus Group – Especialistas na Área</b>
<b>1.</b> Têm existido progressos significativos na investigação desta área? Quais? Quais os que consideram mais relevantes/interessantes?
<b>2.</b> Onde se situa atualmente o estado de arte/campo? Que investigações/trabalhos têm sido desenvolvidos?
<b>3.</b> Qual consideram ser o futuro da investigação neste domínio?
<b>4.</b> Em termos de sociedade, como são vistas as relações intergeracionais? Têm um papel importante? De que maneira?
<b>5.</b> Na vossa visão e dentro da temática das relações entre avós e netos e o uso das tecnologias, quais são as perspetivas de cada um (dos avós e dos netos)?
<b>6.</b> De que forma se tem tentado diminuir a divisão digital (a diferença de conhecimentos tecnológicos de que cada geração) entre gerações mais novas e mais velhas?
<b>7.</b> Têm existido ações governamentais e políticas que tenham mais atenção à questão das relações intergeracionais e das tecnologias?
<b>8.</b> O que pode ser feito em termos de intervenções sociais para promover as relações intergeracionais com o apoio das tecnologias?

**Tabela 5 - Questões: Focus Group - Especialistas na área**

## Questionário – Avós/Netos

Questões	Opções de Escolha
<b>1.</b> Habilitações literárias	- 1º Ciclo (1º ao 4º ano); - 2º Ciclo (5º ao 6º ano); - 3º Ciclo (7º ao 9º ano); - Ensino Secundário (10º ao 12º ano); - Licenciatura; - Mestrado; - Doutoramento
<b>2.</b> Que dispositivos tecnológicos possui ou já possuiu?	- Telemóvel; - Computador; - Tablet; - Consola de Jogos; - Outro(s). Qual/Quais?; - Nenhum
<u>(NÃO RESPONDER CASO A RESPOSTA À ÚLTIMA PERGUNTA TENHA SIDO: “NENHUM”)</u> <b>2.1.</b> Quantas horas por dia utiliza dispositivos tecnológicos?	- < 1 hora; - 1 a 2 horas; - 3 a 4 horas; - 5 a 7 horas; - + 7 horas
<b>3.</b> Tem acesso à internet?	- Sim; - Não
<b>4.</b> Com que frequência usa a internet?	- Uma vez por mês; - Uma vez por semana; - Duas ou três vezes por semana; - Todos os dias; - Nunca
<b>5.</b> Em que sítios despense mais tempo quando usa a internet?	- Sites de pesquisa; - Redes Sociais; - Jogos; - Email; - Outro(s). Qual/Quais?; - Nenhum



<b>6.</b> Possui conta numa rede social?	- Sim; - Não
<p><u>(NÃO RESPONDER CASO A RESPOSTA À ÚLTIMA PERGUNTA TENHA SIDO: “NÃO”)</u></p> <p><b>6.1.</b> Em quais:</p>	<p>- Facebook; - Instagram; - Twitter; - Youtube;</p> <p>- Snapchat; - Skype; - Outro(s). Qual/Quais?</p>
<p><b>7.</b> Costuma utilizar as redes sociais e dispositivos tecnológicos, selecionados anteriormente, na comunicação entre família e amigos?</p> <p>Se sim, quais especificamente?</p>	- Sim; - Não
<p><b>8.</b> Como classifica a relação que tem com os seus avós/netos?</p> <p>Porquê?</p>	<p>- Excelente; - Muito Boa; - Boa; - Razoável;</p> <p>- Má; - Muito má; - Inexistente</p>
<p><b>9.</b> Qual a frequência de contacto com os seus avós/netos?</p>	<p>- Uma vez por mês; - Uma vez por semana;</p> <p>- Duas ou três vezes por semana; - Três a cinco vezes por semana; - Todos os dias; - Não existe</p>
<p><b>10.</b> De que forma mantêm o contacto?</p>	<p>- Presencialmente; - Através das redes sociais;</p> <p>- Chamadas e SMS's; - Não mantém o contacto</p>

**Tabela 6 - Questões e Escolhas: Questionário - Avós/Netos**

### 3.4.2 Tratamento de Dados

Quanto às sessões de *Focus Groups*, procedeu-se à audição e transcrição das respostas dadas pelos avós (cf. **Anexo II** – Transcrição do *Focus Group* dos Avós), pelos netos (cf. **Anexo III** – Transcrição do *Focus Group* dos Netos) e pelos investigadores especialistas na área (cf. **Anexo IV** – Transcrição do *Focus Group* dos Especialistas na Área) e, a partir das transcrições, foi possível organizar e analisar toda a informação dada pelos participantes, tentando identificar tendências de resposta. Desta forma, o processo foi dedutivo, uma vez que, a partir dos dados, deduziram-se categorias de análise.

As anotações da Investigadora relativas aos comportamentos dos participantes e às formas como respondiam e reagiam às perguntas e aos temas em conversa, ajudaram numa melhor compreensão das atitudes e emoções dos participantes. Os registos de vídeo das sessões também foram úteis deste ponto de vista.

Quanto aos questionários, foram criadas duas folhas de cálculo, no programa Microsoft Excel, com os dados de resposta, uma para os seniores/avós e outra para as crianças/jovens/netos. Depois de inseridos os dados, em formato tabela, avançou-se para a criação de gráficos visuais, o que possibilitou uma melhor perceção e uma melhor análise das respostas dadas (cf. **Anexo V** – Respostas dos Questionários).



# Capítulo 4. Apresentação e Discussão dos Resultados

Neste capítulo apresentam-se e discutem-se os resultados obtidos através da parte empírica desta investigação, ou seja, através das sessões de *Focus Groups* e dos Questionários.

Faz-se, primeiramente, uma abordagem às respostas dos questionários dos seniores (avós) e depois às respostas das crianças/jovens (netos). Em ambas as categorias, são analisadas primeiro as questões de teor tecnológico e depois as questões de teor familiar.

Numa segunda parte deste capítulo, são então analisados e discutidos os resultados alcançados com os *Focus Groups*, começando pelos seniores, seguindo para as crianças/jovens e acabando com os especialistas na área.

## 4.1 Resultados dos Inquéritos por questionário

### 4.1.1 Seniores/Avós

Os Inquéritos por questionário foram aplicados a catorze seniores, todos com netos, e, como mostra o Gráfico 1, nove do sexo feminino (64%) e cinco do sexo masculino (36%), dos sessenta e quatro aos oitenta e seis anos.

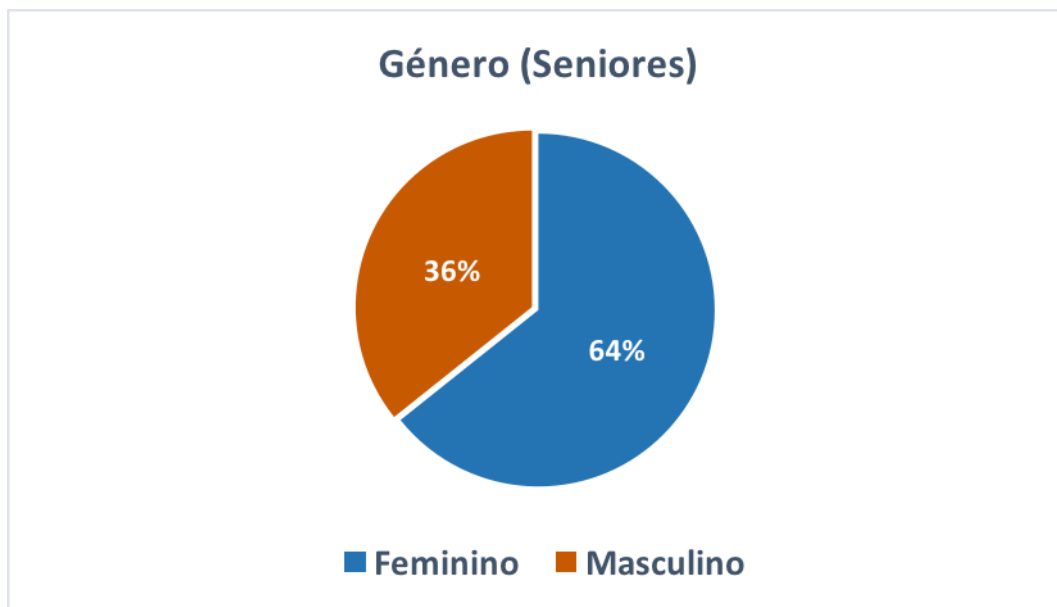


Gráfico 1 - Género (Seniores)

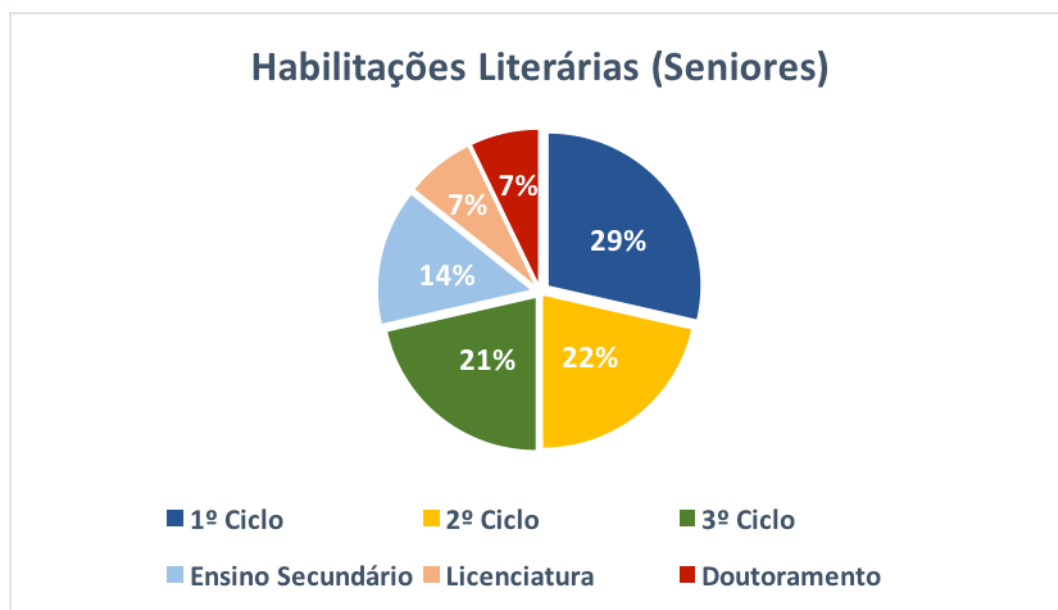
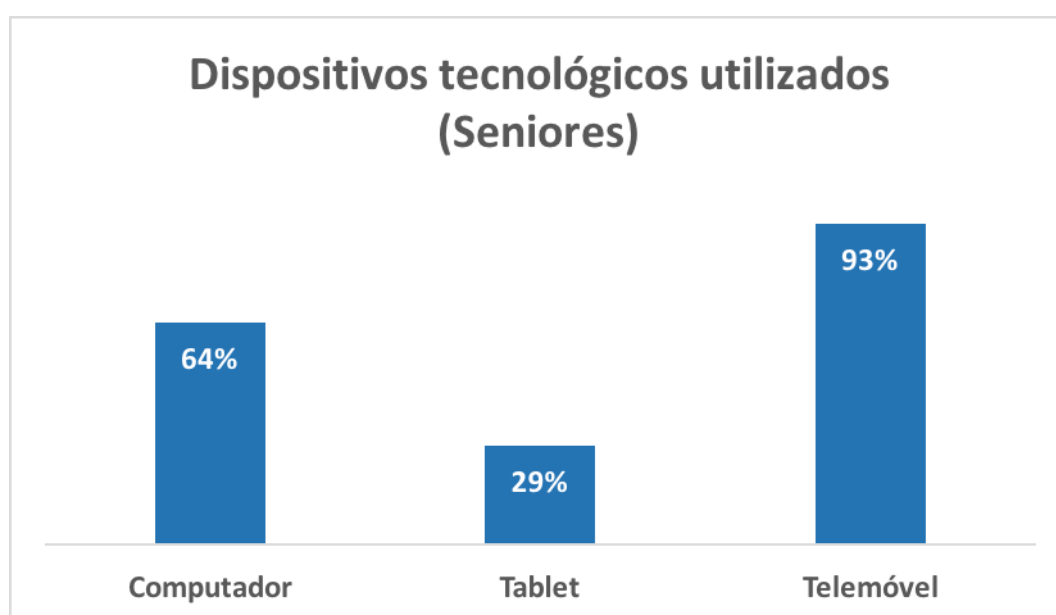


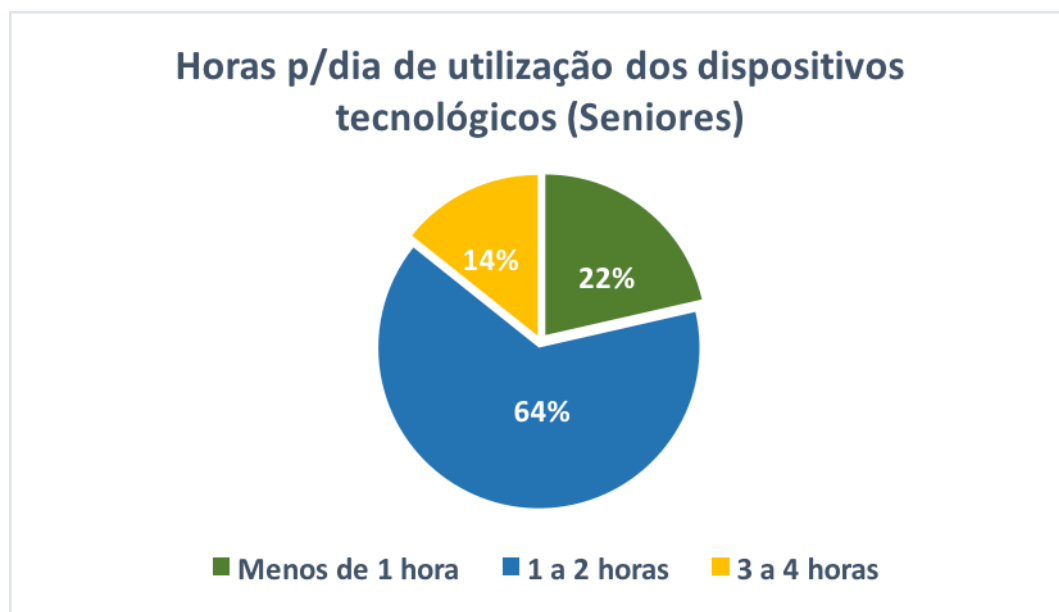
Gráfico 2 – Habilitações Literárias (Seniores)

Ao nível das habilitações literárias, observou-se a partir do Gráfico 2 que a maioria dos respondentes tem o primeiro ciclo de escolaridade, embora o segundo e terceiro ciclo também estejam próximos em termos de resposta. Apenas 7% dos seniores inquiridos tinha um curso superior universitário.

Relativamente às questões de natureza mais tecnológica, e começando pela análise às respostas à pergunta “Que dispositivos tecnológicos possui ou já possui?”, foi possível observar que a quase totalidade dos inquiridos (93%) possui ou já possui telemóvel (cf. Gráfico 3). A maioria também possui ou já possuiu computador (64%) e 29% dos seniores possuem ou já possuíram *tablet*.



**Gráfico 1 – Dispositivos Tecnológicos Utilizados (Seniores)**



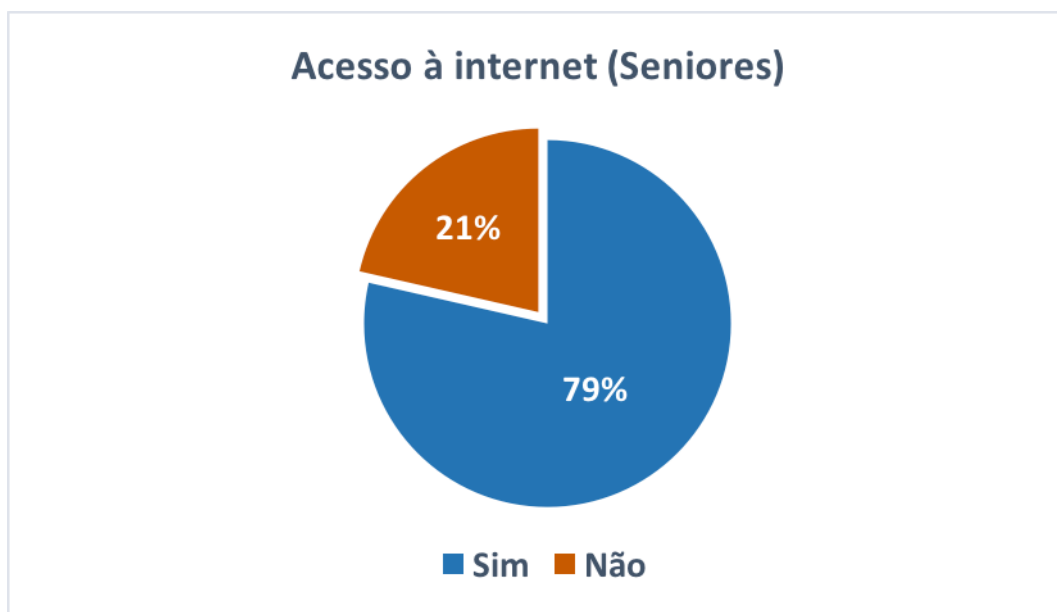
**Gráfico 2 – Horas p/dia de Utilização dos Dispositivos Tecnológicos (Seniores)**

Relativamente à pergunta “Quantas horas por dia utiliza dispositivos tecnológicos”, observa-se, através do Gráfico 4, que a maioria respondeu que utiliza as tecnologias entre “1 a 2 horas” por dia, enquanto 22% responderam “menos de 1 hora” e os restantes 14% responderam de “3 a 4 horas”. Não houve respostas acima de quatro horas por dia.

Esta informação permitiu concluir que os seniores inquiridos não utilizam uma grande diversidade de meios tecnológicos e a sua maioria faz deles um uso diário não superior a duas horas. Apenas três destes meios (telemóvel, computador e tablet) foram motivo de resposta, quando havia outras possibilidades e o meio mais utilizado, basicamente por todos os questionados, o telemóvel, era o esperado, uma vez que este é um dos principais meios de comunicação na sociedade atual.

Também, em termos de frequência de uso destes dispositivos, estes não são muitas vezes utilizados. Com base nas respostas dadas, parece que este grupo de utiliza as tecnologias apenas quando de facto necessita delas.

De acordo com Jung and Loges (2001), que as tecnologias têm um papel mais central e importante, no auxílio à realização dos objetivos do dia-a-dia de um indivíduo. Também Aroldi, Carlo, & Colombo (2014) indicam que os idosos com mais conhecimentos tecnológicos, que utilizam as tecnologias e media digitais no seu dia-a-dia, utilizam-nas de uma forma mais “madura”, incorporando-as às suas necessidades e estilos de vida.



**Gráfico 3 – Acesso à Internet (Seniores)**

Entrando agora nas questões relativas ao uso da internet, à pergunta “Tem acesso à internet?”, o Gráfico 5 mostra que 79% dos questionados respondeu que sim, que tem acesso e 21% respondeu que não tem acesso.

Há claramente uma tendência de resposta positiva, a grande maioria pode aceder à internet. A prática do uso da internet, por parte dos seniores, tem vindo a ser essencial, não só pelo rápido aumento da população mais velha, mas também pelos benefícios na comunicação intergeracional (Hunt, 2012).

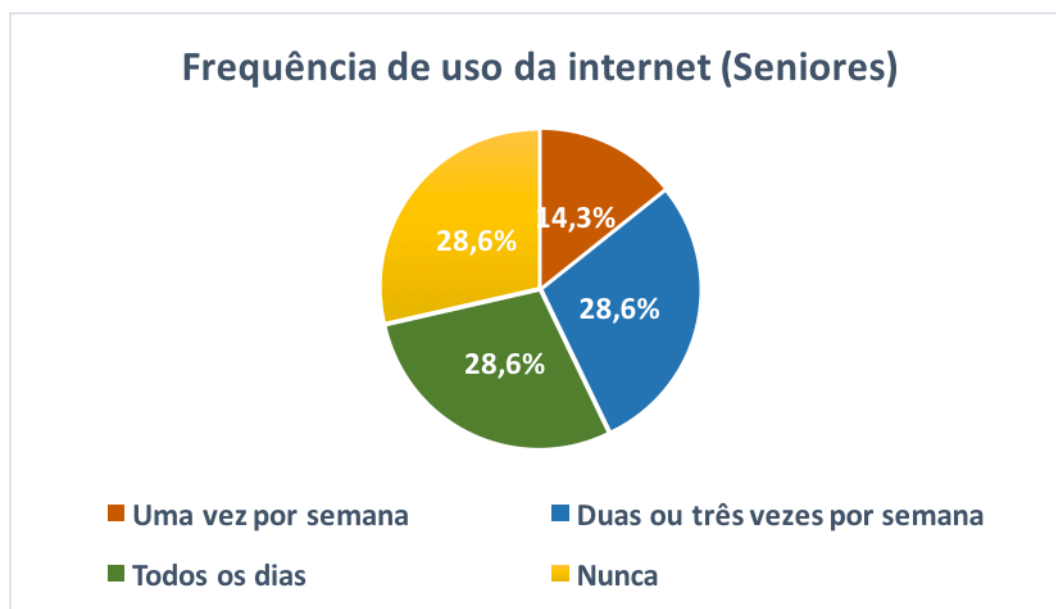
Não obstante, mesmo nos dias de hoje, neste mundo tecnológico, ainda há seniores que não podem responder da mesma maneira, como os 21% de inquiridos que afirmaram não ter acesso à internet. Nestes casos, os seniores podem viver sozinhos, sem ter contacto com nenhuma geração mais jovem e depois, como não conhecem, não sabem mexer ou apenas não ligam muito às tecnologias, não fazem um grande esforço para reiterar esta situação.

Numa família, as gerações mais novas, que desde sempre estão habituadas às tecnologias, são um grande motivo para as gerações mais velhas se converterem ao mundo digital, como já foi inferido no enquadramento teórico.

Segundo Hunt (2012), os avós são capazes de aprender uma generosa quantidade de informação relativa às tecnologias e media digitais, informações que mesmos eles pretendem adquirir ou que



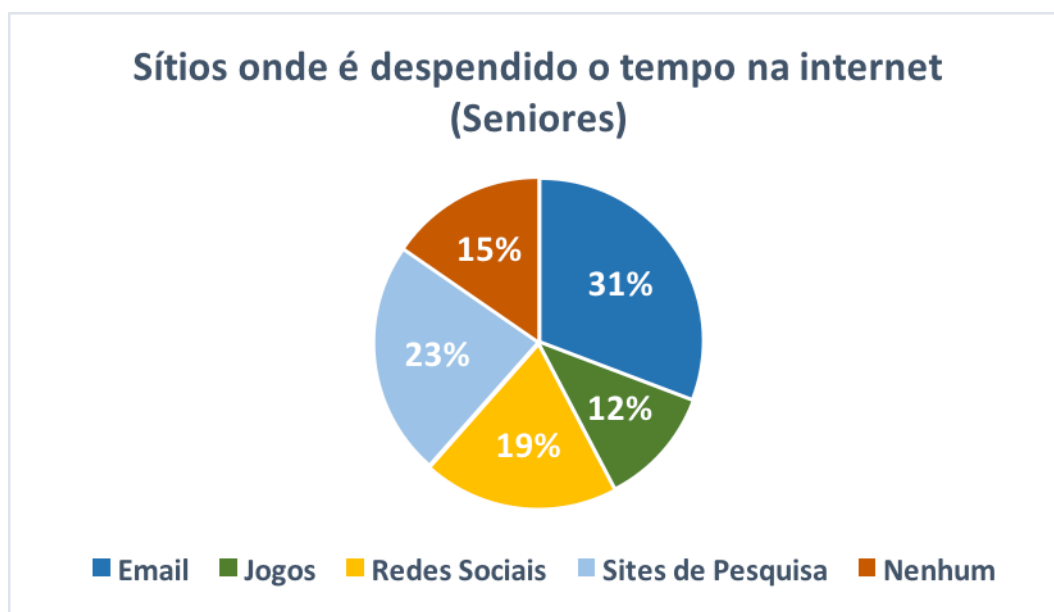
os netos lhe tentam ensinar. Os avós querem, principalmente, perceber o funcionamento das tecnologias que lhes permitem manter o contacto com os seus, assim como estar a par das suas atividades diárias.



**Gráfico 4 – Frequência de Uso da Internet (Seniores)**

No que diz respeito à pergunta “Com que frequência usa a internet?”, o Gráfico 6 mostra que houve três opções com a mesma percentagem de respostas, sendo estas “Todos os dias”, “Duas ou três vezes por semana” e “Nunca”, com 28,6%. Os restantes 14,3 % recaíram sobre a opção “Uma vez por semana”.

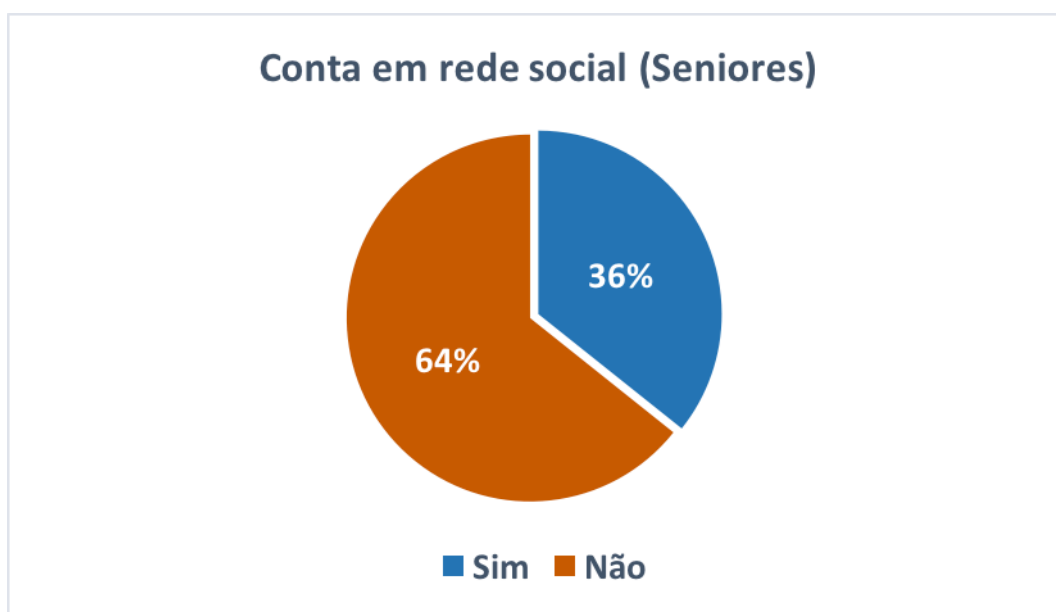
Uma forma de interpretar estes resultados é a de que, em termos de frequência de uso da internet, há uma igualdade de casos para cada preferência, existem casos em cada extremo e nos intermédios. Nesta geração tanto podem utilizar a internet no seu dia-a-dia, como algo comum no seu quotidiano, usar uma, duas ou três vezes por semana ou não usar de todo, como visto em cima, por não terem acesso à internet ou por não ser algo necessário na vida deles. Há casos em que o sénior pode ter acesso à internet, mas decidir não a utilizar.



**Gráfico 5 – Sítios onde é Despendido o Tempo na Internet (Seniores)**

O Gráfico 7 mostra que o sítio onde, os seniores questionados, passam mais tempo quando navegam na internet é então o “Email”, com 31% das respostas. Seguidamente, estes seniores passam o seu tempo em “Sites de Pesquisa”, com 23% das respostas, nas “Redes Sociais”, com 19% das respostas e em “Jogos”, com 12% das respostas. Contudo ainda existem 15% de questionados que afirmam não despendem nenhum do seu tempo em nenhum sítio da internet.

O email, uma das tecnologias mais antigas e banal, continua a ser o mais usado por esta geração, assim como os sites de pesquisa. Já as redes sociais e jogos não mostram ser tão populares nas vidas e quotidiano deste grupo.

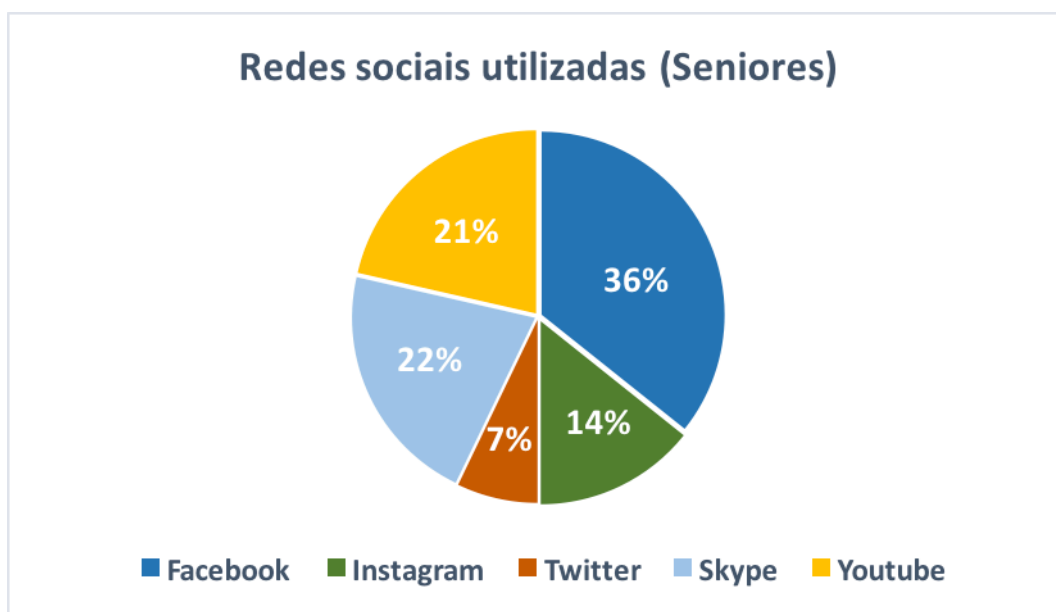


**Gráfico 6 – Conta em Rede Social (Seniores)**

Passemos assim para uma análise do tema das redes sociais. À pergunta “Possui conta numa rede social?”, 64% dos questionados, a maioria, não possui uma conta numa rede social e que 36% possui (cf. Gráfico 8).

Percebe-se assim que muitos não sentem a necessidade de utilizar as redes sociais. As redes sociais são algo vulgar nos dias de hoje, servem sobretudo para comunicar com outras pessoas e acompanhar as suas vidas. Esta geração, não foi habituada desde sempre à utilização das tecnologias, nem a estas novas formas de comunicação e relacionamento. É de alguma forma normal que não sigam esta “moda” e se mostrem, de alguma maneira, resistentes à mudança.

Embora uma diferença de quase metade, ainda são alguns que possuem, pelo menos, uma conta numa rede social. Posto isto, a próxima questão ajudará a perceber quais são as redes sociais mais utilizadas pelos questionados que responderam positivamente à pergunta anterior.



**Gráfico 7 – Redes Sociais Utilizadas (Seniores)**

Observando o Gráfico 9, a rede social mais utilizada pelos questionados é o Facebook (36%), em seguida o Skype (22%) e com quase a mesma percentagem o Youtube (21%). O Instagram (14%) e o Twitter (7%) são também utilizados por alguns inquiridos, mas não são das redes sociais mais pertinentes neste grupo.

Apesar de nem todos possuírem redes sociais, nem usufruírem desta forma de comunicação, os que possuem e utilizam, ao que parece, fazem-no com uma das redes sociais mais utilizada em todo o mundo, o “Facebook”. Como Novak (2012) afirma, as mensagens de texto podem não ser o meio de comunicação preferido dos avós, porém utilizam-no, pois, é o meio pelo qual conseguem manter maior contacto com os seus netos. Já a utilização do Facebook aparece como uma ajuda a “preencher as lacunas” do conhecimento sobre a vida dos seus netos, principalmente quando a comunicação por outros meios não é tão frequente (Novak, 2012).

Mas o Facebook não é o único, o Skype também foi mencionado por 22% dos questionados, o que leva crer que as videochamadas, provavelmente entre familiares e amigos, são algo habitual para alguns dos seniores. A comunicação mediada por computador ou telemóvel, através do envio de mensagens escritas, é, de certa forma, um método limitado, devido à falta de pistas não verbais, como o olhar das pessoas ou os gestos que fazem quando comunicam.

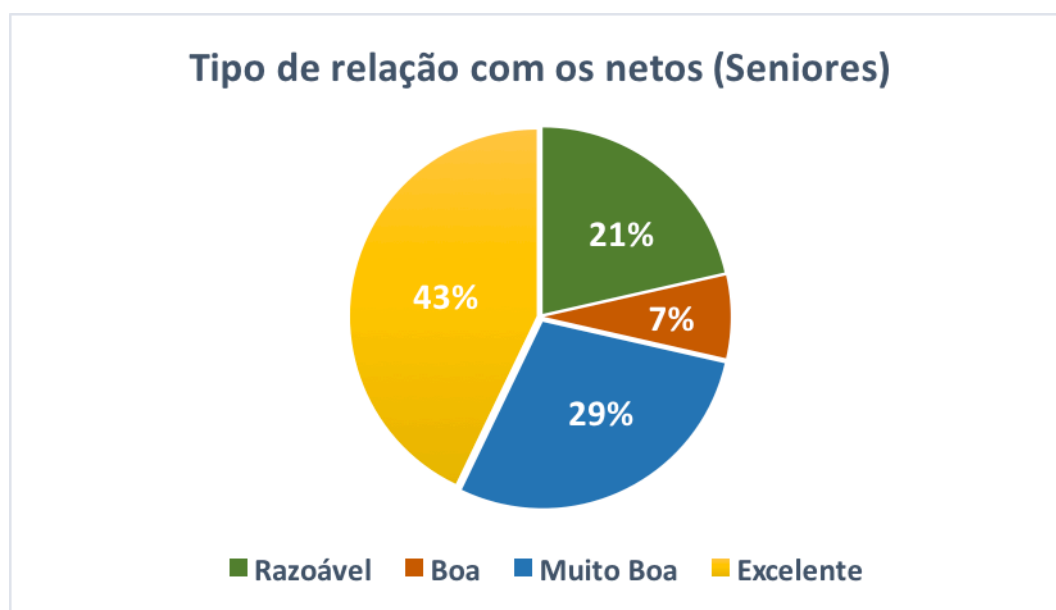
A comunicação mediada por vídeo pode ajudar nesse campo, pois ambos os utilizadores têm o poder de ver e ouvir o seu parceiro na interação. Com a web 2.0, o Skype tornou-se um dos

programas mais popular (Guadagno & Okdie, 2008).

Foi feita também a pergunta: “Costuma utilizar as redes sociais e dispositivos tecnológicos, selecionados anteriormente, na comunicação entre família e amigos?”. Dos catorze questionados, nove afirmaram que costumam utilizar as redes sociais e/ou dispositivos tecnológicos na comunicação entre família e amigos.

Como afirma Novak (2012), as tecnologias estão cada vez mais presentes como suporte à comunicação e às relações intergeracionais.

No que diz respeito às questões de teor mais familiar, que remetiam para as relações intergeracionais entre estes avós e os seus netos, o questionário começava por pedir aos inquiridos que classificassem a sua relação com os seus netos entre “Excelente”, “Muito Boa”, “Boa”, “Razoável”, “Má”, “Muito Má” e “Inexistente”.



**Gráfico 8 – Tipo de Relação com os Netos (Seniores)**

Como mostra o Gráfico 10, as respostas foram bastante positivas, a maioria respondeu que a relação com os seus netos é “Excelente” (43%), 29% respondeu que é “Muito Boa”, para 7% é boa e para 21% é apenas “Razoável”.

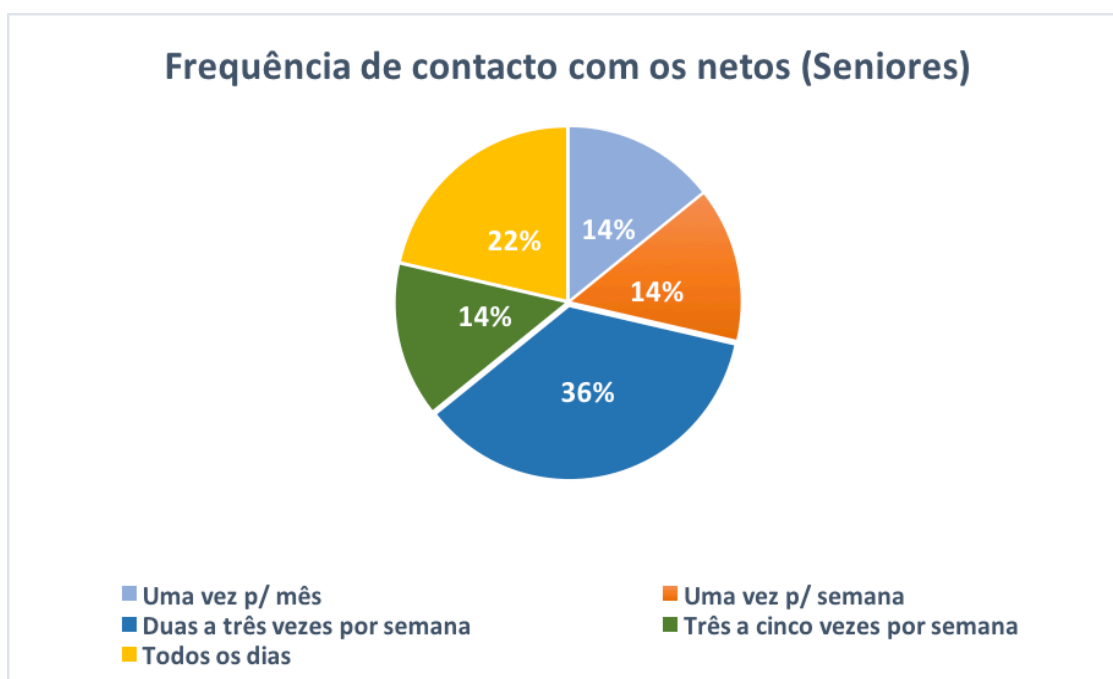
Entende-se assim que a relação que estes avós têm com os seus netos é importante para eles e que a veem como algo positivo nas suas vidas.

São vários os autores que declaram a importância que os avós têm, ao proporcionarem companhia aos seus netos e ao criarem um relacionamento emocional com eles (Breheny, Spilsbury, & Stephens, 2013), logo é natural que os efeitos gerados sejam na maioria positivos.

Algumas das razões que questionados deram para este bom relacionamento passam por: “uma questão de afeto”; “gosto de estar com eles e eles gostam de estar comigo (connosco) - almoçar, dormir, passear, etc”; “porque são os nossos segundos filhos”; “porque somos todos amigos”.

Apesar da maior parte ter uma relação positiva com os seus netos, ainda há 21% dos inquiridos que avalia esta relação apenas como “Razoável”. A razão mais significativa, para esta resposta, passou por “mal falamos”. O pouco contacto ou, por vezes, o não contacto por completo, mostra ser um dos motivos mais influentes e também um dos mais óbvios, para uma relação menos boa entre avós e netos. Para uma relação funcionar é essencial o contacto entre os dois indivíduos dessa relação, é preciso comunicarem e interagirem, quer seja por contactos “cara-a-cara” ou contactos realizados a partir das tecnologias e media digitais.

Anderson et al. (2005), afirmam que avós e netos que vivem geograficamente perto e que têm visitas frequentes são mais chegados. É desta maneira que se segue para a pergunta “Qual a frequência de contacto com os seus netos?”, da qual surgiu o seguinte Gráfico 11.

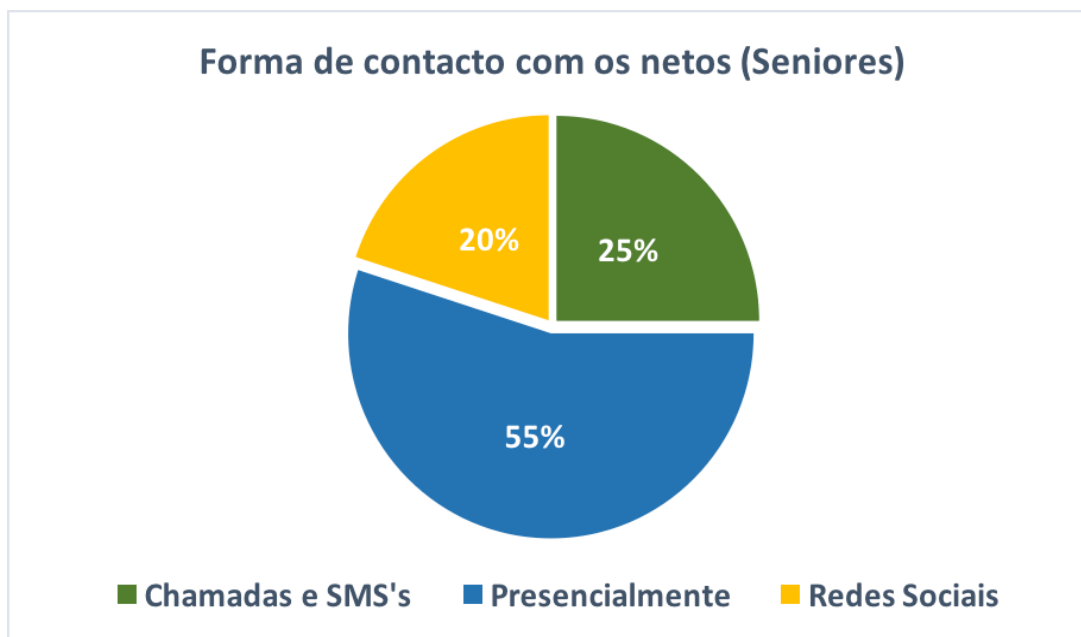


**Gráfico 9 – Frequência de Contacto com os Netos (Seniores)**

Os resultados desta pergunta foram um pouco dispersos, a maioria dos questionados (36%) respondeu que contacta com os seus netos “Duas a três vezes por semana”, 22% respondeu “Todos os dias”, 14% respondeu “Três a cinco vezes por semana”, outros 14% “Uma vez por semana” e os restantes 14% “Uma vez por mês”.

Assim sendo, a maior parte destes avós contacta com os seus netos duas a três vezes por semana e outra grande parte contacta todos os dias. Duas a três vezes por semana podem não ser muitos dias e o contacto não é tão frequente como se fosse todos os dias, contudo pode ser o número de dias necessário e ideal para as gerações envolvidas nesta relação e para o seu bom funcionamento.

Mas há também, com o mesmo número de respostas, inquiridos que contactam com os seus netos não duas a três vezes por semana, mas um pouco mais, três a cinco vezes por semana, e ainda, avós e netos que só mantêm o contacto uma vez por semana, ou pior, uma vez por mês. Nestes casos, a razão costuma recair na distância geográfica, nas escolhas dos próprios pais das crianças/jovens ou até na possibilidade/querer dos avós.



**Gráfico 10 – Forma de Contacto com os Netos (Seniores)**

Já quanto à forma como é feito o contacto, o Gráfico 12 mostra que a forma mais habitual e comum é “Presencialmente”, com 55% das respostas. Segue-se com 25% as “Chamadas e SMS’s” e por fim, com 20% as “Redes Sociais”.

Estar com os netos presencialmente, ter um contacto mais pessoal, é, como esperado, a forma de contacto mais usual utilizada por estes avós. Como compreendido anteriormente, os contactos presenciais promovem a realização de atividades em conjunto, por parte das duas gerações e isso leva a uma fortificação do relacionamento (Amaro et al., 2016).

As formas de contacto por via das tecnologias são formas menos populares para estes avós, contudo existe uma percentagem que comunica através de chamadas e sms’s e redes sociais, pois, de certo, há situações em que o contacto pessoal não é sempre possível ou então não é possível de todo, como por exemplo, devido à distância geográfica. São muitos os avós e netos que mantêm a sua comunicação e interação através das tecnologias e media digitais, nomeadamente os que vivem relações à distância (Hurme et al., 2010).

As tecnologias e media digitais surgem em auxílio nestas situações, o Facebook, o Skype, as chamadas telefónicas são uma ótima opção para os que querem manter o contacto com os seus, poder falar com eles, poder vê-los e poder acompanhar as suas vidas e que não o podem fazer de outra forma.

Embora menos populares, estas formas de contacto estão a ganhar cada vez mais força. As

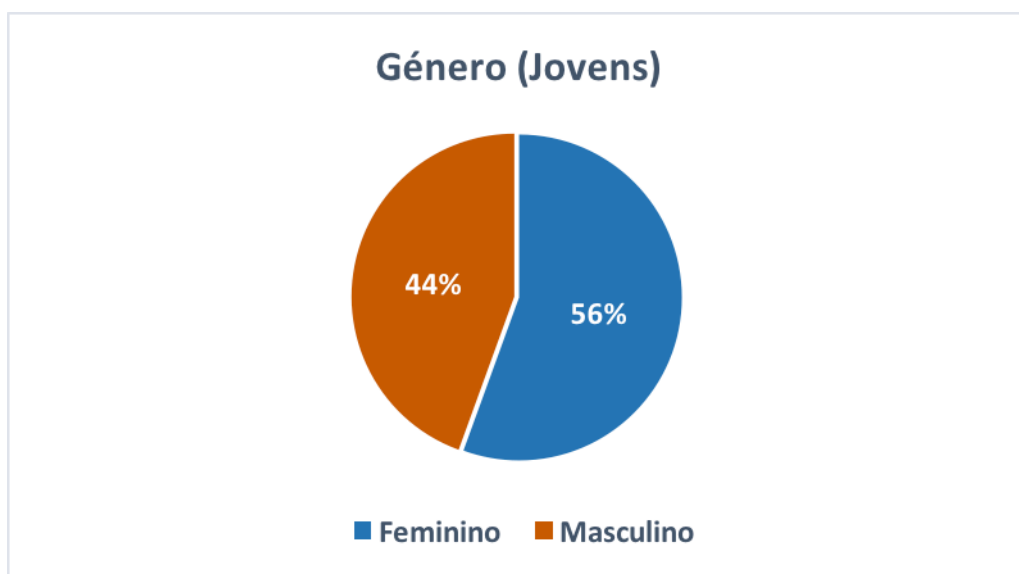


gerações mais recentes já nasceram num mundo tecnológico, a utilização de tecnologias como o telemóvel ou o tablet e das redes sociais, já é algo normal na vida delas e as gerações mais velhas tendem a fazer um esforço para aprender a utilizá-las, de modo a manter o contacto vivo.

Em seguida, parte-se para a análise e discussão dos resultados obtidos nos questionários realizados às crianças e jovens.

#### 4.1.2 Crianças/Jovens (Netos)

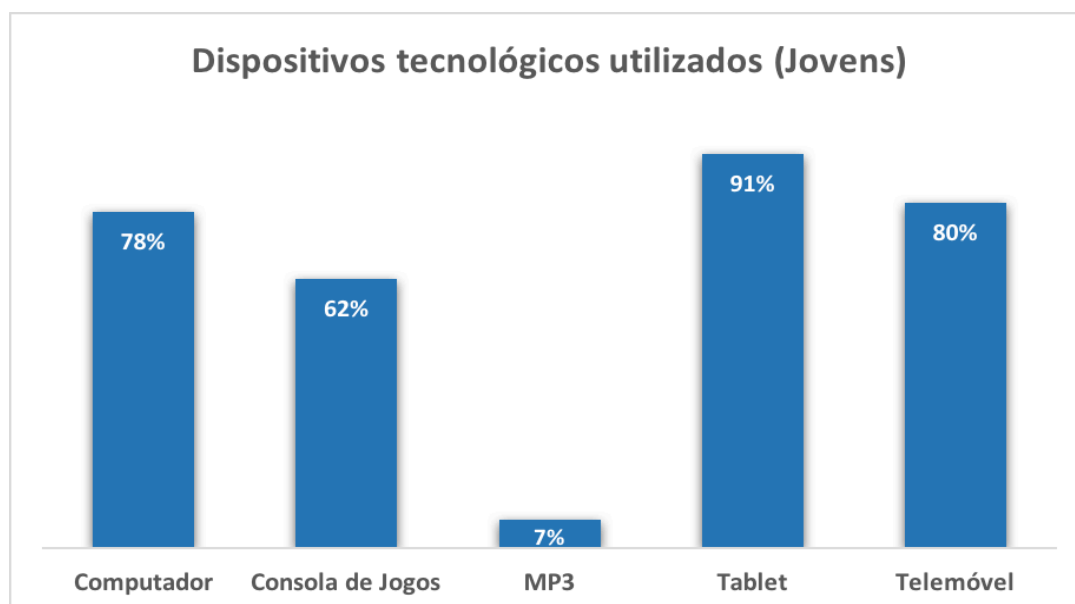
Os Inquéritos por questionários foram aplicados a um total de quarenta e cinco crianças e jovens, quarenta e duas com pelo menos uma avó ou avô vivo e três que já tiveram avós, mas, entretanto, já faleceram. Os participantes destes questionários são também da região de Aveiro, e têm idades compreendidas entre os sete e os quinze anos. Como o Gráfico 13 indica, responderam a este questionário vinte e cinco meninas (56%) e vinte meninos (44%).



**Gráfico 11 – Género (Jovens)**

Conseguiu-se um maior número de respostas de crianças e jovens do que de seniores e já isso leva à observação de uma diferença entre as duas gerações. Como foi referido anteriormente, ao contrário dos seniores, para as crianças e jovens foi possível apresentar o questionário, não só presencialmente, onde foi respondido em papel, como também foram realizados questionários que foram respondidos de forma online, de onde advieram várias respostas.

Relativamente às questões de teor mais tecnológico, parte-se para a pergunta “Que dispositivos possui ou já possuiu?”, de onde surgiu o Gráfico 14.



**Gráfico 12 – Dispositivos Tecnológicos Utilizados (Jovens)**

Os resultados mostram que o dispositivo mais utilizado pelas crianças/jovens é o “Tablet”, com quarenta e uma respostas, seguido do “Telemóvel” com trinta e seis respostas, o “Computador” com trinta e cinco, a “Consola de Jogos” com vinte e oito e o “MP3” com três.

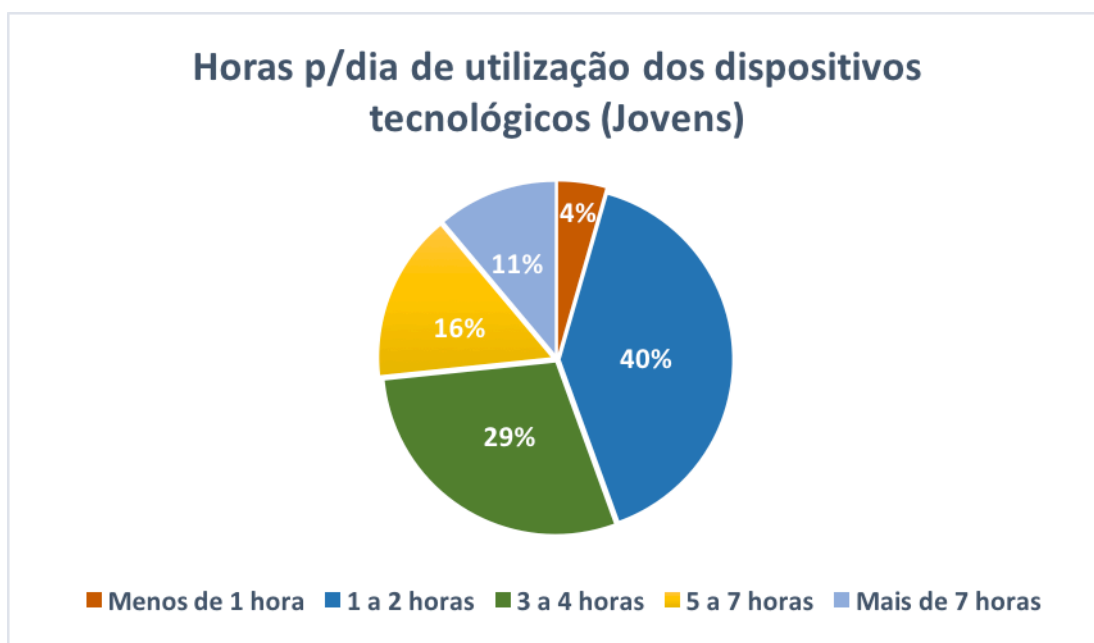
De acordo com Oblinger & Oblinger (2012), esta geração mais jovem mostra conseguir fazer várias tarefas ao mesmo tempo e muitas destas crianças/jovens conseguem usar os vários meios tecnológicos que possuem ao mesmo tempo. Cada vez é mais habitual encontrar crianças/jovens que ao mesmo tempo estão a ver televisão, estão a falar ao telemóvel ou estão no computador.

Os três dispositivos mais utilizados por parte das crianças/jovens eram de se esperar, uma vez que o tablet, o telemóvel e o computador são os dispositivos tecnológicos mais populares em todo o mundo.

No início o que se tornou uma surpresa, foi o facto do tablet ser o mais utilizado, contudo se se pensar bem, esta geração assistiu ao surgimento e à “moda” dos tablets, para eles é um dispositivo comum nos seus dias.

Em termos de interação entre avós e netos, o telemóvel e o tablet mostram ser dos dispositivos mais apropriados, pois permitem sobretudo a ultrapassagem de barreiras que existem muitas vezes devido aos teclados e ratos de computador (Amaro et al., 2016).

Deve-se ter também em consideração que as tecnologias estão em constante mudança (Yu, 2011). A geração a seguir a esta, dos jovens adultos e dos adultos, provavelmente, responderia de outra forma, pondo o telemóvel em primeiro lugar. De geração em geração, de tempo em tempo, as tecnologias mudam e criam-se novos dispositivos tecnológicos, novas aplicações, é natural que cada geração use diferentes tipos de dispositivos, dependendo ao que está habituada.



**Gráfico 13 – Horas por dia de Utilização dos Dispositivos Tecnológicos (Jovens)**

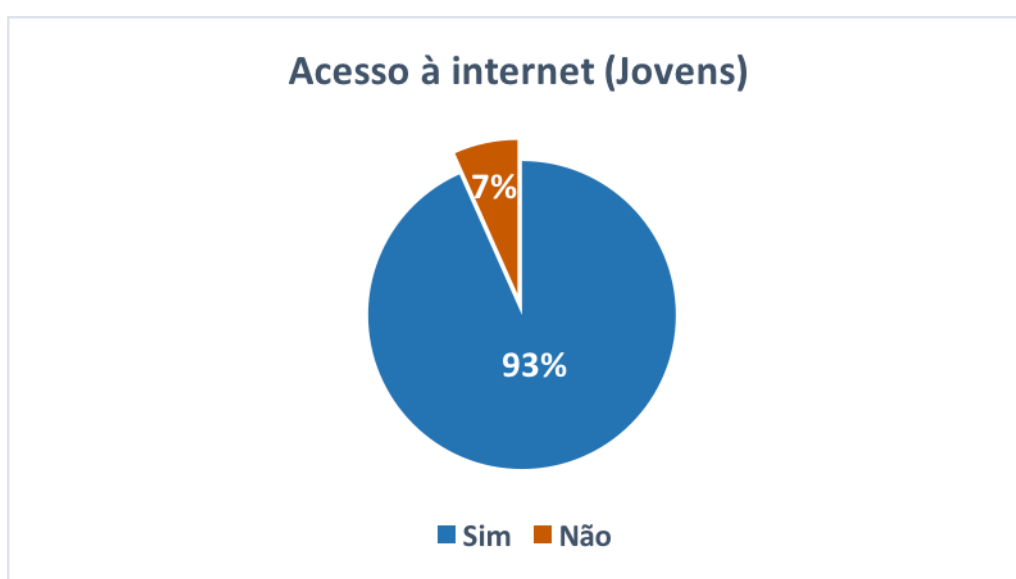
Em relação ao tempo de utilização destes dispositivos por parte dos questionados e à pergunta “Quantas horas por dia utiliza dispositivos tecnológicos?”, os resultados do Gráfico 15 mostram que, por dia, a maioria destas crianças/jovens (40%) utiliza de “1 a 2 horas”, depois há 29% dos inquiridos que utiliza de “3 a 4 horas”, 16% que utiliza de “5 a 7 horas”, 11% que utiliza por “mais de 7 horas” e, por fim, 4% que utiliza por “menos de 1 hora”.

Surpreendentemente, a maior parte destas crianças e jovens, por dia, não utiliza os seus dispositivos tecnológicos por muitas horas. De “1 a 2 horas” e de “3 a 4 horas” foram as respostas mais dadas, por mais de metade dos inquiridos e apenas uma pequena percentagem utiliza os seus dispositivos por mais de cinco horas.

Sendo uma geração que nasceu num mundo tecnológico e sempre viveu com as tecnologias, é admirável que só se dedique aos seus dispositivos tecnológicos durante algumas horas. De “1 a 2

horas” foi a resposta mais dada, contudo, “de 3 a 4 horas”, parece ser um intervalo de horas ideal. Estas possibilitam um balanço, a criança/jovem consegue ter um tempo bastante generoso para usufruir dos dispositivos e outro para se dedicar a outras atividades, às tarefas da casa, etc. De qualquer forma, as três/quatro horas, devem ser usufruídas intervaladamente e não de forma contínua.

Segundo Oblinger and Oblinger (2012), crianças de seis anos ou menos passam uma média de duas horas por dia a usar algum tipo de media, quer seja a ver televisão, no computador ou a jogar jogos, o que quase iguala a quantidade de tempo que passam no exterior.



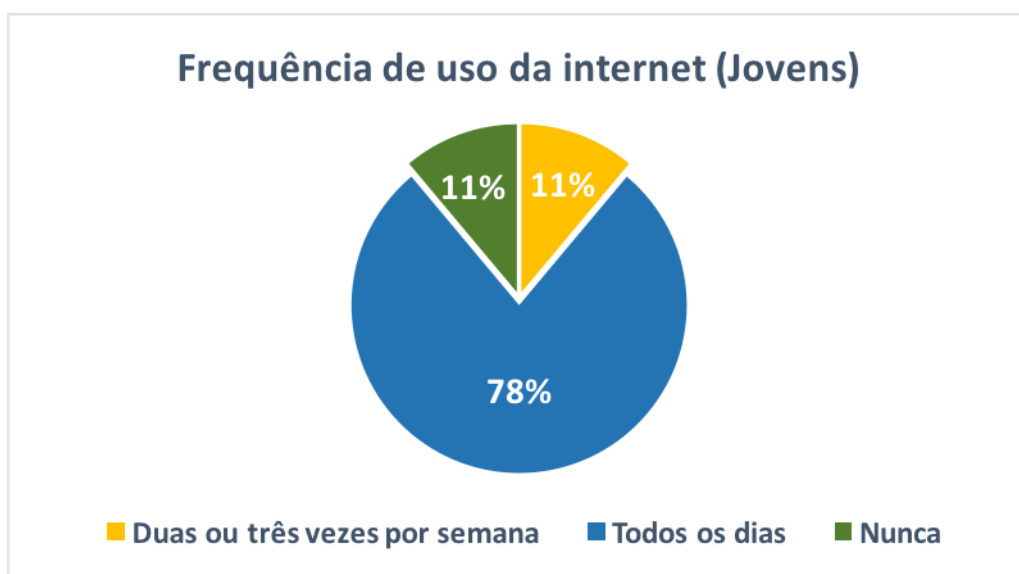
**Gráfico 14 – Acesso à Internet (Jovens)**

Relativamente à pergunta “Tem acesso à internet?”, o Gráfico 16 mostra que 93% dos inquiridos tem acesso à internet e somente 7% não tem.

A esmagadora maioria tem acesso à internet, como era de esperar, todavia três inquiridos (7%) afirmaram não ter acesso, ou por opção dos pais ou por opção própria.

As crianças, cada vez em idades mais jovens, têm acesso à internet e por conseguinte, têm acesso a algum tipo de tecnologia ou media digital (Hunt, 2012).

Os jovens inquiridos foram também questionados acerca da frequência de uso da internet, de onde surgiu o Gráfico 17.



**Gráfico 15 – Frequência de Uso da Internet (Jovens)**

De um modo geral, a internet é frequentemente utilizada e visitada, por parte destas crianças e jovens. Os resultados mostram que 78% dos questionados acede à internet “Todos os dias”, 11% acede apenas entre “Duas a três vezes por semana” e ainda 11% que nunca acede. Já as opções “Uma vez por Semana” e “Uma vez por Mês” não foram escolhidas por nenhum dos questionados.

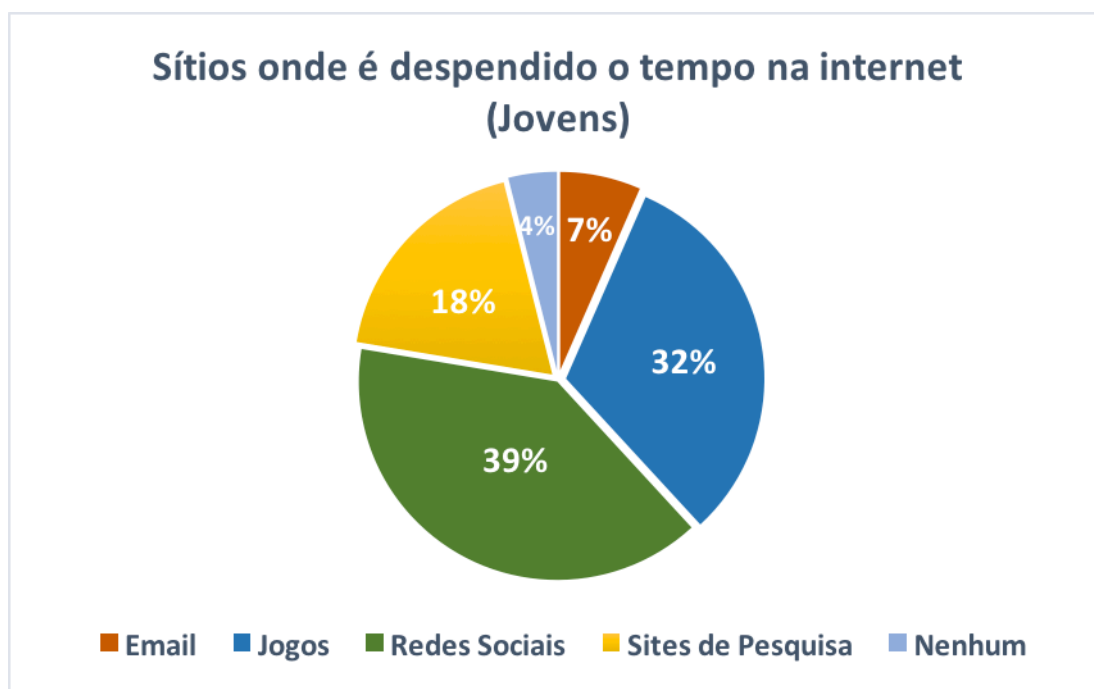
As crianças e os jovens são as primeiras gerações que ou nascem já com a existência de computadores e internet na sua vida ou estas tecnologias apareceram pouco tempo depois do seu nascimento. É possível afirmar que, sem contar com os jovens mais velhos, dificilmente, estas gerações se lembram do tempo em que estas tecnologias não existiam (Oblinger & Oblinger, 2012).

Sendo uma geração “tecnológica”, é normal que 78% destes jovens frequentem a internet todos os dias. Para os jovens mais novos, em casos em que provavelmente existe um maior controlo e autoridade por parte dos pais ou avós, ou simplesmente por escolha própria, as visitas à internet podem ser feitas em intervalos de dias mais espaçados, neste caso, duas a três vezes por semana.

Ainda assim, 11% das crianças e jovens inquiridos afirmaram nunca frequentar a internet. Metade desta percentagem é caracterizada pelos jovens que, na pergunta anterior, afirmaram não ter acesso à internet, a outra metade dos 11% é caracterizada pelos jovens que têm acesso à internet,

mas que simplesmente preferem não a utilizar ou não a podem utilizar. Mais uma vez, esta situação pode ser justificada pelo possível controlo feito pelos pais ou avós aquando os acessos aos meios digitais.

Na continuação desta temática, fez-se também a pergunta “Em que sítios despende mais tempo quando usa a internet?”, da qual surgiu o Gráfico 18.



**Gráfico 16 – Sítios onde é Despendido o Tempo na Internet (Jovens)**

39% dos questionados despende o seu tempo nas “Redes Sociais”, 32% nos “Jogos”, 18% em “Sites de Pesquisa”, 7% no “Email” e 4% não despende o seu tempo em nenhum sítio da internet.

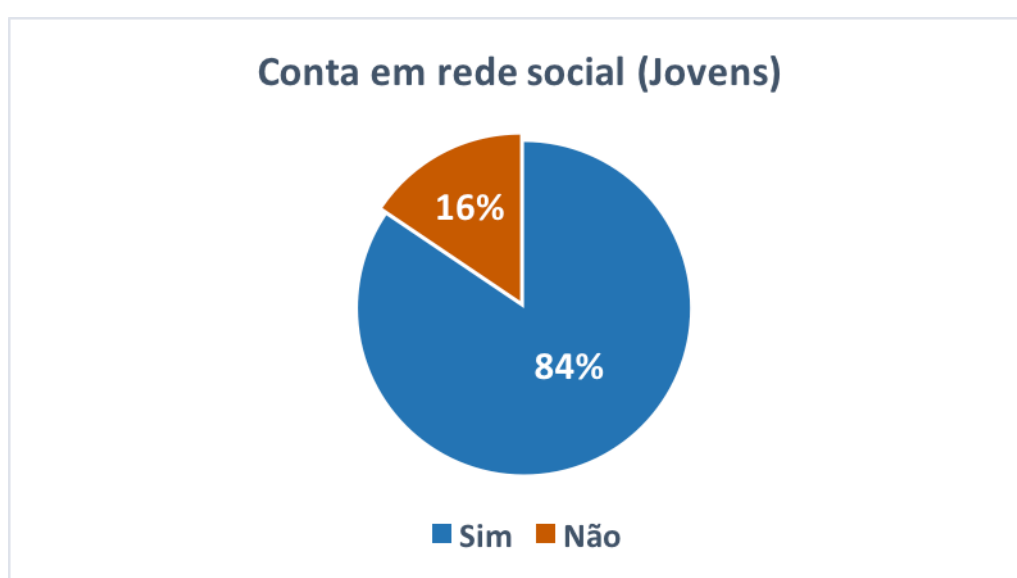
Ao contrário dos avós, estes jovens passam a maior parte do seu tempo na internet, utilizando as redes sociais e a jogar jogos. Para os seniores estes eram dos sítios em que menos despendiam o seu tempo.

Segundo Oblinger and Oblinger (2012), os jovens admiram o facto das tecnologias e media digitais lhes permitem realizar atividades sociais e de entretenimento de uma só vez, por apenas um meio, o que acaba por agradar bastante a estas gerações mais jovens.

A utilização de sites de pesquisa também mostrou ser um sítio onde é despendido algum tempo, mas muito menos que as redes sociais ou jogos. Os seniores também apresentaram uma percentagem generosa, em termos de utilização de sites de pesquisa.

Já quanto à utilização do email, apenas uma pequena percentagem destes jovens o utiliza frequentemente. Diferentemente, no caso dos seniores, este é o sítio onde despendem mais tempo, de uma forma global. Ao que parece, estas crianças e jovens dão preferência às aplicações que possibilitam as mensagens instantâneas, como as redes sociais, em vez do email, onde habitualmente o tempo entre troca de mensagens é maior.

Houve ainda 4% de inquiridos que afirmou não despende o seu tempo em nenhum sítio na internet, que representam os inquiridos que ou não têm acesso à internet ou têm acesso, mas não a utilizam.



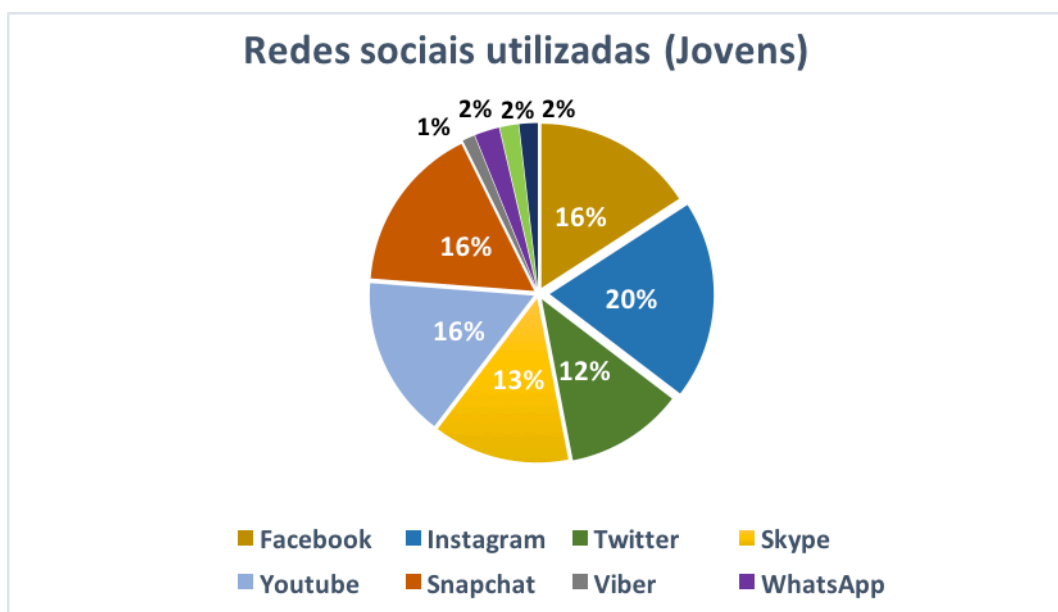
**Gráfico 17 – Conta em Rede Social (Jovens)**

Com um foco nas redes sociais, procedeu-se assim para a pergunta “Possui uma conta numa rede social?”. O Gráfico 19 indica que 84% dos questionados têm pelo menos uma conta numa rede social e que 16% não tem nenhuma.

Por ser uma geração que está habituada às tecnologias e observando os resultados da questão anterior, era de esperar que a grande maioria dos questionados tivesse uma conta numa rede social. Contudo, há uma pequena percentagem de 16% de jovens que não possui nenhuma conta. Depois de uma breve análise, compreende-se que esta opção foi a respondida por quase todo o grupo de jovens da faixa etária mais nova, entre os seis e os onze anos de idade. O mais provável nesta situação é o caso destas crianças ainda não conhecerem o mundo das redes sociais ou não terem a autorização dos seus pais para as utilizarem. Dos onze aos quinze anos, a maioria afirma

ter pelo menos uma conta numa rede social.

A questão seguinte ajudará a perceber quais são então as redes sociais mais utilizadas por estas crianças e jovens.



**Gráfico 18 – Redes Sociais Utilizadas (Jovens)**

Observando o Gráfico 20, a rede social mais utilizada é o “Instagram” com 20% das respostas, depois é o “Facebook”, o “Youtube” e o “Snapchat”, as três com 16%, depois o “Skype” com 13%, o “Twitter” com 12%, com percentagens mais pequenas de 2%, o “Pinterest”, o “Messenger” e o “Whatsapp” e finalmente o “Viber”, com 1% das respostas.

Numa primeira observação, percebe-se que estas crianças e jovens utilizam muitos mais tipos de redes sociais, que os seniores questionados. A rede social “Instagram” foi a mais respondida por parte destes jovens, ao contrário do caso dos seniores, que foi uma das menos respondidas. As gerações mais jovens e, cada vez mais, todas as gerações, gostam de partilhar conteúdo nas redes sociais, como por exemplo fotografias. O “Instagram” mostra ser uma forma fácil de partilhar fotografias e ver fotografias, sem textos mais extensos ou outro tipo de conteúdos e além disso, possibilita também o uso de mensagens instantâneas. Lentamente, pelo o que se tem visto no quotidiano, as pessoas têm vindo a usar menos o “Facebook” e a usar mais esta nova forma de interação e partilha de conteúdo.

Todavia, o “Facebook” ainda é bastante usado, pela sua facilidade na troca de mensagens e

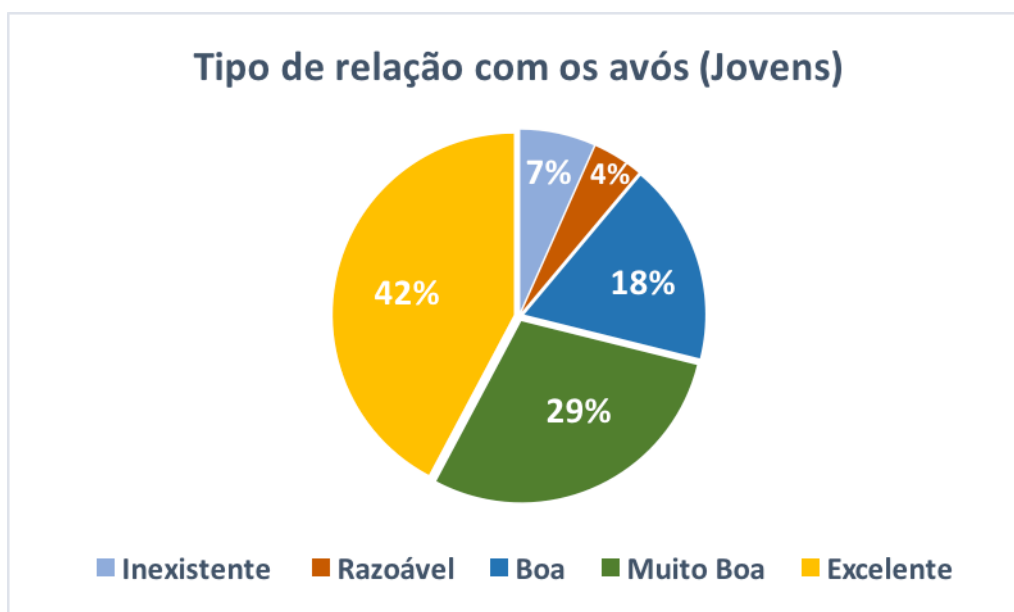


ligação aos outros utilizadores, assim como o “Youtube”, para a visualização de vídeos e o “Snapchat”, também para troca de mensagens de texto, fotografias e vídeo de forma instantânea. O “Skype”, para as mensagens de vídeo, também é utilizado, mas não muito e não tanto como os seniores afirmaram utilizar. O mesmo se aplica à rede social “Twitter”, mas neste caso, também não há muitos utilizadores por parte dos seniores.

As outras redes sociais mencionadas, com percentagens de 1% e 2%, como o “Pinterest”, o “Messenger”, o “Whatsapp” e o “Viber” foram redes sociais mencionadas de forma livre, não havia opção de escolha para elas. O “Messenger” faz parte também do “Facebook”, esta aplicação permite a troca de mensagens instantâneas de uma forma muito simples e é muito provável que uma das fortes razões pela qual as pessoas usam a rede social “Facebook”, seja pelo “Messenger”.

Posteriormente, na questão “Costuma utilizar as redes sociais e dispositivos tecnológicos, seleccionados anteriormente, na comunicação entre família e amigos?”, trinta e sete dos questionados respondeu que sim, costumam utilizar as redes sociais e/ou dispositivos tecnológicos na comunicação entre família e amigos e nove dos questionados respondeu que não. O uso da internet como forma de construir e manter relações sociais e não só de procura de informações, mostra que é uma das tendências mais comuns nos dias de hoje, como apurado no **capítulo 2**, no capítulo de enquadramento teórico.

Depois desta análise às questões de carácter mais tecnológico, foi igualmente importante tentar entender melhor a relação destas crianças e jovens, que assumem também o papel de netos, com os seus avós.



**Gráfico 19 – Tipo de Relação com os Avós (Jovens)**

À pergunta “Como classifica a relação que tem com os seus avós?”, mais uma vez foi pedido aos questionados classificassem a sua relação com os seus netos entre “Excelente”, “Muito Boa”, “Boa”, “Razoável”, “Má”, “Muito Má” e “Inexistente”.

Através do Gráfico 21, percebe-se que as respostas foram também positivas, a maioria dos jovens (42%) afirmou que a relação com os seus avós é “Excelente”, 29% afirmou que é “Muito Boa”, 18% disse “Boa”, para 4% dos questionados é “Razoável” e, por último, 7% dos questionados respondeu que era “Inexistente”.

Estes resultados foram similares aos resultados dos questionários dos seniores, ambas as gerações vêm a relação com os seus avós/netos de uma forma positiva e significativa nas suas vidas.

As crianças, normalmente, criam a sua primeira relação e interação com seniores, com os seus avós. É natural que haja uma ligação especial entre eles e é igualmente natural supor que é essencial existir uma boa relação entre as duas gerações (Amaro et al., 2016).

Os jovens que responderam “Excelente”, “Muito Boa” e “Boa”, deram razões para estas classificações, como: “Gosto muito deles”; “Gosto de estar com eles”; “...porque só tinha uma avó e ela era simpática comigo e com os primos, não se preocupando com a sua vida, mas sim na família”; “Estão sempre presentes”; “Porque convivo várias vezes por semana com eles”; “falamos

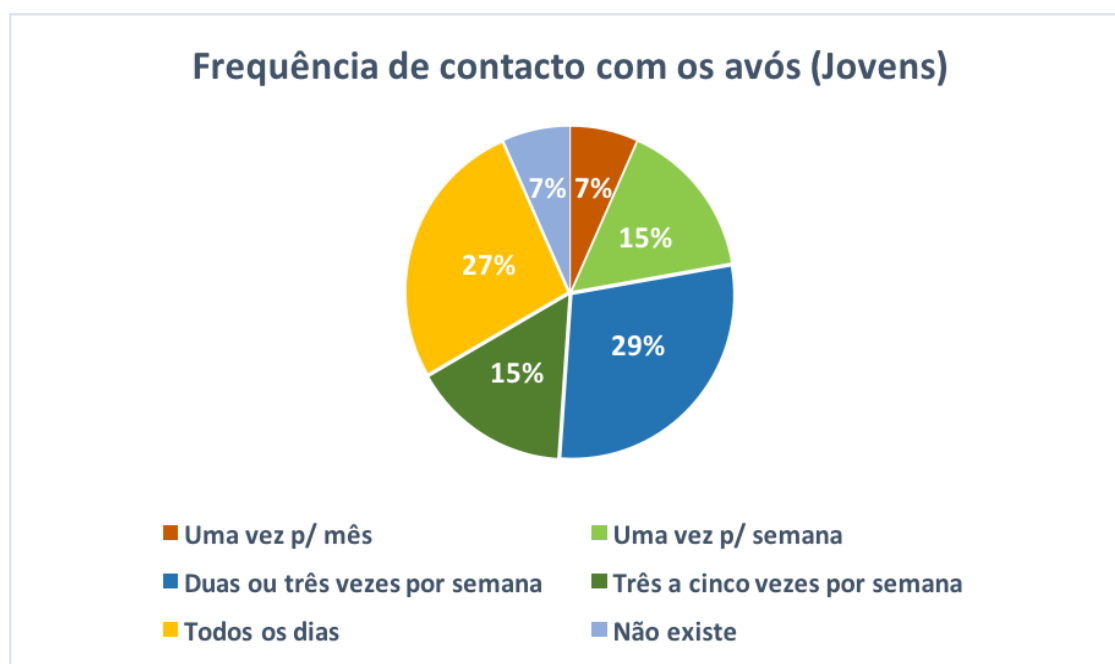
à vontade e interagimos muito uns com os outros”; “Porque nos vemos todos os dias”; “Porque não existe qualquer zanga/briga entre nós!”; “Porque estou bastantes vezes com eles e sempre que estamos juntos estamos + de 5 horas”; “Porque eu os amo, eles cuidam de mim, preocupam-se comigo e amam-me”; “Passo muito tempo com eles e eles brincam muito comigo”, etc.

Os jovens que responderam “Boa” ou “Razoável”, justificaram as suas respostas com afirmações como: “Porque nos damos muito bem, mas por vezes temos pequenas discussões”; “Não nos damos bem nem mal”; e “Porque eu não estou com eles quase nunca”.

Estas respostas mostram, sem dúvida, que o tempo de contacto entre avós e netos é essencial. O tempo que passam juntos, influencia a relação, quanto mais tempo passam juntos e interagem uns com os outros, melhor a relação. As respostas mostram também, que estes jovens apreciam a presença dos seus avós, apreciam que cuidem deles, brinquem com eles, preocupem-se com eles e com a família e que não hajam muitas discussões.

Os 7% que responderam que a sua relação com os seus avós é “Inexistente”, respondeu desta maneira, pois os seus avós já faleceram.

No que diz respeito à pergunta “Qual a frequência de contacto com os seus avós?”, o Gráfico 22 permite observar tendências de resposta bastante semelhantes às dos seniores, um tanto dispersas, ou seja, houve respostas para todas as opções.



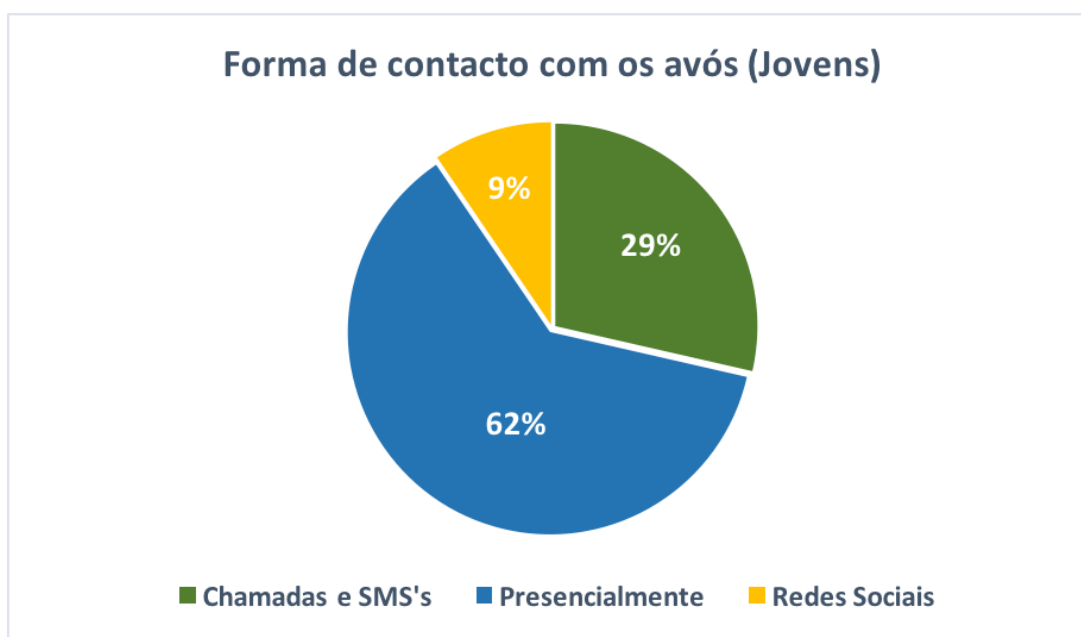
**Gráfico 20 – Frequência de Contacto com os Avós (Jovens)**

A maioria dos jovens (29%) afirma que contacta com os seus avós “Duas a três vezes por semana”, 27% respondeu “Todos os dias”, 15% respondeu “Três a cinco vezes por semana”, outros 15% “Uma vez por semana”, 7% “Uma vez por mês” e os restantes 7% responderam que “Não existe”.

Estes resultados coincidem de facto com os resultados dos seniores, mais uma vez a maior parte dos questionados contacta com os seus, neste caso, avós, duas a três vezes por semana e outra parte, igualmente grande, contacta todos os dias. Duas a três vezes por semana pode ser, novamente, o número de dias necessário e ideal para o bom funcionamento da relação entre os netos e os seus avós ou então o número de dias possível para ambas as partes.

Com o mesmo número de respostas, há inquiridos que contactam com os seus avós três a cinco vezes por semana, o que é um número de dias bom, mas há outros que só contactam uma vez por semana, o que já mostra ser pouco em relação aos restantes inquiridos.

Contudo, pior que uma vez por semana, houve três inquiridos (7%) que afirmaram só contactar uma vez por mês com os seus avós. Mais uma vez a razão para este espaçamento tão grande pode estar na distância geográfica, nas escolhas feitas pelos próprios pais das crianças/jovens ou até na possibilidade/querer dos avós. Os outros 7%, correspondem aos jovens que já perderam os avós.



**Gráfico 21 – Forma de Contacto com os Avós (Jovens)**

Por último, das respostas à pergunta “De que forma mantém o contato?” surgiu o Gráfico 23.

A forma mais habitual e comum de contacto é “Presencialmente”, com 62% das respostas. Segue-se com 29% as “Chamadas e SMS’s” e por fim, com 9% as “Redes Sociais”.

Novamente, o estar presencialmente, nesta circunstância, com os avós foi a resposta mais dada, o que é um fator positivo. O contacto pessoal é importante para as relações, como visto nas perguntas anteriores, o tempo que é passado em conjunto, acaba por fortificar o relacionamento entre estas duas gerações.

Relembrando, *“O sucesso das relações intergeracionais entre avós e netos, depende no tempo que passam juntos, na partilha de sentimentos, pensamentos, emoções e aprendizagem recíproca”* (Amaro et al., 2016, p. 620).

A utilização de chamadas e SMS’s foi a segunda opção mais respondida, exatamente como nos questionários dos seniores. Quando o contacto pessoal não é possível, esta continua a ser a maneira mais usada para fazer prevalecer o contacto.

O uso de redes sociais para efetuar a comunicação entre estes netos e avós, foi a resposta menos dada, o que pode ser visto como uma surpresa, pois esta geração e estes jovens afirmaram utilizar as redes sociais de uma forma regular e têm uma forte presença na internet. Contudo, o

“problema” pode estar do outro lado, do lado dos avós. As redes sociais são algo recentes, algo que não existia no tempo destes avós, por essa razão podem sentir algum tipo de dificuldade no seu uso ou podem ser apenas resistentes à mudança.

Mas como visto, nas respostas do grupo dos seniores, alguns deles já utilizam as redes sociais como forma de comunicação com os seus netos, o que leva a querer que, cada vez mais, esta ideia está a mudar e que alguns seniores fazem o esforço de aprender a mexer nas tecnologias, para poder acompanhar e comunicar com os seus netos.

## 4.2 Focus Groups

As secções seguintes apresentam os resultados apurados através das três sessões de *Focus Groups*, começando pela sessão com os seniores (avós), seguindo para a sessão das crianças/jovens (netos) e acabando na sessão com os especialistas na área.

Sobre cada sessão serão apresentadas as descrições das sessões, serão feitas pequenas caracterizações dos participantes, descrições das atitudes comportamentais dos participantes durante as sessões, serão também apresentados os temas que foram abordados, assim como, as ideias principais que resultaram da discussão dos temas.

### 4.2.1 Sessão de Focus Group com os Seniores (Avós)

De forma a relembrar, a primeira sessão realizada teve como participantes um grupo de seniores (avós), pertencente ao Centro de Animação Cultural de São Bernardo, durou cerca de trinta minutos e foi composta por oito perguntas abertas. A sessão teve lugar na Junta de Freguesia de São Bernardo, em Aveiro.

Logo de início e ao longo da sessão, observou-se que o grupo manteve sempre uma mente aberta e participativa relativamente ao encontro. Antes da sessão começar, a investigadora e os seniores apresentaram-se e daí logo se formou uma conversa entre todos. Embora fosse um grupo de seniores que já se conhecia, foi durante este período que surgiu uma maior confiança para a sessão em si.

Durante a sessão, não houve nenhum participante que tenha revelado uma atitude de inibição ao responder às questões abordadas, aliás, todos eles se mostraram bastante confiantes e entusiasmados nas suas respostas e na sua participação no estudo. Este era um ponto sério a ter em atenção pois, por ser um *Focus Group*, uma conversa em grupo, as respostas poderiam ser influenciadas umas pelas outras. Felizmente não foi o caso, uma vez que cada um dos participantes ofereceu uma visão diferente.

Também durante a sessão e durante as respostas, cada participante reagia sempre às respostas dos outros participantes, quer fosse com risos, surpresa ou pena.

Segue-se agora a apresentação das questões abordadas durante a sessão, assim como as respostas mais significativas e pertinentes.

### Questão 1: Importância da relação com os netos

Abrindo esta sessão com, talvez, uma das questões mais importantes, as respostas foram unanimemente positivas, todos concordaram que é importante.

O ser avô pode ajudar o sénior, na participação de uma vida mais social, no amadurecimento dos seus laços familiares e na construção de uma posição onde este se torna um membro produtivo, quer da família, como da sociedade (Breheny et al., 2013).

A participante 2 afirmou tratar-se de uma questão de afeto e um processo de aprendizagem e relacionamento:

*“Para mim, por uma questão de afeto, acho que de alguma forma é um processo de aprendizagem e de relacionamento. Portanto, é criar realmente uma estrutura que irá permitir a aprendizagem da vida e a possibilidade de ser uma pessoa completa também. Também, relativamente à descoberta do mundo no fundo e acho que passamos a ser também um porto de abrigo para eles, portanto acho fundamental a relação entre os avós e os netos”* (Participante 2, Focus Group com seniores)

A partir desta resposta os participantes começaram a caraterizar as relações com os seus netos, a forma como tomam conta deles, como ajudam ou ajudaram a criá-los e o que pensam deles.

O participante 5 revelou não ter “profissão de avô”, pois continua a ter a sua vida e os seus afazeres, contudo depois de reformado, há uma oportunidade de auxiliar os pais dos seus netos:

*“Porque eu tenho os meus planos e as minhas coisas a fazer, apesar de reformado. Agora, tenho disponibilidade sempre que é preciso, é que aquilo que não se tinha quando se estava no trabalho, portanto está-se disponível. Portanto para lá dos afetos que se querem cimentar, há um apoio efetivamente aos pais dos netos, à filha e ao genro. (...) felizmente podemos dar esse apoio e criar e desenvolver afetos”. Sobre esta visão, o participante 6 também concordou, comentando “Temos que lhe dar a eles, aquilo que nós não tivemos”* (Participante 5, Focus Group com seniores)

Muitas vezes, os avós têm que ser mais que avós, devido ao pouco tempo que os pais têm, muitas vezes devido às suas profissões ou dificuldades financeiras (Krisikova & Stasova, 2014)

A participante 3 tem cinco netos e conta que quando eram pequeninos, os avós é que iam buscá-los ao infantário e passavam tempo com eles. A participante comentou “o meu marido parece um taxista “. Contudo, agora que já cresceram, o contacto não é tão frequente, “Agora são grandes e



*de maneira é que são agora encarregues deles”.*

A participante 1 demonstra que tem o grande amor pelo o seu neto e confessa que serve também, como visto nos outros participantes, como forma de auxílio aos pais do jovem. Durante esta resposta, a participante revelou também que ambos usam o tablet, na sua interação, *“Quando é no tablet, fogo...ele dá-nos lições! Ele sabe tudo, ele joga, ele quer que eu esteja num e ele noutra”.*

A participante 7, a participante mais idosa, é tia-trisa-avó, com uma família numerosa de sete filhos, catorze netos e quatro bisnetos. Esta participante afirma que não teve muitas possibilidades, mas que mesmo assim fez o que pôde, afirma também que agora já estão todos crescidos e já não precisam tanto da sua ajuda. *“Graças a deus são todos (importantes)...nunca me deram problemas...vivemos pobrezinhos, mas eu dei-lhes educação, como dei aos pais...graças a deus nunca me deram problemas”.*

Os dois restantes participantes, foram seniores que deram respostas mais negativas relativamente à relação com os seus netos.

O participante 6 mostra que existe uma relação mais distante entre ele e os seus netos e aqui a distância geográfica pode ser a razão. *“Os meus, que não são meus, são dos pais, não é? Também, pouco estou com eles porque não estão presentes, um está na Inglaterra, outro está em Lisboa, outra está nas Canárias”.*

O participante 4 foi o participante que demonstrou mais desgostoso em relação aos seus netos e foi o sénior que falou de forma mais fria sobre os seus familiares. Este expressa um sentimento de carinho pela sua neta mais velha, que criou desde os três meses de idade, mas dos outros dois netos fala com frieza, dizendo:

*“Tenho dois netos, depois abaixo dessa mais velha, um que vai fazer vinte e outro tem dezassete e esses vieram, ninguém foi culpado, mas a relação com eles...não é que eu não lhes tenha dado educação igual à outra, mas são netos que infelizmente me têm dado uns certos problemas e eu tenho uma mágoa muito grande a respeito desses dois”* (Participante 4, Focus Group com seniores).

Houve alguns participantes que se demonstraram chocados ao ouvir esta declaração e questionaram o porquê de o participante ter dito o que disse, ao que o participante respondeu:

*“Não é que eu não lhes dê uns bons conselhos e tudo, mas não há hipótese...os pais, eles saíram daqui, estão fora e vieram aqui cair de paraquedas, sem eu pedir para virem para cá e só me vieram trazer problemas. Tenho a minha mulher com uma grande depressão derivado a problemas que eles nos fizeram e continua ainda a dar problemas...”* (Participante 4, Focus Group com seniores).

Existem casos em que as duas gerações são muito próximas uma da outra, em termos de ligação emocional e outros em que esta ligação é, uma ligação muito distante. Por exemplo, alguns autores indicam que o apoio extensivo, que os avós dão à sua família, tanto financeiro como emocional, pode resultar em consequências negativas, na sua saúde e no detrimento do seu bem-estar social, financeiro ou psicológico (Petrie, 2006; Worrall, 2009 referidos por Breheny et al., 2013).

## **Questão 2: O que mudaria se não houvesse netos**

A maioria respondeu que seria diferente, que seria uma pena se não tivessem netos, que eles são a razão de viverem e que até tornam a vida mais engraçada.

Já o participante 4, mais uma vez dá uma resposta mais negativa, afirmando que se pudesse escolher preferia não ter netos:

*“Eu, se fosse hoje, a saber o que sei hoje, eu fiz cinquenta e seis anos que estou casado no dia sete deste mês de maio e eu na altura tinha ido à feira dos vinte e um, que era a mais conhecida e tinha comprado uns tamancos, mandava a minha mulher calçar os tamancos e não lhe cortava os fios, os tamancos vinham atados um ao outro...não havia filhos, não havia netos...”* (Participante 4, Focus Group com seniores).

## **Questão 3: Quando estão juntos utilizam as tecnologias? Pesquisam coisas na internet com vocês ou jogam jogos?**

Sobre esta questão, a participante 2 alega que sim, utiliza, mas que não faz questão. Diz mesmo que tenta que os seus netos não passem tanto tempo com as tecnologias ou na internet, que há outras atividades motoras e lúdicas mais importantes para o bem-estar deles:

*“O estar constantemente, de manhã à noite em frente ao computador ou da televisão, eu acho que é demais...a parte motora que é tão importante, a parte lúdica também e aí nós fazemos alguma questão mesmo de os tirar de casa, que é para eles apanharem ar e brincarem com outras coisas...”* (Participante 2, Focus Group com seniores).

As participantes 1 e 3 afirmam utilizar as tecnologias em conjunto na relação com os seus netos, mas só às vezes. A participante 3 confessa que *“Às vezes peço apoio a elas, quando estou atrapalhada”*.

Já o participante 4 e o participante 5, de forma bastante assertiva dizem não utilizar as tecnologias em conjunto com os seus netos. O participante 5 diz mesmo que:

*“Não, eu pessoalmente, com as tecnologias com elas não...e a razão é muito simples, uma chega, nem nos dá um beijinho, vai logo a correr para ir ver logo os programas dela ou então pega lá nos joguinhos lá no tablet e acabou...”* (Participante 5, Focus Group com seniores).

Segundo McGrath (2012), há avós que ficam inquietos quando os seus netos mostram estar “viciados” nas tecnologias e começam a falhar, por exemplo, atividades familiares.

Este avô quer que os seus netos estejam felizes, mas gostava que essa felicidade não passasse pela utilização excessiva das tecnologias e que estes lhe dessem mais atenção:

*“É evidente que nós tentamos contrariar, porque sei que ela em casa faz isso muito. Agora, também não podemos contrariar de mais, porque eles vêm para nós, também não é para estarmos ali a criar problemas...ao menos que estejam bem-dispostos! E estão geralmente”* (Participante 5, Focus Group com seniores).

#### **Questão 4: Quando estão separados usam as tecnologias?**

A participante 3, de forma bastante empolgada, diz que sim, que usa, pois é a partir do computador que consegue ver e falar com os seus familiares que estão mais distantes, através de chamadas de vídeo. *“Gosto mais de computador, faz-me falta. Porque também tenho família no estrangeiro, e contacto e faz-me falta (...) porque nos víamos uns aos outros, até vi o meu irmão com oitenta e seis anos na véspera de ele morrer”*.

São muitos os avós e netos que mantêm a sua comunicação e interação através das tecnologias e

media digitais, nomeadamente os que vivem relações à distância.

*“Other forms of communication overcome distance, which is an important aspect of new communication technology, which has almost made the concept of distance obsolete” (Hurme et al., 2010, p. 275).*

O participante 5 afirmou usar, sobretudo, o telemóvel, para realizar as comunicações à distância e a maioria concordou.

**Questão 5: Preferem estar presencialmente com os netos ou as tecnologias ajudam a conseguir ter essa comunicação, a estar em contacto?**

A esta questão todos concordaram que é preferível estar presentemente com os netos. O participante 1 ainda acrescentou que *“Eu acho que nunca é preferível estar presencialmente com outros tipos de brincadeiras porque senão eles estão mais ligados com o tablet ou com o computador, do que darem importância às pessoas que o rodeiam”*.

**Questão 6: O telemóvel e o computador ajudam a continuar a comunicação? Usam telemóvel, redes sociais?**

Mas depois foi-lhes perguntado se mesmo assim, o telemóvel e o computador ajudavam na continuação da comunicação ao que todos dizem que sim, alguns verbalmente, outros corporalmente com um abanar de cabeça.

A participante 2 concordou, embora afirme não necessitar muito das tecnologias e tenta que os seus netos também não as utilizem tanto quando estão com ela:

*“Utiliza-se o telemóvel para isso, para a comunicação, não é? Mas, sem dúvida que eu aproveito mais a presença deles quando eles estão (presentes), faço tudo para aproveitar sem interferência de outros meios, justamente porque eu acho que o tempo é muito pouco, o tempo que estamos juntos...é tudo muito rápido, há tanta coisa para fazer que eu acho que aproveitar aquele momento vale a pena e dispenso, não necessito de recorrer (às tecnologias)” (Participante 2, Focus Group com seniores).*

A participante 3 ao ouvir esta resposta, lembrou-se de quando a neta lhe pede para cantar uma música que esta avó lhe costumava cantar quando era mais pequenina, ao que a participante 2

comenta que “*são essas memórias que são importantes*”.

Já quanto às redes sociais as respostas foram um pouco diferentes. A maioria demonstrou não usar, não saber como usar ou não saber o que é.

Já por outro lado, houve participantes que comentaram o importante papel dos pais nesta situação. O participante 1 alegou que são os pais que não deixam o neto usar as redes sociais, ao que o participante 6 concordou e acrescentou:

*“Há crianças ganham memórias, há outras que já nem se lembram daquelas coisas que faziam com os avós, até com os pais. Agora querem é as playstations e coisas assim é o que eles querem. Mas isso não cabe aos avós, julgo eu. Compete aos pais. Os pais é que têm essa responsabilidade, embora às vezes a gente também lhes chegue a roupa ao pelo”* (Participante 1, Focus Group com seniores).

**Questão 7: Existe uma diferença de conhecimentos e maneiras de utilizar (as tecnologias) entre vocês e os vossos netos? Se sim, como comutar essa diferença?**

Inegavelmente, todos concordaram que os seus netos sabem mais à cerca do mundo digital que eles. Alguns dos participantes dizem que até são os netos que lhes ensinam a mexer nas tecnologias.

O participante 5 afirma que ainda sabe mais das tecnologias que o seu neto, mas não em tudo:

*“Eu ainda sei mais que eles, exceto nos jogos...os meus dedos não chegam lá...”. A participante 1 ao ouvir esta afirmação só conseguiu concordar e ainda comentar, “Mas é que eles nos jogos passam-nos a perna. Então, a de 2 anos e meio vem com o tablet e sabe ligar e sabe ir buscar os bonecos”* (Participante 5, Focus Group com seniores).

A participante 2 conclui comentando, “*Mas indiscutivelmente que eles têm mais conhecimentos. Sentem mais necessidade desses meios do que nós. Por enquanto*”.

Quando perguntado, como poderia ser comutada esta diferença de conhecimentos e formas de uso das tecnologias, a resposta geral foi “não sei”.

A partir daqui os participantes começaram a falar sobre o porquê de não terem tantos conhecimentos à cerca das tecnologias.

Para alguns dos participantes, estes apenas mexem, por exemplo, nos computadores por obrigação, não gostam de o fazer. Como o participante 5 que admite, *“eu não gosto, por isso é que se nota...trabalho há vinte e cinco anos com computador e isso, mas não gosto, não há nada a fazer e vou por obrigação”*. Contudo, acaba por dizer que embora ainda não o tenha feito, está disposto a esforçar-se para aprofundar os seus conhecimentos relativamente às tecnologias e estar a par dos seus netos, afirmando:

*“(...) acho que devia aprofundar mais os conhecimentos, tenho bases para isso, exatamente para tentar estar a par....porque eles dentro de dois anos comem aquilo num instante, não há dúvida nenhuma e para estar a tentar, inclusivamente, seguir o que eles fazem. Mas não o tenho feito”* (Participante 5, Focus Group com seniores).

Aqui a participante 2 acaba por confessar que sente alguma angústia, pois confessou sentir-se como uma analfabeta relativamente aos meios de comunicação atuais, *“...é um mundo diferente (...)”*.

O participante 6 também ainda cria um diálogo com o participante 1, sobre o facto de as tecnologias estarem muito avançadas e estarem sempre a mudar de semana para a semana, o que parece tornar difícil o acompanhamento por parte destes seniores. Comenta também que agora os netos já parecem sabem fazer tudo e mostram não necessitar de ajuda ou de pedir para usar as tecnologias. *“Eles agora nem pedem, eles bloqueiam e fazem o que querem. Antigamente ainda pediam, se era agora, se era mais tarde, agora já não fazem nada disso”*.

Após estas respostas, os participantes foram ainda questionados se a maior razão por não utilizarem as tecnologias e media digitais seria então por sentirem dificuldade ou por não necessitarem e as respostas foram semelhantes.

O participante 5 declara que *“Para já ainda não preciso, mas sinto que vou precisar. Temos que investir...e não temos investido nisso”*.

A participante 2 concluiu dizendo que *“Sinto que o mundo avança e nós ficamos para trás no fundo. Tem que se investir muito mais do que se tem investido. No entanto caminho, mas sinto que isto caminha muito mais depressa que eu”*, ao que todos reagiram com uma pequena gargalhada.

As razões passam assim por uma mistura de não sentirem necessidade de usar as tecnologias nas suas vidas e também de fraca motivação para aprender a trabalhar com elas e a acompanhá-las nas suas mudanças e evoluções.

### **Questão 8: As gerações devem aprender umas com as outras? Se sim, que tipo de coisas?**

Todos os participantes afirmaram com convicção que sim, que as gerações devem aprender umas com as outras. Como o participante 1 disse *“Eles aprendem coisas connosco, mas nós também aprendemos com eles”*.

A participante 2, respondendo à pergunta *“Que tipo de coisas?”* disse *“Tudo na vida, desde das coisas mais pequenas até às maiores”* e o participante 6 *“Eles quando não sabem, perguntam logo”*.

Normalmente são observadas relações de reciprocidade, os netos, crianças ou jovens, que são, por exemplo, mais avançados nos conhecimentos tecnológicos, são como que professores para os seus avós e os seus avós, de forma a retribuir tendem a contribuir com outro tipo de habilidades, conhecimentos ou qualidades. As duas gerações trocam, sobretudo, experiências (Hunt, 2012).

Depois desta resposta do participante 6, o participante 4 reagiu de outra forma, afirmando que agora os jovens já não perguntam nada aos avós e alerta para o preconceito em relação às pessoas de terceira idade, *“Oh avô, tu és um cota...pá, estás velho!”*...Está agora a perguntar...os miúdos agora chamam-te cota, chamam-te velho, estás ultrapassado...brincamos agora com coisas sérias...”, a participante 7 concorda e ainda acrescenta que *“Eles riem-se e gozam...”*.

O participante 4 continua por afirmar que:

*“Eu nunca ando com telemóvel e digo sinceramente, eu a única coisa em que às vezes levava o telemóvel quando ia a algum lado, era se tivesse uma avaria no carro e para ligar para o serviço em viagem, mais nada...”* (Participante 4, Focus Group com seniores).

Recorda-se também que à hora da refeição acaba sempre por ter que pedir aos seus netos para desligarem o telemóvel, pois estão à mesa, ao que o participante 5 responde que *“As minhas que são mais pequeninas não deixo. Estando em minha casa, com os pais, às vezes fazem, comigo não fazem”*. Contudo o participante finalizou dizendo que *“Há uma parte que é importante, em que não tenho dúvida nenhuma, é que eles são de um mundo de tecnologia e nós temos que aceitar”*, ao que todos concordaram e inclusive, o participante 4 dizendo, *“(...) mas eu admiro-os, de como é que eles fazem aquilo”*.

Para concluir esta sessão, lançou-se uma última pergunta “E se vocês lhes pedirem para eles vos ensinarem?”, o que mostrou, novamente, que existe uma dualidade de opiniões acerca deste tópico.

O participante 4 alega, mais uma vez, não se preocupar em saber mexer nas tecnologias e o participante 5 prontamente disse que sim, “(...) *quando chegar à altura eu peço*”. Porém este participante discute ainda outro tópico, comenta mais uma vez como gostava que os seus netos realizassem outras atividades que não envolvessem tecnologia e fala, por exemplo, na dificuldade que os seus netos têm em concentrar-se a ler:

*“Agora há uma coisa, por exemplo, pode ser da minha formação profissional...vejo que eles têm dificuldade, por exemplo, em se concentrar a ler. Eu tento que eles leiam...mas eles “ai, eu tenho aqui no meu telemóvel, no tablet, tenho isto, não sei quê”...eu aí forço, não é para anular o tablet, é para ver se ele também faz outra coisa a que eu dou importância”* (Participante 5, Focus Group com seniores).

#### **4.2.2 Sessões de Focus Group com Crianças/Jovens (Netos)**

Relembrando, a segunda sessão teve como convidados crianças e jovens (netos), pertencentes à secção infantil do Centro Paroquial de São Bernardo. Esta sessão teve uma duração de cerca de quinze minutos e foi também composta por oito perguntas abertas, semelhantes às perguntas feitas ao grupo dos seniores (avós). Como referido anteriormente, a pedido dos educadores de infância destas crianças, o encontro necessitou de ser o mais breve e rápido possível, pois haviam outras atividades onde era necessária a participação dos jovens.

Para dar início à exploração desta sessão, procedeu-se, primeiramente, à análise das anotações e observações obtidas durante o encontro.

No começo da sessão, os participantes mostraram estar um pouco intimidados, mas não bastou muito tempo até demonstrarem estar mais à vontade para participar, quando começaram a conversar entre eles. Foi depois da apresentação feita pela investigadora, e depois de uma pequena conversa introdutória, realizada de forma animada, à cerca do que iria ser falado naquele encontro, que os participantes ficaram um pouco mais desinibidos e confiantes.

Esta sessão foi realizada com crianças/jovens e foi provavelmente esse o motivo para as respostas não terem sido tão completas ou profundas, nem terem tanto conteúdo como as respostas dadas



pelos seniores. Também, o facto de a sessão ter sido realizada a um passo mais acelerado, poderá ter influenciado as respostas.

Contudo, todos respondiam às questões quer fosse dizendo um “sim” ou “não” ou abanando a cabeça e houve participantes a dar respostas mais completas. É viável afirmar que através das respostas dadas, se conseguiu retirar conclusões e informações relevantes.

Segue agora a apresentação das questões abordadas durante a sessão, assim como as respostas mais significativas e as mais pertinentes. Em vez de serem apresentados 8 temas de conversa, como na análise da sessão dos avós, serão apresentados 6 temas. Nada obstante, os temas abordados na sessão foram os mesmos, mas como o conteúdo das respostas não foi tão composto e tão rico, os temas foram analisados de forma mais resumida.

### **Questão 1: Importância da relação com os avós**

À primeira pergunta, relativamente à relação dos participantes com os seus avós, unanimemente todos responderam que é importante, como agora, como no futuro, quando forem mais velhos.

De salientar, que os participantes responderam a esta pergunta com bastante convicção e quase em uníssono, o que dá a entender que as relações com os seus avós são boas e saudáveis. O participante 5 afirmou que, *“A minha relação com os meus avós é muito importante porque eu gosto muito deles”* e sobre o futuro disse que *“(…) gostaria que eles vissem como a minha vida se iria desenvolver”*.

### **Questão 2: O que mudaria se não houvesse netos**

Continuando a temática da questão anterior e se os avós são tão importantes para estes participantes, foi-lhes questionado como seria se não houvesse avós, se os avós os ajudam e em quê.

As respostas indicaram que sim, que os avós mostram ser uma grande ajuda, na vida deles e dos pais. Através explicações dos participantes, os avós são como os seus segundos pais, estão presentes quando os pais, por algum motivo, não podem estar, tomam conta deles e fazem atividades com eles.

Como a participante 2 afirmou, os avós ajudam *“Quando estivermos doentes”*, o participante 6 similarmente afirmou *“Quando estiver mal, e os pais não puderem”* e que também o seu irmão mais novo precisa do apoio dos avós, *“(…) agora tenho o meu irmão mais novo, assim pequenino,*

*e muitas vezes os meus avós tomam conta dele. Se não tivesse (avós) era muito difícil sustentar o meu irmão. Por isso acho que é muito importante”.*

Já o participante 3 diz que os seus avós são o maior ajuda, por exemplo, nos transportes para a escola ou outras atividades extracurriculares. *“Quando eu vou ao inglês, os meus pais não têm possibilidade de me levar e é o meu avô que me vai levar”.*

Referindo mais uma vez, são vários os autores que sugerem que os avós, muitas vezes, preenchem o lugar dos pais, tornando-se os principais responsáveis pelos seus netos. Muitas vezes os pais das crianças/jovens têm empregos que lhes ocupam a maioria do seu tempo ou empregos que os levam para longe dos seus filhos, neste caso é habitual que os avós tenham que alterar o seu papel e como segundos pais (Krisikova & Stasova, 2014).

### **Questão 3: Quando estão juntos utilizam as tecnologias? Pesquisam coisas na internet com vocês ou jogam jogos?**

Relativamente a esta questão, primeiro este grupo declarou não jogar jogos, através das tecnologias, com os seus avós, só sozinhos.

Seguidamente quando lhes foi perguntado se costumam mostrar coisas aos avós, na internet, a maioria respondeu que “sim” ou “às vezes” e também a maioria respondeu que o que fazem juntos é, sobretudo, pesquisar na internet. Por exemplo, *“Às vezes, quando estou a trabalhar”,* é como o participante 3 alega utilizar, os dispositivos tecnológicos, em conjunto com os avós.

Houve apenas um participante que alegou não utilizar as tecnologias com os avós.

### **Questão 4: Quando estão separados usam as tecnologias? O telemóvel e o computador ajudam a continuar a comunicação? Usam telemóvel, redes sociais?**

Sobre a questão de usarem ou não as tecnologias para a comunicação, quando estão distantes dos seus avós ou outro familiar, os participantes afirmam que usam, mas não todo o tipo de tecnologia.

Primeiramente, é importante referir que embora não usem tudo, a maioria dos participantes respondeu que os dispositivos tecnológicos, o telemóvel, o computador, as redes sociais, são importantes para manter uma relação, para manter o contacto com os avós.

Os participantes mostraram que as tecnologias aparecem como uma maior ajuda quando existe

uma distância geográfica maior, como o participante 6 afirmou *“Se tiverem mais afastados”,* ou quando a necessidade de contacto é mais frequente, como o participante 5 declarou, *“Se falarmos com eles todos os dias, se quisermos falar e contar como correu o dia”.*

São muitos os avós e netos que vivem geograficamente afastados, o contacto diário pode não ser tão frequente. É aqui que as tecnologias podem ajudar e ser a solução para contornar a distância comunicacional (Forghani & Neustaedter, 2014).

Em relação a qual o dispositivo tecnológico que mais utilizam no contacto com os avós, o mais referido foi o telemóvel ou o telefone, mesmo para realizar chamadas e não mensagens.

Quanto às redes sociais, as respostas não foram muito positivas, unanimemente todos responderam que não as utilizam na comunicação com os seus avós. O participante 6 afirmou mesmo que *“Com a família não”.* Também a participante 1 afirmou que *“só para comunicar com a minha irmã que está na Alemanha”* e o participante 5 disse que *“A minha mãe mostra às vezes, mas isso é a minha mãe, não sou eu. Mostra o Facebook, para ver se eles conhecem outras pessoas”.*

**Questão 5: Existe uma diferença de conhecimentos e maneiras de utilizar (as tecnologias) entre vocês e os vossos avós? Se sim, como comutar essa diferença?**

Para este grupo de crianças, a diferença de conhecimentos e maneiras de utilizar as tecnologias, entre eles e os seus avós, é óbvia, eles têm mais conhecimentos.

Esta geração mostra a maior literacia digital, quando comparadas com gerações mais velhas, por terem sido habituadas desde cedo a interagir com as tecnologias (Oblinger and Oblinger, 2012).

Quando lhes foi perguntado o porquê de acharem que os seus avós sabem menos à cerca das tecnologias, as respostas variaram entre *“Porque eles já são mais velhos”,* do participante 4, *“Porque no tempo dele não havia nada disto”,* do participante 6 e *“Eles nasceram num tempo em que não havia tecnologia”,* da participante 2.

Houve um dos participantes, o 3, que respondeu que *“Eles não precisam”,* mas de resto todos concordaram que diferença de conhecimentos surge devido à dificuldade e ao facto dos avós terem vivido a maior parte do seu tempo sem tecnologias. O participante 5 afirmou:

*“Eu acho que eles têm dificuldade, eles nasceram num tempo em que não havia (tecnologias), ou seja, é um bocado mau também para nós. (...) os nossos pais é que estão ali mesmo na melhor parte, porque eles estão no meio do não saber e do ser*

*educados com base na tecnologia”* (Participante 5, *Focus Group* com crianças/jovens).

Seguidamente surgiu a questão de se os participantes achavam que eles gostariam de aprender a trabalhar com as tecnologias, ao que responderam *“sim”, “alguns”, “não sei”* e *“a minha mãe diz que sim”*. Compreende-se assim que este grupo ainda não refletiu muito sobre este tópico.

Questionou-se também se os participantes estariam dispostos a ensinar os seus avós, agora ou no futuro, ao que todos responderam que sim.

#### **Questão 6: As gerações devem aprender umas com as outras? Se sim, que tipo de coisas?**

Em seguimento da última questão abordada no ponto anterior, levantou-se a pergunta *“Açam que as diferentes gerações, por exemplo vocês, gerações mais novas, e as mais velhas devem aprender umas com as outras?”*. Todos os participantes concordaram que sim, as diferentes gerações devem aprender umas com as outras.

O grupo afirma que os seus avós sobretudo ensinam-lhes e passam-lhes lições de vida, histórias e que eles, os netos, ensinam ou esperam ensinar-lhes no futuro, lições relativas ao mundo da tecnologia, mas não só. O participante 5 alega *“Ensinaamos coisas que não têm nada haver com a tecnologia”*.

Contudo, concordam que seria bom ensinar e ajudar os seus avós um pouco mais, relativamente à tecnologia, pois assim poderão estar sempre ligados. Como o participante 5 afirma *“todos (ligados) ao mesmo tempo”*.

Como Hunt (2012) afirma, os netos podem partilhar capacidades e conhecimentos tecnológicos com os seus avós, ensinando-lhes uma nova forma de comunicação, que os mantém socialmente ativos e em contacto com a sua família.

#### **4.2.3 Sessões de Focus Group com Especialistas na Área**

Para finalizar este ponto, relativo aos *Focus Groups*, é feita a apresentação e análise do último Focus Group realizado no âmbito desta investigação, que contou com a participação de especialistas na área de estudo, das relações intergeracionais e das tecnologias e media digitais. Tratando-se de pessoas que já estudaram e estudam esta temática, acaba por surgir uma

coletânea de informações relevantes e adicionais que, de certa forma, complementa esta investigação.

Esta sessão teve uma duração de cerca de cinquenta minutos e foi composta por oito perguntas.

Mais uma vez será feita uma apresentação dos temas abordados durante a sessão, de forma resumida, como também das respostas dadas pelos participantes.

**Questão 1: Situação do estado de arte. Trabalhos que têm vindo a ser desenvolvidos. Progressos significativos na área e quais os mais interessantes/relevantes.**

Maioritariamente, todos concordaram que ainda não existem tantos trabalhos nesta área, como existem noutras áreas científicas.

Contudo foram abordados trabalhos internos, de docentes da Universidade de Aveiro. A participante 2 referiu o projeto *““Let’s build our family tree!”: grandparents and grandchildren using tablets together”*, já discutido no capítulo de enquadramento teórico, da Professora Doutora Ana Carla Amaro, orientadora desta investigação. A participante menciona como o tablet, o dispositivo estudado no projeto referido, comporta-se como um meio tecnológico de fácil manuseio e como um elemento promotor da interação, acabando por aproximar gerações. Neste projeto foi demonstrado que desta interação tecnológica resulta numa convergência feliz entre as duas gerações. O avô ou avó sente-se relevante, pois pode partilhar a história e herança familiar com o seu neto e ao mesmo aprender algo novo e as crianças, (os netos) passam a conhecer melhor a história familiar e têm a facilidade de manuseio das tecnologias, podendo ensinar aos seus avôs.

*“E pronto, digamos que há assim uma convergência feliz entre duas competências e que ambas as partes, nessa sinergia, usufruem, porque as novas gerações usufruem do conhecimento da história da família, dos nomes, das relações, de onde é que as pessoas vêm e vão e os idosos, por sua vez, no fim, acabam por se sentir confortáveis, porque afinal não é assim tão difícil usar aquele dispositivo tecnológico”* (Participante 2, Focus Group com Especialistas na Área).

Já o participante 1 refere sumariamente os projetos relativos ao uso da televisão, alegando que há alguns trabalhos que permitem a interação avós/netos através da televisão interativa. Contudo, afirma que o televisor não é tanto uma tecnologia de suporte para a interação, não é um catalisador, comporta-se mais como um tema de conversa.

A participante 4 está bastante ligada ao tema das relações intergeracionais, porém não está muito ligada ao tema das tecnologias. Depois de ter feito uma revisão sistemática da literatura sobre programas intergeracionais, alega existirem poucos trabalhos publicados. Não obstante, do que foi encontrado, existem três tipos de programas intergeracionais:

*“Portanto, programas intergeracionais cujo o objetivo é essencialmente focado em melhorar a relação entre novos e velhos; programas que têm este objetivo, mas ao mesmo tempo têm outro, que pode ser por exemplo a inclusão social, o apoio aos alunos na escola, mas também este de unir gerações; e outros em que os programas intergeracionais não têm como fim, propriamente dito, melhorar estas relações, têm como fim outra coisa qualquer, que pode ser o desenvolvimento da tecnologia, portanto tornar as pessoas mais velhas, mais aptas a usar a tecnologia (...) utiliza-se como estratégia, as relações intergeracionais”* (Participante 4, Focus Group com Especialistas na Área).

A participante 3 afirma que também não conhece muitos trabalhos nesta área, mas que tem vindo a verificar que, por exemplo, a comunidade europeia, mostra-se preocupada em *“(...) desenvolver tecnologias e utilizá-las para promover o envelhecimento ativo e a solidariedade entre gerações”*.

## **Questão 2: Futuro da investigação, em termos de relações intergeracionais e também da tecnologia.**

Quanto a perspetivar o futuro da investigação nesta área, o participante 1 alega que a dificuldade está na tecnologia, pois não se sabe qual irá ser o dispositivo tecnológico mais usado em casa, como o vão usar, como absorve a atenção e a forma como são criadas as relações, nem se sabe como as tecnologias vão evoluir e se transformar. Contudo, acredita que presentemente existe uma tendência, os dispositivos móveis, como o telemóvel e o tablet. Comenta que em torno destes criam-se conversas, mas que também *“(...) depois as pessoas começam a cada vez mais a centrar-se no dispositivo e pouco no que está a acontecer à volta”*.

Já a participante 2 sustenta que não só a tecnologia evolui, mas também as gerações. É um facto, as gerações mudam, a próxima geração sénior será composta pelos adultos de hoje e esses têm, por exemplo, diferentes conhecimentos tecnológicos e diferentes formas de usar a tecnologia, em relação aos seniores de hoje.

Por essa razão concorda que a questão da tecnologia como promotora dos relacionamentos intergeracionais e como meio para a aproximação dos processos comunicacionais é um tema com potencial e que de certo será mais explorado no futuro.

A participante acaba o seu discurso por afirmar que provavelmente *“(...) a complexidade não está na tecnologia, a complexidade está nas pessoas”*, por achar que as famílias de hoje se comportam de maneira diferente, de já não interagirem uns com os outros da mesma forma, como antigamente:

*“As pessoas desmembram-se muito, as famílias já são quase uma ficção, porque não se dialogam, porque é difícil. Os vínculos são mais frágeis porque as famílias são mais destruídas, são mais frágeis porque as pessoas são mais individualistas, são mais frágeis porque deixou de haver a grande família que era a rede social de apoio, o lastro”. Continua afirmando que a tendência hoje em dia é a de fragmentação e não a de agregação e que há vários fatores, que embora passem despercebidos, promovem esta fragmentação de relações* (Participante 2, Focus Group com Especialistas na Área).

A participante 4 ao ouvir a resposta da participante 2, concorda que a complexidade está nas pessoas, mas que discorda completamente com a visão da família atual.

Para a participante as famílias continuam a ser unidas e a ter os mesmos valores, organizam-se é de diferentes maneiras.

Comenta que já antigamente, por exemplo, nas cidades romanas, existia a ideia de família nuclear e que pelos estudos a ideia da família de três gerações a viver junta e em comunidade é um mito:

*“(...) até porque as pessoas até meados do século XX nem tinham esta probabilidade, porque morriam muito cedo e havia muita mortalidade infantil e depois as pessoas teriam uma esperança de vida ali nos quarenta/quarenta e poucos, havia meia dúzia de pessoas que viviam mais anos”* (Participante 4, Focus Group com Especialistas na Área).

Assim, concorda que a complexidade está nas pessoas e também que ambas as relações intergeracionais e intrageracionais são importantes. As relações intergeracionais um desafio, porque atualmente o esquema familiar é mais vertical, mais gerações vivas, mas menos pessoas em cada geração. *“Mas as relações intrageracionais também, porque são aquelas que dão maior identidade às pessoas. As pessoas do meu tempo. E não havendo irmãos ou havendo poucos, isto*

*também é qualquer coisa que é importante”.*

A participante conclui o seu discurso, com mais algumas razões que provam que a dificuldade está nas pessoas:

*“(...) a primeira coisa é isto, entender de facto as relações intergeracionais, são importantes a ser promovidas porquê e para quê. Porque nem sempre são. Vamos lá, temos que ser realistas. Há pessoas que querem, há pessoas que não querem, há pessoas que gostam e há pessoas que não gostam. Há pessoas para quem causa bem-estar, há pessoas para quem causa mal-estar e isto é um problema, porque é a diversidade” (Participante 4, Focus Group com Especialistas na Área).*

A participante 3 concorda com a última observação da participante 4, afirmando achar que deveria existir uma melhor estruturação e que *“(..) enquanto as pessoas não tiverem a vontade de realmente “eu estar sentado com o meu neto a jogar”, eventualmente no tablet ou a fazer qualquer coisa com ele, também não se pode forçar”.*

Com isto, a participante 2 alega que certamente existem muitas respostas, quando avaliado o local onde se cresce e onde se morre. *“Muita gente da minha geração crescia na família, não crescia no infantário, as pessoas da minha família, até à minha geração, morreram em casa, não morriam no hospital ou num centro de acolhimento”.* Afirma que as crianças hoje em dia crescem e interagem mais com os da sua geração e que são mais valorizados *“(...) os conhecimentos adquiridos num contexto formal, da escola e da instituição e não se valoriza tanto os conhecimentos informais que se aprendiam com a avó ou com o avô”.* Acabam por perder o conhecimento de histórias, lições e experiências das camadas superiores das suas famílias.

Conclui esta questão, reconhecendo mais uma vez que existem poucos programas e atividades para promover as interações intergeracionais através das tecnologias, mas que se fossem criadas e do que se tem observado, haveria muitos seniores que se mostrariam interessados e motivados em participar, como também vários jovens.

### **Questão 3: Em termos de sociedade, importância das relações entre gerações.**

*“Eu acho que são o suporte para nós crescermos e evoluirmos sempre” (Participante 1)*

*“Acho que fazem parte da identidade” (Participante 2)*

Todos concordam que sim e como o participante 1 refere o ser humano é, de certa forma,



superior aos outros seres, consolida conhecimentos e passa-os de geração em geração. Também *“(...) eventualmente em termos percentuais da esperança média de vida, os seres humanos são aqueles em que os filhos estão mais tempo com os pais...são os mais frágeis”*.

Para a participante 2, é uma questão biológica: *“(...) são as mulheres e penso que conhecidos são um ou outro animal, que deixa ter capacidade de reprodução...nessa atitude de que seria, digamos assim, um elemento de ajuda à procriação”*.

A participante 3 admite que embora longe da sua família, dos seus avós, as relações entre gerações são muito importantes.

Ao ouvir esta última resposta, a participante 4 reconhece a sorte que a participante tem por ainda ter os seus avós vivos e poder conviver com eles, nem que seja por chamadas telefónicas, porque com a idade atual da participante 3, a participante 4 já não os tinha há algum tempo:

*“(...) na minha geração a probabilidade de ter muito tempo de contacto com os avós era muito diminuta, as gerações atuais têm contacto com os avós e com os bisavós mais tempo, mesmo que seja por períodos mais reduzidos de tempo, com uma distância maior. Mas têm essa possibilidade. Ou seja, a Hilma agora pode fazer perguntas aos avós que eu nunca poderia fazer, porque na adolescência não tinha maturidade para isso, não interessava. Portanto, por um lado pode haver essa distância, mas por outro lado há probabilidade de haver um tempo de coexistência muito superior”* (Participante 4, Focus Group com Especialistas na Área).

A participante 3 concorda e reconhece que há uma maior probabilidade dos seus filhos terem não só avós, como bisavós e que provavelmente os seus avós ainda a irão ajudar. A participante 4 afirma que:

*“(...) pode haver maior distância geográfica, mas vai haver um tempo superior de coexistência e que pode ser aproveitado da melhor forma, em diferentes idades, ou seja, já não se vê só o neto ou o avô muito velho, mas vê-se o avô ainda numa fase ativa provavelmente e um bisavô também e depois vai-se ter outra perspetiva”* (Participante 4, Focus Group com Especialistas na Área).

**Questão 4: Opiniões acerca da temática das relações intergeracionais, ente avós e netos, quais as perspetivas e visões dos avós e netos.**

O participante 1 afirma que, por observações do seu meio familiar, são os avós que fazem um esforço para aprender a usar tecnologias, para as poderem usar em conjunto com os seus netos, *“(...) está ali uma motivação extra, porque tem que acompanhar o desenvolvimento do neto e eu acho que isso é transversal, quando há esta convivência, esta verticalidade, esta convivência diária com as pessoas. Portanto a tecnologia aí é apenas um facilitador”*.

A participante 2 refere mais uma vez a questão da diáspora e da mobilidade das pessoas. As gerações mais jovens têm mais mobilidade, porque também têm mais formação e para a participante 2, o elo de ligação entre os elementos da família seria *“(...) muito mais descontinuado se não existissem tecnologias tão facilitadoras como o Skype”*. Dantes usar este tipo de tecnologias poderia ser um desafio, mas hoje em dia as pessoas já sentem mais facilidade em usá-las. Ainda assim concorda com o participante 1, os seniores (avós) para aprender a usar as tecnologias, necessitam de uma motivação e normalmente essa motivação é definida pela possibilidade de comunicação e interação, com os seus netos ou filhos, através deste meio.

Através de algumas observações com os seus alunos, a participante 1 já constatou que, para os avós, as tecnologias apresentam-se como um meio que auxilia a perpetuação do contacto com os seus netos, *“(...)olha, foi aqui a janela de oportunidade, de manter a ligação com o neto ou com a neta, foi aprender a escrever mensagens no telemóvel”*. A participante 3 subscreve a opinião da participante 2 acrescentando, *“Exatamente, mas mesmo esta geração a seguir, de pessoas idosas que vêm, eu acho que eles têm que sentir mesmo uma necessidade. Agora, aprender a mandar mensagens para falar com os netos, é uma necessidade”*.

*“Mas pensando no futuro, é assim, daqui a uma geração toda a gente sabe...já sabem fazer...”*, comenta a participante 4.

Os restantes participantes concordaram, mas também comentaram que não é possível saber qual a tecnologia mais usada daqui a uma geração e existem sempre as limitações do corpo, habitualmente associadas à faixa etária mais idosa.

#### **Questão 5: Formas de diminuição da divisão digital, portanto a diferença de conhecimentos entre gerações mais novas e mais velhas.**

A participante 2 menciona que há algumas iniciativas, como o conceito de *“Universidade Sénior”*, *“(...) porque mobiliza essas pessoas e sente-se nas entrevistas, em alguns estudos que trabalham com esses grupos, que a tecnologia é normalmente um ingrediente importante nessas*

*formações...que acho que é um indicador para pensar que há uma mobilização”.*

Contudo e embora não conheça muitos centros de dia e instituições que trabalham com seniores, pensa não existir muitas iniciativas nesta área:

*“(...) há pouca iniciativa dos dinamizadores desses espaços no uso da tecnologia, mas se calhar há outros que dinamizam e usam, por isso não sei. Mas eventualmente seria até favorável para eles, porque tinham outros veículos, das pessoas não estarem ali tão asfixiadas por estarem sempre na mesma espacialidade, haveriam ali canais para o exterior”* (Participante 2, Focus Group com Especialistas na Área).

O participante 1 comenta que na sua visão os netos, de alguma maneira, obrigam os avós a aprender a mexer na tecnologia. Mais uma vez pela necessidade de acompanhar os seus netos ou poder comunicar com eles. Conclui a sua resposta concordando com a participante 2, com a questão das “Universidades Seniores” e afirmando que:

*“(..) também se ouve muitas vezes, as pessoas que lá andam a dizer que querem aprender, no caso de coisas mais relacionadas com a tecnologia, por causa de “e eu quero falar com os meus netos ou com os meus familiares que estão fora”* (Participante 1, Focus Group com Especialistas na Área).

Posto isto, alguns participantes mencionam que aprendem, sobretudo, a mandar emails e a mexer no Skype.

Já a participante 4 pôs o grupo a pensar numa perspetiva diferente, expressando: *“(...) até que ponto também não é interessante os mais novos aprenderem a viver, nem que seja um dia, sem tecnologia...também terem experiências sem tecnologia...se calhar podem aprender isso com os avós”*. Pronuncia-se também em relação a alguns programas em que esteve envolvida, que não tinham a ver com as tecnologias, somente faziam referência às relações intergeracionais e desses encontros inferiu que:

*“A atividade tinha que servir as necessidades e os propósitos de ambas as gerações, quando isso não acontecia, não resultava. Portanto, quando nós queríamos que eles se juntassem por um propósito que era mais nosso, as coisas não resultavam ou quando era um a imaginar uma atividade para o outro, também não resultavam”* (Participante 4, Focus Group com Especialistas na Área).

Sobre algumas atividades com seniores e jovens, a participante 2 refere uma de um projeto de

uma antiga estudante da Universidade de Aveiro. Alguns seniores do centro de dia vieram até ao Departamento de Comunicação e Arte, seniores que não tinham qualquer tipo de conhecimentos à cerca das tecnologias e, nesta atividade, realizaram alguns exercícios tecnológicos, com o auxílio e ensinamentos do grupo de jovens que teve a iniciativa. O feedback que obtive foi que “(..) os idosos falam-lhes das histórias de vida deles, são muito mais pró-ativos, do que faziam quando tinham a idade delas e deles (eram rapazes e raparigas), os acontecimentos...no fundo contam narrativas das suas histórias de vida, eles ouvem e interagem”.

Todavia admite que neste tipo de relações, os seniores estão numa posição mais favorável, sentem-se mais relevantes:

*“(..) houve um capital de confiança em que os idosos de facto se foram sentido relevantes naquela interação, que quando chegaram aqui, que ficariam numa posição, digamos assim, mais frágil, porque eles tinham que fazer tudo, tinham que pegar nas câmaras de filmar, tinham que filmar, tinham que gravar, com equipamento que nunca tinham manuseado. O que eu senti é que eles acolheram muito bem isso (...)”* (Participante 2, Focus Group com Especialistas na Área).

#### **Questão 6: As ações governamentais e políticas e o seu relacionamento com a temática das relações intergeracionais e também das tecnologias.**

A participante 3 refere uma lei que supostamente permite aos avós irem a casa dar de comer aos seus netos ou terem alguns dias de férias para poder ajudar. A participante afirma que é um bom incentivo e os restantes participantes concordam.

*“Porque eu acho que é tudo muito bonito querermos que Portugal tenha filhos e depois dão horários, às mães, de trabalho até à meia noite (...) posso ter em casa os meus pais ou os meus avós e os avós do meu marido, mas depois não lhes posso ir dar de comer à hora em que eles precisam e realmente acho que comecemos então pelos mais novos, os avós terem direito a irem ter com eles e pode ser que isso se espalhe a todas as gerações. Mas acho uma boa iniciativa!”* (Participante 3, Focus Group com Especialistas na Área).

As participantes 2 e 4 mencionam também que existiu o “Ano do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações” em 2012.

E logo de seguida, a participante 4 faz algumas referências a questões relativas à natalidade, “(..)

*acho que falar em aumentar a natalidade, é desconhecer completamente como é que as pessoas funcionam atualmente".* Afirma que atualmente as pessoas têm o poder de opção, podem escolher se querem ter ou não ter filhos, mas antigamente não era assim:

*"Até aos anos sessenta, isto é a realidade. Depois passa a haver a opção e as pessoas pensam de outra maneira, portanto não é com incentivos destes (de aumentar a natalidade). O único incentivo que se pode ter e acho que não aumentaria a natalidade assim tanto, seria permitir a quem quer realmente ter filhos, que os tenha com as melhores condições que existam, condições para que isso aconteça"* (Participante 4, Focus Group com Especialistas na Área).

Comenta também a questão do envelhecimento populacional, porque com o envelhecimento e com o aumento da população mundial, os imigrantes, por virem de zonas de elevada natalidade, presumivelmente virão compensar este buraco:

*"(...) porque se não quando eu for velha, não é? Que estou na geração daquelas mesmo a sério, que vão entrar no boom do envelhecimento, quem é que cuida de nós? Não há...só há outros velhos para tratar, mais nada...as pessoas estão a trabalhar e são velhos, ponto. E, portanto, esta compensação é importante, mas se calhar esse é outro desafio, que é o desafio da multiculturalidade a que nós, portugueses, ainda não estamos ainda assim muito habituados"* (Participante 4, Focus Group com Especialistas na Área).

A participante acaba os seus comentários referindo-se à área da saúde. A promoção de saúde não acontece como devia acontecer, *"(..) vão a um centro de saúde e vejam que promoção de saúde se faz, não faz...faz-se o acompanhamento da doença. Nem sequer é a prevenção, atua-se na doença e aguda...na fase aguda da doença, é isto que se faz"*.

Ao que o participante 1 respondeu:

*"Cruzando isso com a baixa natalidade, deixar o miúdo às 9h da manhã e ir busca-lo às 7h da tarde, já isso não é promoção de saúde, mas também não promove a natalidade...ninguém consegue ter um filho e pensar que só vai deixá-lo no infantário o dia todo, das 9h às 6h30 ou 7h da tarde"* (Participante 1, Focus Group com Especialistas na Área).

E admite que desta forma, tendo a criança a crescer num ambiente desconhecido dos pais e dos

avós, isto é, a crescer passando mais tempo fora de casa e convivendo, a maior parte do seu tempo, com pessoas da mesma geração, estes acabam por se desenvolver “(...) *na tal horizontalidade de gerações e não na verticalidade*”.

### **4.3 Considerações finais acerca dos resultados obtidos na investigação**

Para concluir a apresentação dos resultados obtidos na fase empírica da investigação, através dos Questionários e sessões de *Focus Groups*, importa sistematizar os pontos mais importantes retirados desta etapa.

Quanto aos questionários, estes serviram somente, como já foi referido, como um complemento às sessões de *Focus Groups*, permitindo a recolha de informações demográficas e de dados específicos relativos à utilização da tecnologia e media digitais e às relações intergeracionais entre avós e netos.

As sessões de *Focus Groups*, com avós, netos e especialistas na área, eram o foco principal desta fase e, de um modo geral, correram bem e trouxeram informações relevantes, não só confirmações do que foi abordado e estudado na fase do enquadramento teórico, mas também novos conhecimentos.

Nas sessões com os avós e netos foram discutidos temas como: a importância da relação entre avós-netos; o porquê dessa importância; como é utilizada a tecnologia em conjunto; como a tecnologia é utilizada quando estão separados; as diferenças de conhecimentos e técnicas em termos tecnológicos, entre seniores e crianças/jovens; e por fim, como as duas gerações devem aprender uma com a outra.

Já na sessão com os especialistas na área foram debatidos temas como: a situação do estado de arte relativo a esta área de estudo; o futuro da investigação; a importância das relações entre gerações; a visão à cerca de como são utilizadas as tecnologias entre avós e netos; as iniciativas para diminuir a divisão digital, ou seja, a diferença de conhecimentos entre as duas gerações; e por último, as ações governamentais e políticas que têm vindo a ser desenvolvidas.

A revisão da literatura, a par com os resultados obtidos na etapa empírica da investigação, permitiram concluir que:

- **As crianças ou jovens mostram-se mais ativos na utilização das tecnologias e apresentam mais conhecimentos acerca do mundo digital, em relação aos seniores (avós). Contudo, estes (os avós) demonstram curiosidade em aprender e em usar, tendo como motivação a necessidade e possibilidade de poder comunicar com a sua família, neste caso, com os seus netos.**

Efetivamente, os jovens participantes no estudo mostraram ser mais habilidosos com as tecnologias, usando uma maior variedade de tipos de tecnologia e aplicações tecnológicas e usando-as com uma maior frequência do que os seniores. Também os seniores afirmaram que possuem menos conhecimentos que os seus netos e, a partir dos questionários, compreendeu-se que estes apenas utilizam a tecnologia quando é imprescindível que a usem, não sendo algo que considerem essencial nas suas vidas.

Contudo, quando questionado às crianças/jovens se estariam/estão dispostos a combater essa desigualdade de conhecimentos, estes exprimiram uma atitude positiva e concordaram que seria importante estarem todos em pé de igualdade.

Os avós (seniores) exteriorizaram a sua disposição em aprender a utilizar as tecnologias, mas somente para a possibilidade de satisfazer as suas necessidades, sendo uma das principais, a oportunidade de poder comunicar e interagir com a sua família, particularmente com os seus netos, quando não estão juntos.

- **Na relação entre avós e netos, as tecnologias têm maioritariamente um papel positivo. Para além de possibilitarem a comunicação entre eles, podem ser relevantes numa aprendizagem recíproca. Os netos têm a possibilidade de ensinar os seus avós acerca das tecnologias e os avós podem partilhar lições de vida e experiências.**

A primeira razão para o uso das tecnologias entre avós e netos está na comunicação. Todos os participantes mostraram que é no poder comunicar com os seus familiares, que as tecnologias desempenham o papel mais importante e positivo. Não obstante, quando a utilizam em conjunto, os netos (crianças/jovens) mostram interesse, principalmente quando querem mostrar algo aos seus avós, como um jogo, um trabalho, ou algo que encontraram na internet.

As crianças e jovens entrevistados afirmaram estarem dispostos a ensinar os avós a utilizar nas tecnologias, tanto agora, como quando forem mais velhos, e afirmaram também que lhes

ensinam mais coisas que não só conhecimentos tecnológicos.

Também a maioria dos seniores afirmaram oferecer um processo de aprendizagem aos seus netos, uma aprendizagem da vida e que têm a possibilidade de os tornar (os netos) em pessoas completas. Estes também afirmaram estar dispostos a aprender mais sobre como utilizar as tecnologias, com os seus netos. Porém, admitiram só pedir que lhes ensinem, quando realmente necessitam delas, o que não é algo que aconteça regularmente.

- **Apesar de poderem ser importantes em situações particulares, as tecnologias não desempenham um papel fundamental na interação entre os avós e os netos participantes no estudo.**

Sobre o uso das tecnologias em conjunto entre as duas gerações, os seniores foram os que mostraram mais sentimentos de oposição. A maioria prefere não ter a interferência das tecnologias quando está com os seus netos e mostraram mesmo o sentimento de tristeza, quando se recordam de todos os momentos em que eles ligam mais às tecnologias que a eles.

As crianças e jovens afirmaram não utilizar muito as tecnologias em conjunto com os avós, contudo não mostraram atitudes de oposição. Aliás, eles são a razão para as tecnologias se apresentarem nas suas relações.

Algumas das razões para estas duas gerações utilizarem as tecnologias em conjunto estão no querer dos netos, quando querem mostrar algo na internet ou algo que fizeram e também quando querem jogar jogos. Para os avós está no querer que os netos lhes ensinem a mexer nas tecnologias, para por exemplo, terem mais uma ferramenta de comunicação e também quando necessitam de ajuda a fazer algo ou a procurar algo, por exemplo, na internet.

Assim sendo, as tecnologias não desempenham um papel fundamental ou essencial na interação presencial, entre avós e netos.

- **As tecnologias são utilizadas, sobretudo, nas relações entre avós e netos que enfrentam uma maior distância geográfica entre eles.**

Os avós e os netos entrevistados declararam que, existindo oportunidade de escolha, prefeririam estar presencialmente com os seus familiares (neste caso, com os seus netos e



avós).

Porém, quando não é possível, afirmaram que as tecnologias desempenham um papel fundamental no continuar da comunicação e interação entre eles, quando estão separados.

A tecnologia mais utilizada nestes casos é o telemóvel e por conseguinte, as chamadas telefónicas e as SMS. Já as redes sociais, embora utilizadas por alguns, não mostraram ter um papel muito relevante nesta relação. Ainda assim, quando são utilizadas, resultam da necessidade de uma comunicação mais completa, e é aí que o Facebook e o Skype se evidenciam. Estas são as redes sociais mais utilizadas nestas relações, pois o Facebook permite o acompanhamento da vida dos seus, através de fotografias, vídeos, textos e ainda pode usufruir das mensagens instantâneas e o Skype é a aplicação mais popular em termos de videochamadas. As videochamadas são muitas vezes as preferidas, por ser possível visualizar os membros da comunicação em tempo real e ser o mais semelhante a uma conversa presencial.

Das sessões de *Focus Group*, realizadas com os especialistas na área, também foi possível retirar algumas conclusões:

- Para alguns participantes, a dificuldade de perspetivar o futuro da investigação está na tecnologia, uma vez que esta está em constante mudança e em evolução e também porque não se sabe o qual o dispositivo mais utilizado em cada casa, por cada pessoa.

Para outros a dificuldade está nas pessoas, por diferentes razões. Por um lado, pode ser porque as gerações mudam, por exemplo, as próximas gerações seniores terão diferentes conhecimentos tecnológicos, em comparação com os seniores de hoje. Por outro lado, a razão pode estar na destruturação das famílias, pois as pessoas estão mais individualistas. E por fim, para outros participantes, pode não se tratar de uma questão de destruturação das famílias, estas apenas tendem a organizar-se de diferentes maneiras hoje em dia. É importante também perceber o porquê e o para quê de promover as relações intergeracionais, pois há pessoas que gostam ou não gostam, que querem ou não querem, a umas causa bem-estar e a outras mau-estar e essa diversidade pode ser um problema;

- O tema das tecnologias como promotora das relações intergeracionais é um tema com muito potencial, que deve ser explorado no futuro;

- Não existem muitas ações governamentais e políticas relativas ao relacionamento das

tecnologias e das relações intergeracionais;

- Também não existem muitos trabalhos ou programas, na área das tecnologias e das relações intergeracionais, como noutras áreas científicas. Contudo, se houvessem mais programas que envolvessem esta temática, pela visão dos especialistas, os seniores mostrariam interesse e motivação a participar, assim como os jovens;

- Não obstante existem três tipos de programas intergeracionais:

*“(...) programas intergeracionais cujo o objetivo é essencialmente focado em melhorar a relação entre novos e velhos; programas que têm este objetivo, mas ao mesmo tempo têm outro, que pode ser por exemplo a inclusão social, o apoio aos alunos na escola, mas também este de unir gerações; e outros em que os programas intergeracionais não têm como fim, propriamente dito, melhorar estas relações, têm como fim outra coisa qualquer, que pode ser o desenvolvimento da tecnologia, portanto tornar as pessoas mais velhas, mais aptas a usar a tecnologia (...) utiliza-se como estratégia, as relações intergeracionais”* (Participante 4, Focus Group com Especialistas na Área);

- As gerações mais jovens têm mais mobilidade e muitas vezes o elo de ligação com a sua família são as tecnologias, como por exemplo, o *Skype*;

- Os avós fazem um esforço para aprender a usar as tecnologias, para poderem usá-la em conjunto com os seus netos, existe assim uma motivação;

- Sugestão de uma forma de pensar diferente: E se fossem os mais novos a aprenderem a viver sem tecnologia e nesse sentido, aprenderem mais lições com os seus avós?



# Capítulo 5. Conceptualização de uma narrativa audiovisual - “HELLO, AVÓS!”

Como discutido ao longo deste documento, um dos objetivos desta investigação passa pela conceptualização de uma narrativa audiovisual, neste caso um documentário de ficção (Docuficção), que retrate os resultados obtidos na investigação.

A conceptualização da narrativa está mais ligada à etapa de pré-produção, à etapa de pensamento e definição do que se pretende fazer. Para Soares (2007), existem algumas fases nessa etapa, como: A definição da ideia, da *story-line*, da sinopse, da estrutura e do guião (literário e técnico).

A ideia é caracterizada pela expressão mais simples do pensamento que deu origem à história. (Nascimento, 2017).

A *story-line* é definida pela a ideia, um pouco mais trabalhada. Aqui é importante que seja resumido, em poucas linhas e da melhor maneira, qual é o conflito, qual o seu desenvolvimento e qual a sua resolução (Nascimento, 2017). “Muitos autores de manuais chegam mesmo a dizer que se um autor não consegue resumir o interesse da história em poucas linhas ou palavras é porque ele não tem história” (Soares, 2007)

A sinopse é vista basicamente como um resumo de toda a história da narrativa, com a definição do início, desenvolvimento e fim. Neste resumo é necessário definir quem são as personagens, as

ações e o tempo e o lugar dessas ações (Soares, 2007)

A estrutura é vista como uma fase de decisões e reorganização da narrativa. Aqui o guionista deve dividir a sua história em sequências e cenas, decidir qual a sua ordem, estabelecer relações entre as cenas, definir transições e decidir qual será a estrutura narrativa e dramática (Soares, 2007).

Assim, os guiões são documentos que contém as cenas da história, as definições dos planos de filmagem, das transições, as movimentações das personagens, diálogos, etc. (Soares, 2007)

Nos pontos seguintes são apresentadas as fases principais na conceptualização do “HELLO, AVÓS!”, como a definição da ideia, da story-line, da sinopse, estrutura e guião.

## 5.1 Ideia, story-line e sinopse

Um dos objetivos principais na construção deste documentário de ficção é o de apresentar os resultados e as visões obtidas durante a investigação, relativamente ao papel das tecnologias nas relações e comunicação intergeracional, entre avós e netos (crianças e jovens). O outro objetivo é o de transmitir uma mensagem a um público.

**Ideia:** Este artefacto pretende transmitir as conclusões, obtidas durante a investigação, mas mais concretamente, pretende transmitir a maneira como as tecnologias são utilizadas entre as duas gerações em estudo e como esta relação intergeracional é importante para avós e netos.

Como a maioria das conclusões foram de carácter positivo, o vídeo seria uma forma de mostrar ao público, “abrir” a sua mentalidade ou criar uma discussão, acerca da possibilidade de as tecnologias poderem ter um papel positivo e relevante nas relações entre avós e netos.

Através dos Questionários e das sessões de *Focus Groups*, foi possível ouvir e analisar várias histórias/momentos em que as duas gerações usaram a tecnologia em conjunto ou separadamente, mas para um objetivo comum e são nessas histórias que este documentário de ficção se pretende focar.

As principais conclusões alcançadas com recorrer da investigação e tentando responder à pergunta de investigação: **“Qual o papel das tecnologias e dos media digitais no suporte à comunicação e relações intergeracionais, nomeadamente entre avós e netos?”**, de uma maneira geral, foram:

- As relações intergeracionais entre avós e netos são importantes para ambas as gerações;
- As tecnologias e media digitais têm maioritariamente um papel positivo na relação entre avós e

netos, principalmente em termos de aprendizagens. Para além de possibilitarem a comunicação entre eles, os netos têm a possibilidade de ensinar os seus avós à cerca das tecnologias e os avós podem partilhar lições de vida e experiências;

- Quando avós e netos estão juntos, estes utilizam as tecnologias, sobretudo para jogar jogos em conjunto, realizarem pesquisas e para os netos mostrarem trabalhos;

- As tecnologias têm um papel fundamental na interação, entre as duas gerações, principalmente na comunicação que tem que ser realizada à distância.

De lembrar que estes resultados não são extrapoláveis à população, apenas representam uma pequena parte desta, representam os inquiridos e entrevistados nesta investigação.

Assim, tendo analisado quais as principais conclusões do estudo, seguiu-se para uma exploração de momentos e histórias, que foram partilhadas pelos participantes que auxiliaram esta investigação, nas quais seria possível retratar essas conclusões.

Depois de uma pormenorizada análise, foi possível encontrar quatro histórias que poderiam ser utilizadas para transmitir a visão da investigadora. Estas quatro histórias representariam como as tecnologias são utilizadas nos dias de hoje, por avós e netos (crianças e jovens).

É possível compreender a razão desta narrativa audiovisual se tratar de um documentário de ficção. Embora o artefacto tenha o objetivo de comunicar a realidade observada com a investigação, esta será representada de uma forma ficcionada, com histórias melhor trabalhadas e pessoas (atores) diferentes.

Depois de alguma reflexão, este documentário de ficção adotou o nome “HELLO, AVÓS!”. Esta expressão tem como referência o “*hello, world*”, que é visto quase como o início de uma nova era digital. A mensagem “*hello, world*” é caracterizada como sendo a primeira mensagem de teste a ser exibida numa tela de computador e desde então tornou-se tradição continuar a utilizá-la como mensagem de teste padrão, nos mais variados programas de teste (Triksa, 2015).

Tal como o “*hello, world*” marcou o início de uma era, esta investigação também explorou o início de uma era na forma de comunicação e interação, entre avós e netos. Como os netos costumam ser os mais conhecedores das tecnologias, crescem com as elas presentes nas suas vidas desde sempre, são os avós que normalmente ocupam o papel de descobridores do universo tecnológico, que dizem um “olá” às tecnologias. Por estes dois motivos surgiu a ideia: “HELLO, AVÓS!”.

O “HELLO, AVÓS!” apresentará a fictícia família Ramos, Joaquim (o avô), Paula (a avó), João (o neto) e Beatriz (a neta). Estes quatro atores irão partilhar quatro momentos diferentes em que usaram/usam a tecnologia. A narração desses momentos será “pintada” com as imagens das

histórias a serem representadas pelos atores.

**Story-line:** A família Ramos, caracterizada pelos avós Joaquim e Paula e pelos netos Beatriz e João, partilha quatro momentos em que as tecnologias foram usadas em conjunto ou serviram como auxílio para a comunicação.

### **Sinopse:**

Joaquim e João começam a narrativa por relatar um momento em que João está no escritório, a fazer um projeto para a escola no computador e quando o acaba, chama o avô para o ir ver e dar a sua opinião. João e Joaquim analisam o trabalho que João fez para a escola e comentam-no um com o outro.

Logo de seguida, Paula e Beatriz partilham o momento em que Paula estava a cozinhar na cozinha, muito atarefada, vê a sua neta a passar e lhe pede ajuda, não só nos cozinhados, mas também para pesquisar uma receita no tablet. Ambas se divertem enquanto pesquisam no tablet e cozinham!

O episódio seguinte é relatado por Paula e João, partilham os momentos em que o João está na sala de estar, a jogar jogos no tablet e em que depois convida a sua avó, para jogar com ele e fazerem um torneio. João ensina a avó ao longo do jogo e ambos mostram estar animados.

O último episódio é relatado pelas quatro personagens, Paula, Joaquim, Beatriz e João. Avós e netos contam como utilizam as tecnologias, neste caso as videochamadas, para comunicar uns com os outros, principalmente quando existe uma maior distância geográfica.

## **5.2 Estrutura e Guião**

Concluindo a sinopse, é possível caracterizar a estrutura da narrativa como linear intercalada, pois o relato é linear, mas é “cortado” por algumas sequências que fogem a essa linearidade (Perez, (s.d.)

O tempo definido para esta narrativa é condensado, que é o normalmente utilizado nos filmes bibliográficos e caracteriza-se pelo facto do discurso ser menor que o tempo da história (Cruz, 2005). Por último, o tempo da narrativa é também afetado por sequências anacrónicas, flashbacks ou analepsis, uma técnica usada quando se faz uma referência ao passado e usada para complementar os eventos do “presente”, da história que é contada (Hallet, s.d.).

Segue-se assim para apresentação da estrutura e guião da narrativa, que também pode ser encontrado no **Anexo VI** – Guião da Narrativa “HELLO, AVÓS!”.

Durante o guião, em cada cena, são apresentados os vários planos que poderiam ser usados, assim como as ações que os caracterizam.

FADE IN

GENÉRICO INICIAL

FADE OUT

INT. CASA FAMÍLIA RAMOS - DIA

PLANO WIDE SHOT - DA FAMÍLIA - TEXTO: "ESTA É A FAMÍLIA RAMOS"

PLANO MID SHOT - DOS NETOS - TEXTO: "OS NETOS"

PLANO MID SHOT - DOS AVÓS - TEXTO: OS AVÓS"

**Figura 5 – Guião – Parte 1**

Primeiramente, o documentário de ficção começará com o genérico inicial, apresentando o nome da narrativa, como também apresentando uma alusão ao significado desse nome. Seguidamente é apresentado um plano dos avós e dos netos em conjunto, como se fosse um retrato de família e logo após são apresentados planos separados dos avós e dos netos, onde são exibidos os nomes das personagens (cf. Figura 5).

Após estes planos iniciais, começa por ser retratadas as histórias.



INT. CASA FAMILIA RAMOS - DIA

PLANO MID SHOT - DO JOAQUIM

PLANO MID SHOT - DO JOAO

Intercaladamente, Joaquim e Joao relatam o episodio em que usaram o computador em conjunto, para ver o trabalho do joao. Tambem intercaladamente aparece a cena seguinte (a historia visual).

INT. CASA FAMILIA RAMOS - ESCRITORIO - DIA

PLANO WIDE SHOT - MID SHOT - MEDIUM CLOSE UP - OVER THE SHOULDER - INSERT

Joao esta a trabalhar no computador, a fazer um projeto para a escola.

Passado poucos segundos acaba-o.

Joao chama o avo, Joaquim, para vir ver o trabalho e para lhe dar a sua opiniao.

Joao e Joaquim sentados em frente ao computador, analisam o trabalho que Joao fez para a escola e comentam um com o outro.

**Figura 6 – Guião – Parte 2**

Primeiro é apresentado o episódio entre o avô e o neto, onde utilizam o computador em conjunto, para ver um trabalho do neto (cf. Figura 6).

INT. CASA FAMILIA RAMOS - DIA

PLANO MID SHOT - DA PAULA

PLANO MID SHOT - DA BEATRIZ

Intercaladamente, Paula e Beatriz relatam o episodio em que usaram o tablet em conjunto, para pesquisar coisas. Tambem intercaladamente aparece a cena seguinte (a historia visual).

INT. CASA FAMILIA RAMOS - COZINHA - DIA

PLANO WIDE SHOT - MID SHOT - MEDIUM CLOSE UP - INSERT

Avó a cozinhar na cozinha, muito atarefada.

Neta passa pela cozinha com um tablet na mão e a avo pede-lhe ajuda nos cozinhados e pede-lhe tambem para pesquisar uma receita.

Neta dirige-se à avó e oferece a sua ajuda para cozinhar e mostra-lhe a receita no tablet.

Ambas riem-se para o tablet e continuam nos cozinhados.

### Figura 7 – Guião – Parte 3

Depois é apresentado o episódio entre a avó e a neta, onde usam o tablet em conjunto, para pesquisar coisas na internet (cf. Figura 7).

INT. CASA FAMILIA RAMOS - DIA

PLANO MID SHOT - DA PAULA

PLANO MID SHOT - DO JOAO

Intercaladamente, Paula e Joao relatam o episodio em que foram usadas, mais uma vez, as tecnologias em conjunto. Desta vez o tablet para jogar jogos. Tambem intercaladamente aparece a cena seguinte (a historia visual).

INT. CASA FAMILIA RAMOS - SALA - DIA

PLANO WIDE SHOT - MID SHOT - MEDIUM CLOSE UP - INSERT

Joao esta sentado no sofa, enquanto joga um jogo no tablet.

A sua avo aparece na sala e ele convida-a a para jogar com ele e fazer um torneio.

João ensina a avo ao longo do jogo.

Os dois jogam o jogo no tablet, com um ar muito feliz, mas competitivo.

**Figura 8 – Guião – Parte 4**

Logo após é apresentada a terceira história, desta vez entre a avó e o neto, onde usam o tablet para jogar jogos e o neto ajuda e ensina a avó a jogar (cf. Figura 8).

INT. CASA FAMILIA RAMOS - DIA

PLANO MID SHOT - DA PAULA

PLANO MID SHOT - DO JOAQUIM

PLANO MID SHOT - DA BEATRIZ

PLANO MID SHOT - DO JOAO

Intercaladamente, Paula, Joaquim, Beatriz e Joao relatam como utilizam as video-chamadas para falar, sempre que estao afastados. Tambem intercaladamente aparecem as cenas seguintes (a historia visual).

INT. CASA FAMILIA RAMOS (AVOS) - SALA - DIA

PLANO WIDE SHOT - MID SHOT - MEDIUM CLOSE UP - INSERT

Joaquim e Paula utilizam alegremente o computador para falar e ver os seus netos, atraves de uma video-chamada.

Joao e Beatriz utilizam o telemovel ou tablet para fazer a video-chamada com os avos.

FADE OUT

ECRA TEXTO

**Figura 9 – Guião – Parte 5**

Como mostra na Figura 9, a última história é relatada pelos quatro elementos da família e apresentam o episódio em que usam as tecnologias para falar uns com os outros, quando estão separados. Neste caso, como usam as videochamadas.

De seguida é apresentado outro ecrã de texto, desta vez com um texto curto de conclusão do vídeo.

INT. CASA FAMILIA RAMOS - DIA

PLANO MID SHOT - DO JOAO

JOAO

A relação que temos com os nossos avós é muito importante, eles têm sempre um papel fundamental na nossa vida.

PLANO MID SHOT - DA PAULA

PAULA

Com os meus netos, aprendo sempre coisas novas, como por exemplo, coisas sobre este mundo tecnológico.

PLANO MID SHOT - DO JOAQUIM

JOAQUIM

Gosto de passar tempo com os meus netos e gosto de lhes poder ensinar lições de vida, contar histórias e claro, transmitir experiências.

PLANO MID SHOT - DA BEATRIZ

BEATRIZ

Com as tecnologias nunca estamos separados. Por causa delas podemos falar e vermo-nos, mesmo que estejamos a kms de distância.

FADE OUT

ECRA TEXTO + CREDITOS

**Figura 10 – Guião – Parte 6**

A narrativa audiovisual terminará com planos de cada um dos indivíduos a dizer uma pequena afirmação sobre o tema das tecnologias e das relações entre gerações, entre avós e netos, seguindo-se de um ecrã de texto, onde são explicados o projeto e a razão da conceptualização do vídeo e, por último, são apresentados os créditos (cf. Figura 10).

# Capítulo 6. Conclusões

A presente investigação estruturou-se em cinco partes principais. A primeira parte caracterizou-se pela exploração e análise do estado da arte e do conhecimento no domínio em estudo, onde foi possível compreender as relações intergeracionais, as relações entre avós e netos, os efeitos dessas relações, o papel que as tecnologias desempenham nas suas relações, como cada geração usa as tecnologias e também foi feita uma abordagem à definição de documentário de ficção (Docuficção).

A segunda parte foi dedicada à forma de seleção dos métodos e técnicas de recolha de dados, à exploração dos instrumentos criados para a investigação e ao modo como foram selecionados os participantes para colaborar nos *Focus Groups* e nas respostas aos Questionários.

A terceira parte da investigação consubstanciou-se no estudo empírico, planeado de acordo com uma metodologia descritiva, exploratória e qualitativa, que se julgou adequada aos objetivos e pergunta da investigação. Assim, de modo a obter os dados necessários, foram realizadas as sessões de *Focus Group* com avós, netos e investigadores especialista na área e o Inquérito por Questionário.

A quarta parte da investigação implicou o tratamento e análise dos dados recolhidos, no sentido da persecução dos objetivos específicos do estudo e resposta à questão de investigação: “Qual o papel das tecnologias e dos media digitais no suporte à comunicação e relações intergeracionais, nomeadamente entre avós/seniores e netos/crianças ou jovens?”.

Desta etapa foi possível concluir que:

- As relações intergeracionais são vistas como importantes para a sociedade;
- As relações entre avós e netos, são maioritariamente benéficas para as duas gerações;
- Quanto maior o contacto entre as duas gerações, mais forte a relação se apresenta;
- Os avós, muitas vezes, preenchem o papel de pais secundários e dão um apoio incondicional aos netos, mas também aos seus filhos;
- Avós e netos preferem estar juntos, sem interferência das tecnologias;
- Quando estão juntos e usam as tecnologias, fazem-no sobretudo por vontade do neto, de mostrar algo ou de jogar;
- As tecnologias têm um papel importante na comunicação entre avós e netos, principalmente quando estão distantes;
- As crianças e jovens apresentam ter mais conhecimentos tecnológicos, apresentam utilizar mais dispositivos tecnológicos e mais redes sociais, usá-los e usá-las com mais frequência que os seniores;
- Embora com menos conhecimentos, os avós mostram-se dispostos a aprender a utilizar as tecnologias ou melhorar os seus conhecimentos e os netos apresentam também disposição para ensinar os seus avós;
- Ao longo das suas vidas, existe uma aprendizagem contínua e recíproca entre eles;
- Os seniores (avós), não exibem muito interesse na utilização das tecnologias e afirmam utilizá-las somente quando existe uma necessidade para tal, como por exemplo, comunicar com a sua família;
- Os meios tecnológicos mais utilizados na comunicação e interação entre avós e netos são o telemóvel e o tablet e as redes sociais são o Facebook e o Skype.

Mais uma vez, relembra-se que estas conclusões não são generalizáveis à população, são apenas as conclusões retiradas do estudo do estado de arte, com a junção dos dados obtidos durante a fase empírica da investigação.

Por fim, a última parte desta investigação refere-se à conceptualização de uma narrativa audiovisual, neste caso, um documentário de ficção, que demonstre os resultados e conclusões adquiridas ao longo do desenvolvimento desta investigação, e sistematizadas acima, e que

consiga transmitir uma mensagem. Desta etapa resultou a conceptualização da Docuficção, “HELLO, AVÓS!”.

## **Limitações do Estudo**

Durante o decorrer da investigação, existiram alguns problemas que perturbaram o desenrolar da investigação. A principal limitação esteve na seleção de participantes, para integrarem as sessões de *Focus Groups*.

Devido a questões de privacidade e por serem menores de idade, o grupo das crianças e jovens foi o mais difícil de conseguir. Até chegar ao grupo final passou-se por algumas etapas, primeiro foi feito um contacto, através de pessoas conhecidas e depois, como não surgiam resultados, tentou-se realizar a sessão com alguns alunos de uma escola secundária. Contudo, mais tarde apurou-se que era necessário um longo processo de pedidos e autorizações com o Ministério de Educação e devido ao pouco tempo, esta ideia foi abandonada.

Todos estes processos atrasaram o desenvolvimento da investigação.

Quando aos especialistas na área, também existiram algumas limitações, pois nem todos os participantes contactados mostraram interesse na sessão e esta teve que se realizar com menos convidados do que era suposto.

Também foi caracterizado como limitação o número reduzido de participantes e o modo da sua seleção, pois não permite extrapolação dos resultados. Embora se consubstancie numa limitação, a validade dos resultados obtidos não deve ser colocada em causa, estes devem ser interpretados por referência ao contexto em que os dados foram adquiridos.

Por fim, conjuntamente deve ser determinada como limitação, a inevitável natureza subjetiva das análises, que inevitavelmente foram impregnadas com a visão da investigadora.

## **Contributo Científico da Investigação**

Com esta investigação e com os dados recolhidos, para além de ser possível uma melhor compreensão da temática, relativa ao papel das tecnologias nas relações intergeracionais, mais especificamente, entre avós e netos e conceptualizar uma narrativa audiovisual de docuficção, “HELLO, AVÓS!”, espera-se também contribuir com esta investigação cientificamente.



De forma a contribuir com a investigação em termos científicos, encontra-se em desenvolvimento um artigo, que será submetido à revista *Journal of Intergenerational Relationships* (JIR). Esta revista é reconhecida por publicar artigos, cujo conteúdo aborda as relações intergeracionais evidenciadas em práticas, políticas ou pesquisas.

O artigo será caracterizado pela temática desta investigação e nele poderá ser encontrada uma pequena revisão da literatura, a identificação da metodologia e dos dados necessários para esta investigação, assim como os principais resultados e conclusões relativas às sessões de *Focus Groups* e aos Questionários.

## **Perspetivas Futuras de Investigação**

Com uma perspetiva no futuro, seria interessante e proveitoso investir na realização e produção da narrativa audiovisual “HELLO, AVÓS!”, que foi conceptualizada no contexto da investigação.

Seria também interessante pensar numa estratégia *transmedia* de divulgação e promoção da Docuficção, através de várias plataformas de comunicação. Posteriormente, considera-se que teria igualmente interesse avaliar a forma como o público reagiria ao artefacto audiovisual e como a mensagem era compreendida pelas diferentes gerações.

# Bibliografia

Amaro, A., Oliveira, L., & Veloso, A. (2016). "Let's build our family tree!": grandparents and grandchildren using tablets together. *Procedia Computer Science*, 100, 619-625. Retrieved from <http://dx.doi.org/10.1016/j.procs.2016.09.203>

Anderson, M. (2017, Maio, 17). Technology use among seniors [Web log post]. Retrieved from <http://www.pewinternet.org/2017/05/17/technology-use-among-seniors/>

Anderson, K., Harwood, J., Lin, M., & Soliz, J. (2005). Friends and Allies: Communication in Grandparent-Grandchild Relationship. 65-80. Retrieved from [https://www.corwin.com/sites/default/files/upm-binaries/11844\\_Chapter4.pdf](https://www.corwin.com/sites/default/files/upm-binaries/11844_Chapter4.pdf)

Aroldi, P., Carlo, S., & Colombo, F. (2014). "Stay Tuned": The Role of ICTs in Elderly Life. IOS Press, 145-156. Retrieved from <http://ebooks.iospress.nl/publication/37288>

Ayuso, M., Bravo, J., & Holzmann, R. (2015). Population Projections Revisited: Moving beyond convenient assumptions on fertility, mortality and migration Part 1: Revisiting the Projection Assumptions on Demographic Drivers by International Organization, National Institutes, and Academic Literature. Retrieved from [goo.gl/ZJZZHt](http://goo.gl/ZJZZHt)

Bangerter, L., & Waldron, V. (2014). Turning Points in Long Distance Grandparent– Grandchild Relationships. *Journal of Aging Studies*, 29, 88-97. Retrieved from <http://dx.doi.org/10.1016/j.jaging.2014.01.004>

Bates, J., & Taylor, A. (2016). Positive Affect and Depressive Symptoms: What Dimensions of Grandfather Involvement Matter?. *Journal of Intergenerational Relationships*, 14(2), 93-103. doi: 10.1080/15350770.2016.1160730

Beaver, L. (2017, Janeiro 6). Here's How Millennials Are Impacting The Future of Communication [Web log post]. Retrieved from [goo.gl/7VyBMj](http://goo.gl/7VyBMj)

Biggs, S., Dow, B., Joosten, M., & Kimberley, H. (2016). Age Encounters: Exploring Age and Intergenerational Perceptions. *Journal of Intergenerational Relationships*, 14(2), 104-118. doi: 10.1080/15350770.2016.1160731

- Boström, A., & Schmidt-Hertha, B. (2017). Intergenerational Relationships and Lifelong Learning. *Journal of Intergenerational Relationships*, 15(1), 1-3. doi: 10.1080/15350770.2017.1260408
- Bradley, L., Sánchez, M., & Kaplan, M.S. (2015). Using Technology to Connect Generations: Some Considerations of Form and Function. *Media Education Research Journal*, 95-103. Retrieved from <http://eprints.rclis.org/25450/>
- Breheny, M., Spilsbury, L., & Stephens, C. (2013). Involvement Without Interference: How Grandparents Negotiate Intergenerational Expectations in Relationships With Grandchildren. *Journal of Family Studies*, 19(2), 174-184. doi: 10.5172/jfs.2013.19.2.174
- Brown, J. (2010). Scripting the Docufiction: Combining the Narrative and Documentary Modes in a Social Issue Film. (Master's thesis, University of Denver). Retrieved from <http://digitalcommons.du.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1091&context=etd>
- Cameracotidiana. (2012). Produção Audiovisual. Retrieved from <https://taessl.files.wordpress.com/2015/10/generos-e-formatos.pdf>
- Costa, J. & Paiva, N. (2015). A influência da Tecnologia na Infância: Desenvolvimento ou Ameaça?. *Portal dos Psicólogos*. 1-13. Retrieved from <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf>
- Costa, M. (2012, Outubro 26). A importância do vídeo como ferramenta de comunicação na Internet. [Web Log Post]. Retrieved from [goo.gl/uRZ9Xs](http://goo.gl/uRZ9Xs)
- Cotta, C. (2015, Julho 26) Avós se Conectam à Tecnologia para Manter Contato com Netos [Web log post]. Retrieved [goo.gl/GPeBdp](http://goo.gl/GPeBdp)
- Cruz, E. (2005, Junho 26). A grande literatura de Marcel Proust e o cinema [Web log post]. Retrieved from [goo.gl/HYUnDv](http://goo.gl/HYUnDv)
- Domingo, K. (2014). Afeto, a família moderna e a tecnologia: As Influências na Vida Moderna. Retrieved from [goo.gl/oVFE1G](http://goo.gl/oVFE1G)
- Downey, J., McGaughey, R., McMurtrey, M., & Zeltmann, S. (2011). Seniors and Technology: Results From a Field Study. *Journal of Computer Information Systems*, 51(4), 22-30. Retrieved from <https://doi.org/10.1080/08874417.2011.11645498>

- Dutta, S., Geiger, T., & Lanvin, B. (2015). The Global Information Technology Report 2015. Retrieved from [http://www3.weforum.org/docs/WEF\\_Global\\_IT\\_Report\\_2015.pdf](http://www3.weforum.org/docs/WEF_Global_IT_Report_2015.pdf)
- Edwards, M. (2015, Março, 17). How Social Media Has Changed How We Communicate [Web log post]. Retrieved from <https://fowmedia.com/social-media-changed-communicate/>
- Eliot & Associates (2005). Guidelines for Conducting a Focus Group. Retrieved from [https://assessment.trinity.duke.edu/documents/How\\_to\\_Conduct\\_a\\_Focus\\_Group.pdf](https://assessment.trinity.duke.edu/documents/How_to_Conduct_a_Focus_Group.pdf)
- Floyd, K., Mansson, D., & Soliz, J. (2017). Affectionate Communication Is Associated With Emotional and Relational Resources in the Grandparent-Grandchild Relationship. *Journal of Intergenerational Relationships*, 15(2), 85-103. doi: 10.1080/15350770.2017.1294007
- Forghani, A., & Neustaedter, C. (2014). The Routines and Needs of Grandparents and Parents for Grandparent-Grandchild Conversations Over Distance. *Social Media for Relationships*, 4177-4186. Retrieved from <http://clab.iat.sfu.ca/pubs/Forghani-Grandparents-CHI.pdf>
- Google Data (2016). How People Use Their Devices. Retrieved from <https://storage.googleapis.com/think/docs/twg-how-people-use-their-devices-2016.pdf>
- Guadagno, R., & Okdie, B. (2008). Social Influence and Computer Mediated Communication. 477-491. Retrieved from <http://onlinesocialinfluence.net/.pubs/Okdie&Guadagno.pdf>
- Hallet. (s.d.). Elements of Fiction – Narrator/Narrative. Technical report, Carrollwood Day School, Tampa. Retrieved from <https://www.carrollwooddayschool.org/uploaded/documents/ElementsofFiction6-4-10.pdf>
- Hoenisch, M., & Sapino, R. (2011). What is a Documentary Film: Discussion of the Genre. Retrieved from [http://www.jfki.fu-berlin.de/academics/SummerSchool/Dateien2011/Papers/hoenisch\\_sapino.pdf](http://www.jfki.fu-berlin.de/academics/SummerSchool/Dateien2011/Papers/hoenisch_sapino.pdf)
- Huizhen, T. (2012). Docufiction in the Digital Age. (Bachelor's thesis, National University of Singapore). Retrieved from [https://jeunescoeurs.files.wordpress.com/2012/06/honours\\_thesis.pdf](https://jeunescoeurs.files.wordpress.com/2012/06/honours_thesis.pdf)

Hunt, D. (2012). Technology and the grandparent-grandchild relationship: learning and interaction (Master's thesis, The University of Toledo). Retrieved from <http://utdr.utoledo.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1359&context=theses-dissertations>

Hurme, H., Quadrello, T., & Westerback, S. (2010). Traditional and New Forms of Contact Between Grandparents and Grandchildren. *Journal of Intergenerational Relationships*, 8(3), 264-280. doi: 10.1080/15350770.2010.498739

Hynes, J. (2014). Writing Great Fiction: Storytelling Tips and Techniques. Retrieved from [goo.gl/bnMNqJ](http://goo.gl/bnMNqJ)

Inovaparc (2016, Junho 8). O impacto das novas tecnologias na sociedade [Web log post]. Retrieved from <https://www.inovaparc.com.br/o-impacto-das-novas-tecnologias/>

Jong, W. (1996). The Creative Documentary. Retrieved from <https://www.oica-student.com/sites/default/files/oica-content/key-resources/res-files/wilmadejong.pdf>

Jung, J.-Y., & Loges, W. (2001). Exploring the Digital Divide: Internet Connectedness and Age. *Communication Research*, 28(4), 536-562. Retrieved from [goo.gl/tAj4R5](http://goo.gl/tAj4R5)

Kitzinger, J. (1995). Qualitative research. Introducing focus groups. *PubMed*, 311, 299-302. Retrieved from <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2550365/pdf/bmj00603-0031.pdf>

Krisikova, E., Stasova, L. (2014). Relationships Between Children and Their Grandparents and Importance of Older Generations in Lives of Today's Families. *EDP Sciences*. doi: 10.1051/shsconf/20141000044

Laing, N. (2016, Maio 23). Boardroom Body language: What we can learn from criminals (Part 1). [Web Log Post]. Retrieved from [goo.gl/J4o5GC](http://goo.gl/J4o5GC)

Lawson, S. (2009, Dezembro 2). The 38th Signal: An Open Invite to Jason Fried [Web log post]. Retrieved from <http://susanlawson.blogspot.pt/search?q=what+is+fiction>

Lawson, S. (2009). What is Fiction?. 1. Retrieved from <http://www.susanlawson.net/Fiction.pdf>

- Luís, C. (2016). Avós digitais: Os usos sociais da videochamada na comunicação intergeracional familiar (Master's thesis, Instituto Universitário de Lisboa). Retrieved from [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/12784/1/DISSERTACAO\\_FINAL\\_CL\\_36607\\_28-10-2016.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/12784/1/DISSERTACAO_FINAL_CL_36607_28-10-2016.pdf)
- Mansson, D. (2016). The Joy of Grandparenting: A Qualitative Analysis of Grandparents. *Journal of Intergenerational Relationships*, 14(2), 135-145. doi: 10.1080/15350770.2016.1160738
- Martins, R., & Santos, A. (2001). Ser Idoso Hoje. 1-8. Retrieved from <http://www.ipv.pt/millennium/Millennium35/8.pdf>
- McGrath, S. (2012). The Impact of New Media Technologies On Social Interaction in the Household. Retrieved from <https://www.maynoothuniversity.ie/sites/default/files/assets/document/SiobhanMcGrath.pdf>
- McMillan, S., & Morrison, M. (2010). Coming of age with the internet: A qualitative exploration of how the internet has become an integral part of young people's lives. *New Media and Society*, 8(1), 73–95. doi: 10.1177/1461444806059871
- Nascimento, I. (2017). Apontamentos: Como se escreve um roteiro (Para Cinema). 1-43. Retrieved from <https://docgo.org/material-oficina-de-roteiro-doc>
- Nelson, T (2011). Ageism: The Strange Case of Prejudice Against the Older You. Springer Science+Business Media. 37-47. doi 10.1007/978-1-4419-6293-5\_2
- Nichols, B. (2001). Introduction to Documentary. Indiana University Press. Retrieved from <http://www.quintadimensao.net/loop/data/air/UE/Bill%20Nichols%20-%20Introduction%20to%20documentary.pdf>
- Novak, H. (2012). Staying Connected: Technology use in grandparent-grandchild relationships (Master's thesis, University of North Texas). Retrieved from [https://digital.library.unt.edu/ark:/67531/metadc177236/m2/1/high\\_res\\_d/thesis.pdf](https://digital.library.unt.edu/ark:/67531/metadc177236/m2/1/high_res_d/thesis.pdf)
- Nycyk, M., & Redsell, M. (2011). Intergenerational Relationships and Community Computer Training: Overcoming the Digital Divide. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9(1), 85-89. doi: 10.1080/15350770.2011.544216

Oblinger, D., & Oblinger, J. (2012). Is It Age or IT: First Steps Toward Understanding the Net Generation. Retrieved from [goo.gl/28oe8L](http://goo.gl/28oe8L)

Peixoto, R. (2015). A Relação entre Avós e Netos. Efeitos no Desenvolvimento Vocacional, na Construção de Significados de Trabalho e no Auto-conceito Académico (Doctoral Dissertation, Universidade do Porto). Retrieved from [https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/pub\\_geral.show\\_file?pi\\_gdoc\\_id=906449](https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=906449)

Pereira, F. (2011). Novos Media e Relacionamentos Inter-Geracionais (Master's thesis, Universidade de Aveiro). Retrieved from [https://ria.ua.pt/bitstream/10773/7599/1/Filipa%20Rodrigues\\_Dissertação.pdf](https://ria.ua.pt/bitstream/10773/7599/1/Filipa%20Rodrigues_Dissertação.pdf)

Perez, L. (s.d.). Técnicas de estrutura da narrativa [Web log post]. Retrieved from <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/redacao/tecnicas-estrutura-narrativa.htm>

Ponte, C., Simões, J., Batista, S., Jorge, A., & Castro, T. (2017). CRESCENDO ENTRE ECRÃS: Usos de meios eletrónicos por crianças (3-8 Anos). ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social. doi: 10.13140/RG.2.2.21978.54721

Quivy, R., & Campenhoudt, L. Van. (1998). Manual de investigação em ciências sociais. Gradiva, Lisboa, 2nd edition. Retrieved from <http://www.fep.up.pt/docentes/joao/material/manualinvestig.pdf>

Rofail, M., & Sims, M. (2014). Grandparents with Little or No Contact with Grandchildren-Impact on Grandparents. Journal of Aging Science, 2(1), 1-7. Retrieved from <http://dx.doi.org/10.4172/2329-8847.1000117>

Roser, M. (2017). Fertility. Retrieved from <https://ourworldindata.org/fertility/>

Rouse, M. (2015, Janeiro). Web 2.0 [Web log post]. Retrieved from <http://whatis.techtarget.com/definition/Web-20-or-Web-2>

Soares, S. (2007). Documentário e Roteiro de Cinema: Da pré produção à pós-produção. (Doctoral dissertation, Universidade Estadual de Campinas). Retrieved from <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp141999.pdf>

Thakur, G. (2017). Social media in society: A boon or a bane. *International Journal of Commerce and Management Research*, 3(1), 51-53. Retrieved from [www.managejournal.com/download/307/1-12-60-365.pdf](http://www.managejournal.com/download/307/1-12-60-365.pdf)

Tompkins, C. (2017). Creating an Intergenerational-Friendly World. *Journal of Intergenerational Relationships*, 15(3), 201-203. Retrieved from <https://doi.org/10.1080/15350770.2017.1330500>

Trikha, R. (2015, Abril 21). The History of 'Hello, World' [Web log post]. Retrieved from <https://blog.hackerrank.com/the-history-of-hello-world/>

Vicente, H. (2010). *Família Multigeracional e Relações Intergeracionais: Perspectiva Sistémica* (Doctoral Dissertation, Universidade de Aveiro). Retrieved from <http://ria.ua.pt/handle/10773/3318>

Younes, M., & Zoubi, S. (2015). The Impact of Technologies on Society: A Review. *Journal Of Humanities And Social Science*, 20(2), 82-86. doi: 10.9790/0837-20258286

Yu, B. (2011). Computer-Mediated Communication Systems. *TripleC*, 9(2), 531-534. Retrieved from <http://www.triple-c.at/index.php/tripleC/article/download/309/299>





# ANEXOS

Os anexos da presente dissertação de mestrado encontram-se no CD relativo a este documento.

## **Anexos Digitais:**

**Anexo I** – Questionário: Avós/Netos

**Anexo II** – Transcrição do Focus Group dos Avós

**Anexo III** – Transcrição do Focus Group dos Netos

**Anexo IV** – Transcrição do Focus Group dos Especialistas na Área

**Anexo V** – Respostas dos Questionários

**Anexo VI** - Guião da Narrativa "HELLO, AVÓS!"